

AMÁLIA INÉS GERAIGES DE LEMOS

"UM EXEMPLO DE PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO  
RECENTE NA PERIFERIA DA GRANDE SÃO PAULO:  
O MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA"

Tese de Doutorado apresentada  
ao Departamento de Geografia da  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas, da Universida-  
de de São Paulo

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Pasquale Petrone.

A mi madre, que me enseñó a valorizarme  
por el trabajo.

A mis hijas Caioã, Janaína y Bartira Anahy,  
por el sacrificio compartido.



"O confronto com a realidade da periferia levanta em nós uma série de questionamentos, de sentimentos (impotência, angústia), que podem ser aprofundados e gerar uma novidade de vida transformando-a em decisão consciente, atitudes, trabalho sistemático ou ficar no nível da primeira impressão, que, mais cedo ou mais tarde, se esquece e não muda nossa vida."

Roteiro de reflexão das Comunidades  
Universitárias de Base - Região Leste da Metrópole Paulista - Fevereiro de 1979.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho, cuja redação foi finalizada em janeiro de 1980, teve sua origem a 15 anos atrás quando, como bolsista da O.E.A. em 1964 chegavamos ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Por primeira vez na vida tomamos contato com uma metrópole e sua realidade e nossos olhos foram abertos para esses fenômenos pelo Prof. Dr. Ary França. A ele portanto, os nossos primeiros e sinceros agradecimentos.

No ano de 1978 tivemos a oportunidade de colaborar com o Prof. Dr. Manuel Fernando Gonçalves Seabra no Curso de Geografia Urbana e seus conhecimentos vivenciados e profundos dos problemas sobre urbanização, nos serviram para abrir novos horizontes, foram como que a porta de entrada do empírico para o teórico.

Aliás, sem o auxílio de nossos colegas do Departamento, com quem tivemos sempre a maior abertura para discutir e meditar em grupo sobre os mais variados assuntos; sem o questionamento dos alunos nos obrigando a aprofundar cada vez mais nossos conhecimentos e sem a preciosa ajuda de muitas pessoas, cientistas ou não que colaboraram conosco, acreditamos que não teríamos chegado a concretizar essa tese para doutoramento.

Aproveitamos pois aqui para lembrar aos cientistas em geral e ao geógrafo em particular, a necessidade absoluta do trabalho desinteressado de equipe, mormente em se tratando das ciências sociais.

Com respeito ao presente trabalho a lista dos agradecimentos é grande. Como não é possível relacionar todos aqueles, que nos incentivando com a palavra, com o empréstimo de livros, etc., nos ajudaram enormemente também, lembro nominalmente os que mais diretamente nos foram imprescindíveis.

- O nosso grande agradecimento é para o povo de Itaquaquecetuba, que em todo momento nos acolheu e esteve aberto ao diálogo, permitindo-nos penetrar nas suas realidades quotidianas. Incluímos nesse povo acolhedor o Padre Enzo Venditti da Paróquia Nossa Senhora da Ajuda que nos abriu o caminho para a Pastoral da Juventude. Esses jovens estiveram à nossa disposição para a aplicação dos questionários abreviando o tempo e o esforço dessa fase do trabalho.

- Ao Padre João Carlos Petrini e a Pastoral Universitária de São Paulo em agradecimento também pela sua colaboração para que penetrássemos na realidade das Comunidades Eclesiais de Base da Região Leste de São Paulo, vivenciando a sua problemática.

Nossos agradecimentos também:

- Ao Sr. Waldemar Corrêa Ex. Chefe do Cadastro da Prefeitura de Itaquaquecetuba.

- A Terezinha de Noronha Porto, Encarregada da Merenda Escolar da Prefeitura e a sua Assistente Maria Aparecida Monteiro que tanto colaboraram com esclarecimentos e acompanhando-nos nas visitas pelo Município.

- A Regina de Azevedo, pela acolhida que nos deu e pelos contatos que propiciou no campo de trabalho.

- Ao Prefeito de Itaquaquecetuba, Sr. Benedito Barbosa, por facilitar-nos as pesquisas na Prefeitura.

- Ao pessoal da EEMPLASA.

- As nossas colegas e amigas: Profs.Drs.Lilian Zulma Coltrinari e Olga Cruz que nos ajudaram a interpretar a geomorfologia da área.

- Ao Chefe do Departamento de Geografia, Prof. Dr. Antonio Rocha Penteado, sempre disposto a nos dar incentivo e tempo para o trabalho.

- Aos colegas e amigos: Profa. Maria Helena Ramos Simieli, Moacyr Marques e Flávio Sammarco Rosa, Odete Seabra e Profa. Dra. Liliana Laganá Fernandez.

- Aos alunos Margareth Bento Meireles e Ricardo Gurgel Azzi que nos acompanhavam frequentemente nas viagens de pesquisa.

- Ao pessoal da Secretaria do Departamento de Geografia, em especial a Julieta Silva Leite Candella, pelas preocupações e incomodos que lhe demos.

- Ao mestre e amigo Prof. Dr. José Ribeiro de Araújo Filho por sua ajuda, conselhos e incentivo.

- A grande amiga Profa. Dra. Maria Cecília França, por estar a nossa disposição em todo e qualquer momento.

- Ao nosso orientador, Prof. Dr. Pasquale Petrone, um agradecimento muito especial, por ser mestre, amigo, conselheiro, participante das nossas dúvidas e angústias, ajudando-nos a tornar menos áridos esses 11 anos de pesquisa.

- Ao Nívio esposo e amigo, com cuja ajuda, incentivo a participação contínua nas reflexões, foi possível que esta chegasse ao fim.

- Por último, nossos agradecimentos também a todos aqueles que nos deram apoio espiritual e material para poder trabalhar tranquila; em especial as nossas ajudantes do lar Gildete Vieira de Carvalho e Jandira Martins que na sua simplicidade souberam compreender o valor do nosso trabalho deixando-nos livre das tarefas domésticas.

## ÍNDICE

	pág.
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
ITAQUAQUECETUBA INTEGRADA NA GRANDE SÃO PAULO	
- Aspectos Estruturais da Integração .....	14
- Aspectos Funcionais da Integração .....	35
- Aspectos Conservadores em Desintegração Local..	51
CAPÍTULO II	
FASES QUE PRECEDERAM AO PROCESSO INTEGRADOR	
- Do Aldeamento Indígena ao Cinturão Caipira.....	76
- Do Cinturão Caipira ao Cinturão Verde .....	97
CAPÍTULO III	
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO À METRÓPOLE	
- A Capital Estendendo seus Tentáculos .....	124
- A Penetração da Indústria .....	142
CAPÍTULO IV	
ITAQUAQUECETUBA ENTRA NO SISTEMA DE ACUMULAÇÃO	
- Satélite de um Sistema mais amplo da Economia de mercado .....	166
BIBLIOGRAFIA .....	187

## ÍNDICE DE CARTAS, FIGURAS E TABELAS

- Carta nº 1 - Localização na Grande São Paulo
- Carta nº 2 - Carta Secção Topográfica
- Carta nº 3 - Carta Geomorfológica - Esc. 1:25.000
- Carta nº 4 - Carta Funcional do Centro de Itaquaquecetuba
- Carta nº 5 - Carta Esbôço de Uso do Solo do Município de Itaquaquecetuba - Esc. 1:10.000
- Carta nº 6 - Carta Uso do Solo - Esc. 1:25.000, levantamento Aerofotogramétrico 1.962.
- Carta nº 7 - Carta Uso do Solo - Esc. 1:40.000, levantamento Aerofotogramétrico 1.977.
- Carta nº 8 - Localização de Itaquaquecetuba nos Campos de Piratininga.
- Carta nº 9 - Localização no Cinturão Caipira
- Carta nº 10 - Levantamento Funcional da "Estrada do Corredor", 1951.
- Figura nº 11 - Pirâmide de População
- Tabela nº 1 - Loteamentos do Município de Itaquaquecetuba
- Tabela nº 2 - Arruamentos e Estradas do Município de Itaquaquecetuba
- Tabela nº 3 - Aspirações da População do Município de Itaquaquecetuba.
- Tabela nº 4 - Preço da terra no Município de Itaquaquecetuba.
- Tabela nº 5 - Ano de Instalação das Indústrias no Município de Itaquaquecetuba

- Tabela nº 6 - Localização das indústrias no Município de Itaquaquecetuba - Lugar de Origem
- Tabela nº 7 - Tipos de Indústrias
- Tabela nº 8 - Tipo de Indústria - Mão de Obra Especializada
- Tabela nº 9 - Tipo de Indústria - Lugar Social na Produção.
- Tabela nº 10 - Estrangeiros nas Indústrias
- Tabela nº 11 - Níveis Salariais da Mão de Obra Industrial
- Tabela nº 12 - Evolução do Cinturão Verde da Grande São Paulo
- Tabela nº 13 - Tipos de Culturas - Preço da terra da Região Leste da Grande São Paulo
- Tabela nº 14 - Percentuais das áreas cultivadas dos Municípios da Região Leste em Relação à Superfície Municipal
- Tabela nº 15 - População dos Aldeamentos
- Tabela nº 16 - Crescimento Demográfico da Grande São Paulo
- Tabela nº 17 - Crescimento da População da Grande São Paulo, nos censos de 1940 a 1970.
- Tabela nº 18 - Evolução da População Urbana nos Censos de 1940 a 1970.
- Tabela nº 19 - Origem da população do Município de Itaquaquecetuba.
- Tabela nº 20 - Tempo de Residência no Município de Itaquaquecetuba.
- Tabela nº 21 - Tempo de Residência nessa moradia.
- Tabela nº 22 - Penúltima Residência



Tabela nº 23 - População que se ausentou do Município de  
Itaquaquetuba

Tabela nº 24 - População Inquerida

Tabela nº 24-A - Número de pessoas por Domicílio

Tabela nº 25 - Grau de Instrução

Tabela nº 26 - Mudança de Setores de Atividades

Tabela nº 27 - Grupo de Atividades - Local de Trabalho

Tabela nº 28 - Setor de Atividade - Níveis Salariais

Tabela nº 29 - Níveis Salariais - Equipamento Doméstico

Tabela nº 30 - Deslocamento da População Urbana de Itaqua  
quetuba

Tabela nº 31 - Abastecimento da População Urbana de Ita -  
quaquetuba

Tabela nº 32 - Serviços de Saúde

## INTRODUÇÃO

O grande Mestre Max Sorre diz que não há coisas simples em Geografia e muito menos quando se trata do homem, "os fenômenos são complexos, ricos e difíceis de apreender" (1). Nessa idéia compartilhada, a Cidade, como maior expressão social do espaço, é a realidade mais complexa que o geógrafo enfrenta para interpretar.

A partir do momento em que, como decorrência do processo de urbanização acelerada se formam as Metrôpoles, há uma nova premissa que orienta as pesquisas de todos os cientistas sociais preocupados com o fato. Surgem definições e explicações a partir de relações numéricas e até de conceitos mais profundos do complexo econômico-social.

Ao mesmo tempo em que a preocupação com essa realidade aumenta, há todo um vocabulário criado para poder exprimir essa circunstância, fala-se em termos de cidade - subúrbio, cidade-campo, núcleo-periferia, etc... Definem-se áreas, rotulam-se zonas, "regiões", enfim procura-se um arcabouço conceitual para tentar explicar uma situação concreta vivida por milhões de pessoas que residem nas áreas metropolitanas.

Mas se a grande cidade, "crescendo caoticamente, se revela, cada vez mais, uma fonte de incomodidades (de mal-estar), de alienação, de ansiedade, de frustrações, porque o homem continua em forma vertiginosa a correr para a cidade?" se pergunta Guidicci. Porque cada vez mais se va-

loriza o tipo de civilização urbana, negando-se os valores da vida rural? agregaríamos nós.

O mesmo autor responde: é na cidade que existe "o mal do excesso, no campo se vive o mal da carência, do isolamento, da distância, da perda das relações com um mundo em constante e rápida evolução" (2).

Essa carência em "se arraigar", do homem em relação ao campo, é uma consequência do sistema econômico que incentiva as desigualdades entre a cidade e o meio rural.

Ao serem introduzidas as relações de produção capitalista nas atividades agrárias é liberada grande quantidade de mão-de-obra. Uma outra circunstância pode ser mencionada: a falta de disponibilidade de áreas cultiváveis, motivada por uma deficiente distribuição da mesma e por várias outras razões. Dentre elas não se pode deixar de mencionar a atração que exerce a cidade pela propaganda que dela é feita. Ou ainda, a existência de uma série de serviços que, embora deficientes, não são encontrados no campo de uma forma geral; quando existem, são numericamente inexpressivos e pouco eficientes.

É um sonho de "consumo" que a cidade grande representa para essa população que chega, embora depois em contato com ela, a realidade que se lhe apresenta, é outra.

O campo é abandonado por ser um espaço pobre, limitado, sem grandes perspectivas, e a cidade é vista como uma nova descoberta de vida, como o paraíso onde serão so-

lucionados todos os problemas. O camponês vê na cidade o lugar onde existe toda classe de comércio, de bens raros, de funções várias, onde a febre de consumismo do sistema econômico lhe sugere mil e uma possibilidades. Embora na cidade a pobreza também exista nos cortiços, nas pensões, nas favelas, êle só vê o brilho que a propaganda lhe mostra. Mas não se vê que a poucos quilômetros dessa cidade, existe uma outra realidade que irá viver: a da periferia, constituída por um semeadouro de fábricas e dormitórios de tijolo mal acabados.

\*

\* \*

Nosso interesse pelos processos de metropolização foi despertado por ocasião de nossa participação nas aulas de Geografia Urbana, em 1965, ministradas pelo Prof. Dr. Ary França.

Dessa motivação que se tornou inquietude, surge em 1972, a dissertação de mestrado sobre "Cotia e sua participação na Faixa Periférica da Metrôpole Paulista", sob a Orientação do Prof. Dr. Pasquale Petrone.

Naquele momento, estando nosso interesse voltado só para o estudo da área urbana do município, tivemos já que tomar contato com uma série de fatos com significado para a área rural (loteamentos, sítios de fim de semana, clubes de campo, etc.), produto do processo de metropolização da Capital paulista. Estes fatos, organizados pela Metrôpole, começam geralmente a se fazer sentir nas áreas rurais para, posteriormente, atingir os núcleos urbanos.

Por essa época também (1969, 1970, 1971) participamos da pesquisa empírica nas áreas urbanas de Embú, Barueri e Santana do Parnaíba, que fizeram com que tivéssemos uma boa experiência da ocorrência dos problemas da periferia Oeste de São Paulo (3).

Quando decidimos sobre a possibilidade de realização da tese de Doutorado, nosso interesse foi logo atraído para a região Leste da Metrôpole paulista. Os motivos? Vários, entre eles por ser a zona Leste uma área de ocupação humana muito antiga que começou, em consequência da Estrada de Ferro Central do Brasil, a participar da vida da Metrôpole com bastante antecipação. Nessa área, Itaquaquetuba parecia viver um pouco à margem do processo, o que chamou mais ainda nossa atenção.

Nossa idéia era sentir nessa direção a forma em que se processam os fatos urbanos marcantes que organizam os territórios circundantes a toda grande cidade, São Paulo, no caso. Julgamos então que a tese deveria ser ela

borada como representativa de um novo momento na evolução do nosso pensamento científico, adquirido ao longo desses anos, privilegiando-se um outro nível de preocupações.

Os objetivos propriamente ditos, visavam estudar Itaquaquecetuba, inserida na Metrôpole, participando dos seus problemas urbanos - em termos de reprodução da força de trabalho - por ser ela uma etapa dentro do processo econômico que organiza a Capital do Estado.

A premissa que orienta a pesquisa é o processo histórico do país, dentro de uma economia capitalista, mas destacamos apenas a Metrôpole paulistana como segmento desse processo, isto é, produto e fator importante do mesmo.

Citamos Castells para explicar a afirmação antes feita: "Numa cidade, há também fábricas, escritórios, todas as modalidades de atividades. Por outro lado, o processo de acumulação do capital, a realização da mercadoria, a gestão da sociedade, fazem-se, no essencial, nas cidades ..." (4).

O surgimento de Metrôpoles ou áreas metropolitanas é uma característica atual do processo de urbanização.

- O que é uma Metrôpole?

- Existe realmente Metrôpolé nos países dependentes?

Procuramos uma série de definições tanto em Geógrafos como em Sociólogos.

Para a escola francesa representada por Derruau, Beaujeau Garnier, Chabot e Pierre George, Metrôpole seria um sistema urbano espacial que possui um núcleo (pelo menos) - a cidade central - densamente povoado e uma área ocupada contígua que, considerada em conjunto, evidencia um alto grau de interação e de interdependência social interna.

A Metrôpole organiza ao seu redor a área suburbana, administrativamente fora do município da cidade mas dependente dela.

Max Sorre considera as metrópoles com uma grande individualidade geográfica, que "imprimem ao desenvolvimento da humanidade uma direção nova" (5) e se caracterizam estatística, morfológica, funcional e ecológicamente.

Analisando o Processo de Metropolização no Brasil Lysia Bernardes opina que a expansão dos aglomerados urbanos com "novas formas de povoamento suburbano e da aglutinação de centros locais preexistentes tem resultado na metropolização de amplas áreas periféricas às grandes cidades, constituindo como que uma coroa ou franja pioneira urbana, na qual se justapõem e se opõem usos urbanos e rurais" (6).

Langenbuch lembra que é um tipo especial de cidade, não tanto pela sua dimensão como também "por uma série de fatos, quer de natureza quantitativa, quer de natureza qualitativa" (7).



Entre os sociólogos procuramos ver a opinião de Castells a respeito. Este acha que é uma formação, produto da urbanização contemporânea dos países desenvolvidos (o grifo é nosso). Ele caracteriza a Metrôpole como "a nova forma" onde "a difusão das atividades e funções no espaço e a interpenetração dessas atividades segundo uma dinâmica independente da contiguidade geográfica" (8).

Analisa o citado autor a Metrôpole como uma nova forma urbana do capitalismo de hoje. Dentro da área territorial metropolitana acontece todo tipo de atividade: a de produção (inclusive a agricultura), a de consumo ou de comércio, as vezes concentradas geograficamente, as vezes dispersas dentro do conjunto da Metrôpole. "O comércio concentra a venda de produtos raros e organiza a distribuição maciça do consumo cotidiano. O sistema de transporte segue os fluxos determinados pela implantação das atividades, e serve de dinamizador do aglomerado" (9).

A evolução dos meios de transporte e das diversas formas de comunicação possibilitam as relações dentro da área metropolitana, intensa e ininterruptamente. Os transportes coletivos asseguram a integração das diferentes zonas e atividades da Metrôpole.

A distribuição dos produtos agrícolas diariamente permite à Metrôpole um abastecimento rápido, sem o qual não conseguiria subsistir.

A descentralização da fase de produção da fase de distribuição e gestão dentro do processo industrial, é

na Metrôpole que consegue se realizar, graças aos meios de comunicação: telex, telefone, rádio, etc.. Enfim, a importância crescente da gestão está fazendo com que esta, cada vez mais, dependa do complexo urbano.

Por outro lado é na área metropolitana que se marca no espaço uma separação nítida e clara dos bairros residenciais e dos serviços, como resultante do poder aquisitivo, dos níveis sócio-econômicos das diferentes camadas sociais.

Resumindo, podemos lembrar ainda Castells quando afirma: "...o que caracteriza uma Metrôpole é a influência que exerce, em termos funcionais, econômicos e sociais, num determinado conjunto territorial..."(10). Implicaria isso a inserção da Metrôpole numa rede urbana, sendo ela a cidade principal que domina e administra outras unidades, embora se submeta ao controle de uma unidade reguladora superior.

Nossa premissa partiu desses conceitos até aqui apontados. Para Castells, nos países dependentes não existiriam metrôpoles, uma vez que a força industrial instalada não consegue absorver a massa do exército de reserva que existe.

Para ele, o crescimento acelerado das grandes aglomerações desses países se deve, em especial, ao aumento da taxa do crescimento vegetativo, tanto urbano como rural, e às migrações internas rural-urbanas.

Para a cidade de São Paulo não poderíamos en-  
dossar as afirmações de Castells. Procuraremos demonstrar  
que, à medida em que o processo de acumulação do capital e  
da reprodução da força de trabalho valoriza áreas que an-  
tes participavam de um modo pré-capitalista de produção,  
elas entram no modo de produção dominante. Isso acontece  
a partir do momento em que se desenvolve a indústria. A  
partir daí a forma metropolitana vai se concretizando no  
espaço.

\*

\* \*

Nossa metodologia pouco a pouco foi tomando cor-  
po, na medida em que íamos tendo contato com o campo de  
trabalho e com um tratamento teórico que fomos amadurecen-  
do ao longo dos anos de magistério e pesquisa.

Nos propusemos entender uma realidade geográfi-  
ca - a organização do território do município de Itaquaque-  
cetuba - para o que tentamos desde o observar até o expli-  
car, passando ou não pelo descrever, ou interpretar.

Para o apoio teórico consultamos obras como as  
de Manuel Castells, David Harvey, Henri Lefrèvre, Milton

Santos, Paul Singer, Francisco de Oliveira, etc., a partir das quais pudemos meditar sôbre a integração de Itaquaquecetuba na Metrôpole, deslindando o processo que permitiu a entrada no sistema econômico vigente de uma área periférica à Metrôpole.

As outras partes do plano proposto - mais informativas e as de evolução histórica - foram sustentadas em trabalhos como os de Aroldo de Azevedo, Caio Prado Junior, Antonio Rocha Penteado, Juergen Langenbuch e numerosos trabalhos de nosso orientador, Pasquale Petrone.

Essa bagagem teórica foi adquirida concomitantemente com o trabalho de campo. Isso nos permitiu ver a realidade, sem que fôssemos influenciados por nenhum dos autores em especial.

Partindo do geral ao particular, da Metrôpole ao "Subúrbio", do exemplo objetivo-empírico à colocação teórica ou vice-versa, procuramos chegar ao nosso objetivo. Assim, ao longo do processo histórico, buscamos as marcas no território - um município da Grande São Paulo: Itaquaquecetuba -, as mudanças ocorridas pela passagem de uma economia colonial pré-capitalista à uma economia de mercado, sempre respondendo aos interesses da Metrôpole.

As fases explicativas e interpretativas foram enfocadas a partir das relações capitalistas de produção, que atingem toda a sociedade onde elas se inserem. Tais relações e o desenvolvimento das forças produtivas dão configu-

ração específica ao território "... o uso capitalista do território estimula um conflito entre o capital e o trabalho" (11). Esse conflito desencadeia processos na organização do espaço, ditados pelos próprios interesses do capital. O território onde se processam tais conflitos torna-se uma imbricação de fatos que o sistema econômico comanda.

Enfim, nosso ponto de partida foi privilegiando o empírico para chegar à colocação teórica, tendo em vista que o espaço é especialmente conjuntura histórica e forma social. Assim, nosso trabalho só procura ser uma proposta honesta e autêntica do que entendemos como a organização do espaço num "Subúrbio da Grande São Paulo", à luz das propostas assinaladas.

NOTAS DA INTRODUÇÃO

- (1) - SORRE, Max.: - "Les Fondements de la Géographie Humaine", Tome II, Colin, Paris, 1951.
- (2) - GUIDUCCI, Roberto.: - "La Città dei Cittadini". Un'urbanistica per tutti - Rizzoli, Milano, 1976, p. 50, tradução do italiano nossa.
- (3) - Essas experiências de campo resultaram nas seguintes Dissertações de Mestrado:  
OLIVEIRA, Maria Niédja Leite de: "Embu e sua participação no Conjunto da Faixa Periférica da Metropole Paulista". Departamento de Geografia (F.F.L.C.H.), U.S.P., São Paulo, 1972.  
CAVALCANTE, Tércia Correia: "Barueri e sua participação no Conjunto da Faixa Periférica da Metrôpole Paulista", Departamento de Geografia (F.F.L.C.H.), U.S.P., São Paulo, 1979.  
CARLOS, Maria Rodrigues: "Santana do Parnaíba, son rôle dans la zone suburbaine de São Paulo - (Brésil)". Memoire présenté pour l'obtention du Diplôme de Maîtrise en Géographie. Inst. des Hautes Études de L'Amérique Latine, Université de La Sorbonne Nouvelle, Paris, 1973.
- (4) - CASTELLS, M.: - "A Questão Urbana", (posfácio), em: Seleção de Textos, nº 3, A.G.B., São Paulo, 1977, p.3.

- (5) - SORRE, Max.: - "Les Fondements de la Géographie Humaine", Colin, Paris, Tome III, 1952, p. 291 e segs. trad. nossa.
- (6) - BERNARDES, Lysia M. C.: - "Sobre o Processo de Metropolização no Brasil", Rev. Geógr. I.P.G.H., Rio de Janeiro, dezembro, 1969, nº 71, p. 115 e seguintes.
- (7) - LANGENBUCH, J.: - "A Estruturação da Grande São Paulo", I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1971, p. 1.
- (8) - CASTELLS, Manuel.: - "Questões de Investigação em Sociologia Urbana", Ed. Presença, 1977, p. 98.
- (9) - CASTELLS, M.: op. cit., p. 99.
- (10) - CASTELLS, M.: - "La Question Urbaine", trad. nossa, Maspero, Paris, 1975, p. 33.
- (11) - CALABI, D. e INDOVINA, F.: - "Sobre o uso Capitalista do Território", trad. de L. Laganá Fernandes e Moacyr Marques. Em: Archivio di Studi Urbani e Regionali, ano IV, nº 2, junho 1973, (mimeografado), p.3.

ITAQUAQUECETUBA INTEGRADA NA GRANDE SÃO PAULO



## CAPÍTULO I

### ITAQUAQUECETUBA INTEGRADA NA GRANDE SÃO PAULO

#### - ASPECTOS ESTRUTURAIS DA INTEGRAÇÃO

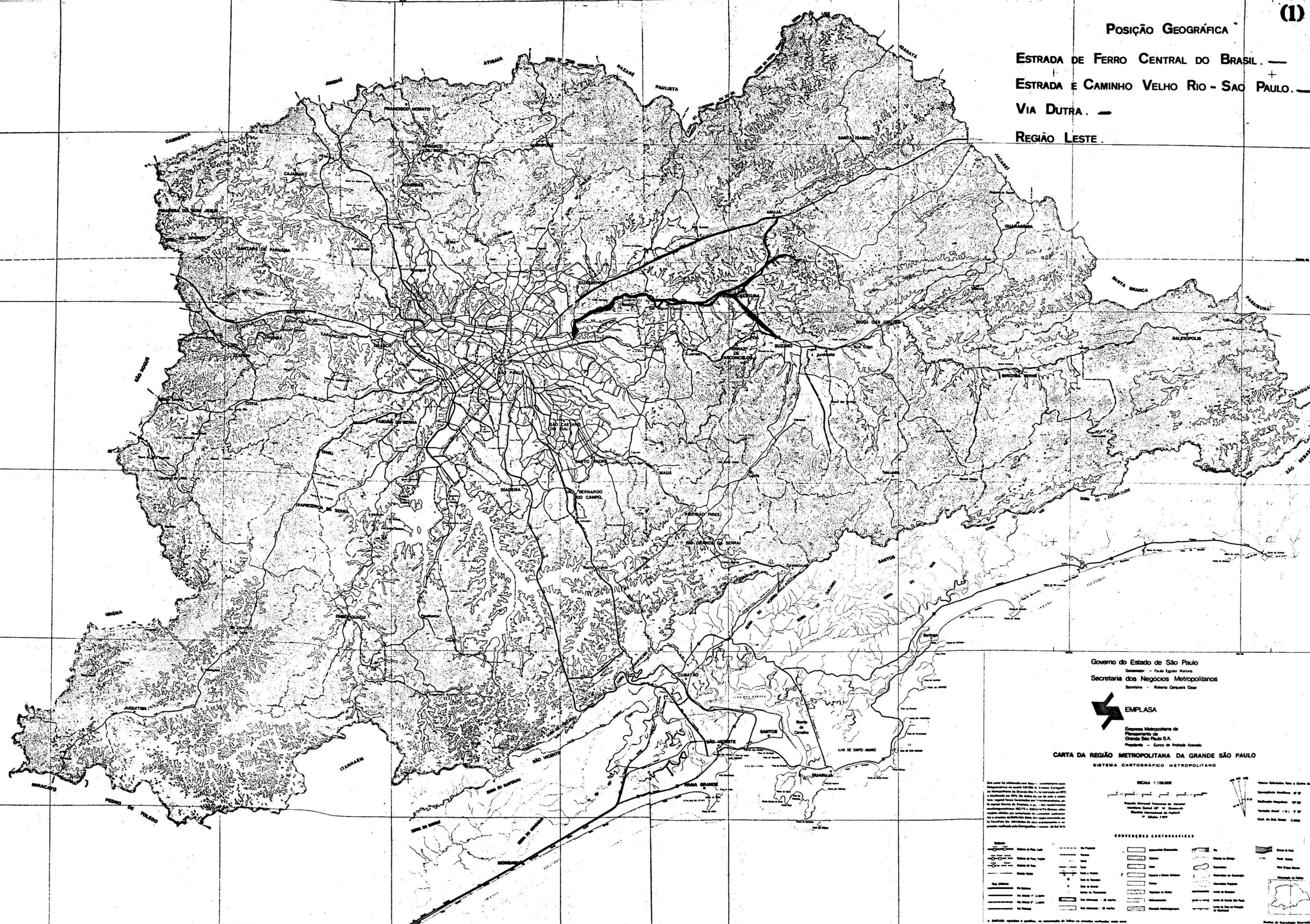
Embora Itaquaquecetuba hoje seja considerada parte da Grande São Paulo a sua integração no complexo conjunto metropolitano é um fato histórico-territorial que data de alguns séculos.

Como a distância que a separa da Capital Paulista é relativamente curta - 32 Km pela Estrada Velha São Paulo-Rio e 29 Km pela Estrada de Ferro Central do Brasil - as relações sociais que se formaram sempre estiveram na dependência do grau de interesse que a Metrópole desenvolve-se pelo município de Itaquaquecetuba (carta nº 1).

Junto a Poá, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e Mogí das Cruzes (considerados "Sub-Região Leste 3" dentro das divisões administrativas da Grande São Paulo), integram um conjunto significativo dentro da organização do espaço desta área do Alto Vale do Rio Tietê. Sendo um antigo eixo de comunicações entre São Paulo e Rio, as conexões históricas se realizaram aproveitando as vantagens naturais que esta região possui.

POSIÇÃO GEOGRÁFICA

ESTRADA DE FERRO CENTRAL DO BRASIL. —  
 +  
 ESTRADA E CAMINHO VELHO RIO - SÃO PAULO. —  
 VIA DUTRA. —  
 REGIÃO LESTE.



Governo do Estado de São Paulo  
 Governador - Paulo Egydio Martins  
 Secretaria dos Negócios Metropolitanos  
 Secretário - Roberto Cavalcanti Costa



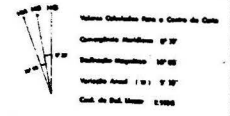
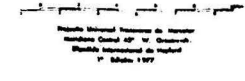
EMPLASA

Empresa Metropolitana de  
 Planejamento de  
 Obras de São Paulo S.A.  
 Presidente - Eurico de Andrade Azevedo

CARTA DA REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE SÃO PAULO  
 SISTEMA CARTOGRAFICO METROPOLITANO

Esta carta foi elaborada com base em levantamentos aereos e fotograficos realizados em 1958 e 1959, e em levantamentos terrestres realizados em 1959 e 1960. O sistema de coordenadas utilizado e o de Gauss-Krüger, com o meridiano central da zona 18S. A escala grafica e de 1:100.000. A projeção cartografica e a de Gauss-Krüger. A unidade grafica e o metro. A data de elaboracao e 1960.

ESCALA 1:100.000



LEGENDA

	Rodovias		Linhas de Ferro
	Cidades		Estações
	Bairros		Áreas Industriais
	Águas		Áreas Florestadas
	Curvas de Nível		Alturas

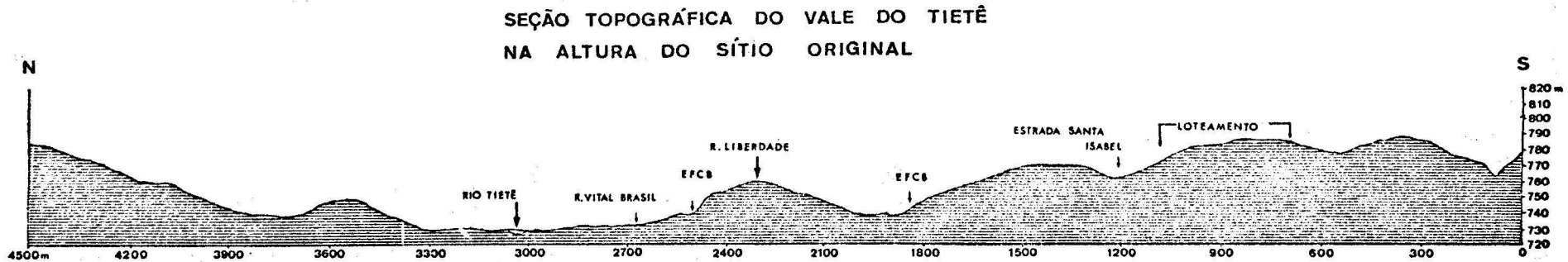
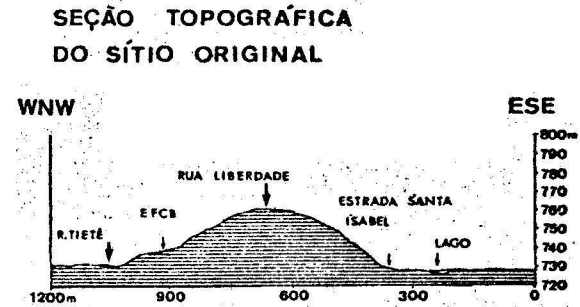
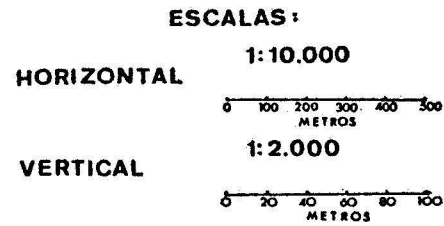
Da mesma forma que a cidade de São Paulo, Itaquaquecetuba está instalada na Bacia Sedimentar de São Paulo que é um dos compartimentos do Planalto Atlântico. Segundo Ab'Saber "Trata-se de uma bacia sedimentar moderna de 40 Km. de largura, no sentido S-N, por uns 60 a 70 Km de comprimento, no sentido E-W, inteiramente confinada a um setor específico da bacia hidrográfica do Alto Tietê" (1).

A origem dessa bacia é tectônica, e nela houve deposição de diferentes materiais detríticos, predominando os finos. Esta bacia é drenada pelo rio Tietê e seus afluentes, acompanhando esta drenagem, forma-se uma série de "planícies aluviais, pouco amplas, de idade recente, desfeitas em disfarçados terraços" (2). O relêvo é pouco movimentado, com domínio de colinas tabulares desdobradas em diversos níveis, com terraços fluviais e alongadas planícies de inundação. As diversas altitudes encontradas variam desde aproximadamente 790-830 metros nas colinas e morros mais elevados, até 720-725 m nos níveis das planícies e baixos terraços (fig. nº 2).

Esta área foi moldada por processos de terraceamentos fluviais, os quais Ab'Saber considera responsáveis pela gênese dos níveis intermediários, que são uma constante na morfologia do sistema de colinas da Bacia de São Paulo. "Sob a forma de terraços de altitude média eles aparecem ao longo dos vales principais - Tietê e Pinheiros ..." (3).



# ITAQUAQUECETUBA



**FONTE:** BASE TOPOGRÁFICA: FOLHA 4445 ITAQUAQUECETUBA - S.P. SF - 23 - Y - D - 1 - 3 - SE - E  
 SISTEMA CARTOGRAFICO METROPOLITANO DA GRANDE SÃO PAULO - ESCALA 1:10.000

*Des. Nelson F.O.*

Partida	Quantidade	DISCRIMINAÇÃO	MATERIAL	PESO	OBSERVAÇÃO
<b>MODIFICAÇÕES</b>					
N.º DE ORDEM				DES. CALC.	ESCALA
NÚMERO				VERIF.	
DATAS				APROV.	
POR				DATA	

Na análise da carta geomorfológica nº 3, podem ser observados:

- Os diferentes níveis de terraços do Tietê na área de Itaquaquecetuba, modelados em colinas que ocorrem em altitudes em torno de 760 a 780 metros no Núcleo Velho e nas novas áreas de loteamentos com direção S-SE, a partir da área central.

- Na margem direita do Tietê, em direção NW há o domínio de outeiros e morros baixos, que raramente ultrapassam a cota dos 800 m, enquanto que as baixadas e vales estão entre 730 e 735 metros.

- "Baixos terraços fluviais mantidos por cascalheiros", segundo Ab'Saber, de suave inclinação, com inundações ocasionais, nas épocas de cheia do Tietê, localizados entre 730 e 745 metros. Neste nível se instalou a Estrada de Ferro "Variante de Poá" (vide carta seção topográfica, nº 2).

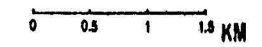
- Um terceiro nível, é àquele da planície de inundação meândrica, com enchentes anuais de várzea alagada e com presença de banhados e brejais, (níveis 725 a 730 metros). Nesta várzea se encontram instalados os tradicionais portos de areia de Itaquaquecetuba.

Como fechando a Bacia de São Paulo - no limite E-NE do município de Itaquaquecetuba, temos as últimas estribações do perfil serrilhado da Serra de Itapeti, que se inicia em Mogí das Cruzes e se estende por 18 Km de di-

# MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

BASEADO EM AEROFOTOGRAFIAS DA E.N.F.A. DE 1962

1:25.000



### LEGENDA:

#### HIDROGRAFIA:

- PERMANENTE
- TEMPORÁRIO
- MEANDRO ABANDONADO
- LAGOS (REPRESSAS)
- NASCENTES

#### MORFOLOGIA:

- CONTATO DAS VERTENTES COM A PLANÍCIE ALUVIAL DO TIETÊ
- CONTATO DAS VERTENTES COM A PLANÍCIE ALUVIAL DA BACIA DE S. PAULO
- TERRAÇOS ALUVIAIS
- RAMPA DE COLÚNIO
- INTERFLÚVIOS
- MORROS ARREDONDADOS
- RAVINAS
- BANCOS DE AREIA

#### VEGETAÇÃO

- MATA
- CAPOEIRA DENSA
- CAPOEIRA MAIS DEGRADADA
- VEGETAÇÃO DE ÁREA BREJOSA
- ÁREA DESMATADA
- REFLORESTAMENTO

*Handwritten signature or initials.*

reção SW, confundindo-se com os níveis de terraços antes descritos.

Esse limite leste do município apresenta uma diferenciação marcante em relação ao resto porque, sendo de composição cristalina, forma um conjunto de morros e colinas de maior altitude e vertentes mais íngremes, constituindo-se em divisor de águas entre as bacias do Tietê e a do Paraíba.

Esta paisagem dominada pelas "colinas pliocênicas e alguns morros cristalinos" (4) funcionou como uma via de passagem favorável - sem grandes obstáculos - de conhecido trânsito de indígenas, antes mesmo do povoamento português. Este fato-ligado a circulação-favoreceu a escolha do sítio de Itaquaquecetuba, porque permitiu que se convertesse num elo das relações do Planalto Paulistano naqueles momentos.

A instalação do núcleo originário de Itaquaquecetuba, da mesma forma que todos os aldeamentos surgidos no planalto paulistano, foi uma decorrência do processo histórico da colonização européia. "Na sua condição de nódulos demográficos, representaram os resultados de um processo seletivo de áreas para sua localização. Seus SÍTIOS, como de resto os de todos os demais núcleos, constituem parcelas, ângulos do espaço em organização, oferecendo um mínimo de condições satisfatórias em face das formas dominantes que orientaram essa organização" (5).

As experiências da população autóctone se fizeram sentir, provavelmente, na escolha da localização e na própria instalação dos núcleos em locais que não só permitissem a sobrevivência, como também a segurança frente ao desconhecido.

A eleição mais frequente dos sítios para os aldeamentos parece ter sido em terraços fluviais. "O fato não seria difícil de explicar. A maior parte localizou-se junto a cursos d'água, especialmente nas proximidades dos maiores rios. Junto ao Tietê sediaram-se BARUERI, SÃO MIGUEL, GUARULHOS e ITAQUAQUECETUBA..." (6).

Seguindo o costume da época (séculos XVI e XVII) o núcleo original de Itaquaquecetuba foi instalado um terraço fluvial acolinado, a um nível médio de 750 - 770 metros. É uma área relativamente alta ao abrigo das enchentes do Tietê e ao mesmo tempo suficientemente perto do rio para poderem usá-lo para fins de alimentação, água, transporte, etc.

"... Localizou-se (Itaquaquecetuba), da mesma forma que São Miguel, junto à margem esquerda do Rio Tietê. Assentou-se sobre o topo de uma colina, com vertentes relativamente íngremes, a cavaleiro da várzea do rio que nesse trecho, depois de correr na direção Oeste, inflete para Noroeste, ao mesmo tempo que a várzea, ampla a montante, se estreita consideravelmente ..." (7). O sítio originário de Itaquaquecetuba foi valorizado em função da circulação.



Aroldo de Azevedo a denomina "vila em acrópo - le" (8) e, sem lugar à dúvida, deve ter sido assim edificada, seguindo velhos costumes portugueses. Localizaram ali também a igreja (Nsa. Sra. da Ajuda) no topo mais alto da colina.

De outro lado, ao longo do processo histórico que foi organizando Itaquaquecetuba, novas áreas foram se valorizando à medida que outras atividades econômicas iam-se estabelecendo.

Assim mesmo, não é improvável que a dispersão dos grupos humanos, natural nos primeiros séculos de ocupação, "tenha possibilitado, pelo menos, a definição embrionária de bairros rurais" (9) localizando-se os mesmos nas encostas e pequenas várzeas dos córregos tributários do Tietê, onde os terrenos eram mais propícios para as culturas praticadas.

Com a chegada dos colonos portugueses, italianos e japoneses na primeira metade deste século, essas extensas áreas foram arrendadas ou compradas para ali se praticar uma agricultura especializada em produtos horti-fruti-granjeiros. Assim, as paisagens de várzeas e encostas suaves de morros cristalinos vão, pouco a pouco se transformando em granjas, aviários e culturas de várias espécies para o mercado metropolitano.

Este crescimento populacional da área rural não deu ao núcleo original maiores motivações para sair de sua letargia.

Aroldo de Azevedo assim o descreve em 1945: "O velho centro que surgiu em tórno da matriz não perderá, provavelmente, sua importância, antes de mais nada porque de seu largo, desce a rua que vai ter ao pequenino porto e que se vê prolongada pela movimentada estrada de Arujá e de Mogí das Cruzes, via de importância para as atividades agrícolas da região". Não podemos negar o carinho do autor ao se referir a Itaquaquecetuba, porque ele mesmo afirma mais adiante, que no centro urbano não vivem "mais de umas 500 almas" (10).

A partir de 1932 uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil se alonga pela várzea do Tietê, passando pela área Centro-Sul do município.

A estação desta linha está localizada a pouco menos de um km. da vila, mas não teve maiores influências sobre a mesma, nos primeiros momentos.

Posteriormente à década de 40, quando começa a se esboçar a função de "subúrbio-dormitório" pelo aproveitamento "da via férrea, deslocam-se diariamente um número elevado de pessoas que vão trabalhar nas fábricas da Capital ou da região de São Miguel e nos estabelecimentos comerciais do centro urbano" (11).

A partir de então são valorizados os sítios dos terraços e colinas da bacia de São Paulo que estavam em relação mais direta com os eixos de comunicação existentes: estrada de ferro e estrada velha São Paulo - Rio.

Começa uma verdadeira febre de loteamentos em direção aos municípios de São Paulo e Poá limites S-W e S respectivamente, de Itaquaquetuba.

Por outra parte, a partir dos dois municípios vizinhos há também um avanço dos processos de urbanização em busca de terrenos para a expansão da metrópole, e começam então a estender-se as áreas de loteamentos sobre a margem esquerda da bacia do Alto Tietê.

Na década de 70 uma verdadeira febre de loteamentos, com diversos fins, processou-se em Itaquaquetuba. Estão sendo loteadas as áreas mais íngremes tais como as colinas e morros graníticos e gnáissicos da zona em contato com a Serra de Itapetí (níveis de 780 - 804 m).

Ao mesmo tempo a várzea menos inundável do Tietê (ao redor dos 730 m.) também sofre nestes momentos os problemas da especulação imobiliária.

A ocupação e valorização desse território antes analisado é o produto das relações sociais que se processam segundo diversas situações históricas.

Num sítio urbano determinado pelos interesses desse conjunto de relações sociais vai se delineando uma estrutura que em última instância, não é nada mais do que a marca da sociedade inscrita no espaço urbano.

Roberto Guiducci afirma que "toda a estrutura urbana é um produto social e político" e continua "o ponto de enfoque é um: sócio-econômico e político em toda a sua dimensão, inclusive territorial" (12).

Para conseguir explicar a estrutura urbana de Itaquaquetuba, ela tem que ser vista em toda a realidade metropolitana de São Paulo: dali partindo e para ali convergindo.

A localização do município de Itaquaquetuba dentro da "Área Metropolitana de São Paulo" (13) lhe dá à sua organização traços especiais pelo grau de relações sociais, econômicas, políticas, "cumulativas e irreversíveis" (14), que o faz usufruir de características que outras áreas não possuem.

As indústrias, buscando terrenos amplos a baixo preço, e mão de obra abundante; os operários, procurando também terra para construir suas moradias dentro do poder aquisitivo que suas condições permitem, vão fazendo crescer a malha compacta de urbanização, a partir da Capital.

O núcleo se definiu como centro do aldeamento a partir do século XVII quando o largo da Igreja representava o verdadeiro ponto de partida para as atividades dos Jesuítas. "Essas aglomerações eram tôdas concebidas num mesmo plano fôssem elas estabelecidas pelos jesuítas, franciscanos, dominicanos ou salesianos... Diante da Igreja, uma grande praça retangular - o largo da matriz - e dos lados, as casas dos índios, dispostas geomêtricamente" (15) (foto nº 1).

A igreja representava "o principal edifício" e ela era a imagem da situação em que se encontrava o aldeamento: em ruínas ou em ascensão.

"O largo da igreja é, portanto, como o Largo da Matriz das cidades brasileiras, antes de mais nada expressão da importância do templo religioso. É centro religioso mas também palco da prática da administração, especialmente no caso, muito frequente, em que o padre exerce ao mesmo tempo um poder espiritual e temporal. É palco da limitada vida social, quase sempre adstrita a casamentos, batizados e pouco mais. É local de convergência de trânsito e sede do tronco. É local de reuniões de qualquer tipo, como de divulgação de bandos, editais e quartéis. É principalmente, o palco, quando é o caso, das festividades religiosas, como as resultantes das romarias ..."(16).

O largo da Igreja, a praça, "era organizada como um "pátio quase fechado", com poucas entradas" (17), tendo um de seus ângulos totalmente fechado, como ainda se observa na praça de Itaquaquetuba (foto nº 2).

Ao longo de 3 séculos, o núcleo limitou-se ao largo da igreja e duas ruas mais, a estrada que a ligava a Santa Isabel e a que unia a Mogí e Poá e daí para São Paulo.

Em 1945, escreve Aroldo de Azevedo: "A velha matriz de Nossa Senhora da Ajuda, por diversas vezes reformada ergue-se num dos ângulos do pequenino largo arborizado no alto da colina, olhando para a várzea do Tietê. Dêle sai a



FOTO Nº 1: "Núcleo Velho" praça Padre João Alvarez. A Igreja Nossa Senhora da Ajuda que data do século XVII, é a área de concentração das atividades comerciais, administrativas e financeiras do município. (Foto A.L.G.de L.).



FOTO Nº 2:: Praça Padre João Alvarez, relíquia do "pátio quadrangular" da época de Itaquaquecetuba. Aldeamento Indígena. (Foto A.I.G. de L.).



rua em que se encontra o comércio, de modestas proporções. Para os lados, mais duas ou tres ruas. E é só". (18).

A partir da instalação da estrada de ferro, "Variante de Poá" começa a se esboçar uma nova característica: "subúrbio-dormitório". Novos bairros surgem ao redor da estação, mas sem maior expressão.

A este respeito Langenbuch escreve: "... as ferrovias continuam a desempenhar um notável papel como instrumento DIRETO do desenvolvimento suburbano. "Subúrbios-estação" já estruturados continuam a crescer, em grande parte, graças às facilidades de transporte proporcionadas pela ferrovia à migrantes pendulares e às indústrias" (19).

Embora em Itaquaquetuba existam 3 estações ferroviárias, a Itaquaquetuba, mais antiga, que permite o tráfego pela "Variante de Poá", a Manoel Feio que a liga com a Variante de Paratei e a Pinheirinho, que a une à Estrada de Ferro Central do Brasil, nenhuma delas trouxe um desenvolvimento muito grande ao município.

Segundo Aroldo de Azevedo "A "variante de Paratei" liga Manoel Feio (estação próxima a Itaquaquetuba), onde se entronca na "variante de Poá", com São José dos Campos, onde une à "linha-tronco" do "ramal de São Paulo" da Central. Destinada a ser a nova linha tronco desta ferrovia, com um traçado muito arrojado através de elevados aterros e profundos cortes, mas cruzando áreas de solo pouco pro

pício a isto, já se achava em construção em 1945..."(20), data em que escreveu a obra citada.

Esta linha férrea teve sempre um funcionamento precário, permitindo só o tráfego a longa distância. "Nunca foram instalados trens "paradores" nesta linha, com exceção de um misto diário, igualmente de funcionamento precário. Não é de estranhar que a linha não tenha atraído o povoamento suburbano. ... Note-se que a mesma se entronca a certa distância de São Paulo, precisamente em Itaquaquetuba, lugar que, apesar dos abundantes trens de subúrbio, ainda não conheceu um desenvolvimento muito grande ..."(21).

No período 1915-40 São Paulo entra num grande crescimento, acompanhado da decorrente especulação imobiliária que atinge até os seus arredores com a instalação industrial e as residências de operários. Estas formas de ocupação do espaço começam a se fazer cada vez mais significativas.

No início da década de 50 o processo de metropolização é mais acelerado, espacialmente estendido, criando novas formas de uso do solo, em função da Capital paulista. Isso se faz sentir mais efetivamente na área rural. Os velhos núcleos, sede de município, no entanto, continuam acanhados, não passando de povoados. É o caso de Cotia, Embú, Itapecerica e tantos outros que rodeiam São Paulo, entre os quais se enquadra Itaquaquetuba (foto nº 3).





FOTO Nº 3: Praça Padre João Alvarez remanescentes do "núcleo acanhado" da sua participação no "cinturão caipira", em contraste com um moderno "orelhão". (Foto de A.I.G. de L.)



FOTO Nº 4: Bairros novos, "Jardim Europa" é o bairro de melhor construção e acabamento das casas, fora das ruas que circundam a praça principal. Se observa por todos lados ao redor deste bairro, loteamentos apenas ocupados e com moradias mais humildes. (Foto, N.L.).

Na carta nº 4 vemos, num levantamento funcional em detalhe, o significado da "área urbana" de Itaquaquecetuba na década de 50.

A esse respeito escrevia Penteado na mesma época: "Já com desenvolvimento não tão recente, que data de uns 30 ou 35 anos no máximo, são os núcleos residenciais localizados ao longo dos vales e das vias de comunicação, como é o caso de Poá, Pirituba, Itaquaquecetuba, etc" e continua "... uma de suas características marcantes, a sua MOBILIDADE DIÁRIA, procurando os bairros industriais de São Paulo, ou se deslocando para subúrbios industriais, próximos ou afastados" (22).

O processo de metropolização cada vez mais intenso, foi criando um déficit muito grande de moradias, especialmente para uma população de menor poder aquisitivo. Paralelamente a este crescimento demográfico foi se intensificando a especulação imobiliária, fruto da grande necessidade de residências (23).

"Se atentarmos para o crescimento da região metropolitana de São Paulo veremos que dois processos, na aparência, comandaram a violenta expansão da área urbanizada: os "loteamentos periféricos" e a produção maciça de moradias através da "auto-construção", entendida como processo de produção de moradias, geralmente em fins de semana ou feriados, pelos proprietários dos lotes, família e ou amigos" (24).

# PLANTA DA FUNCIONAL

CIDADE DE ITAQUAQUECETUBA

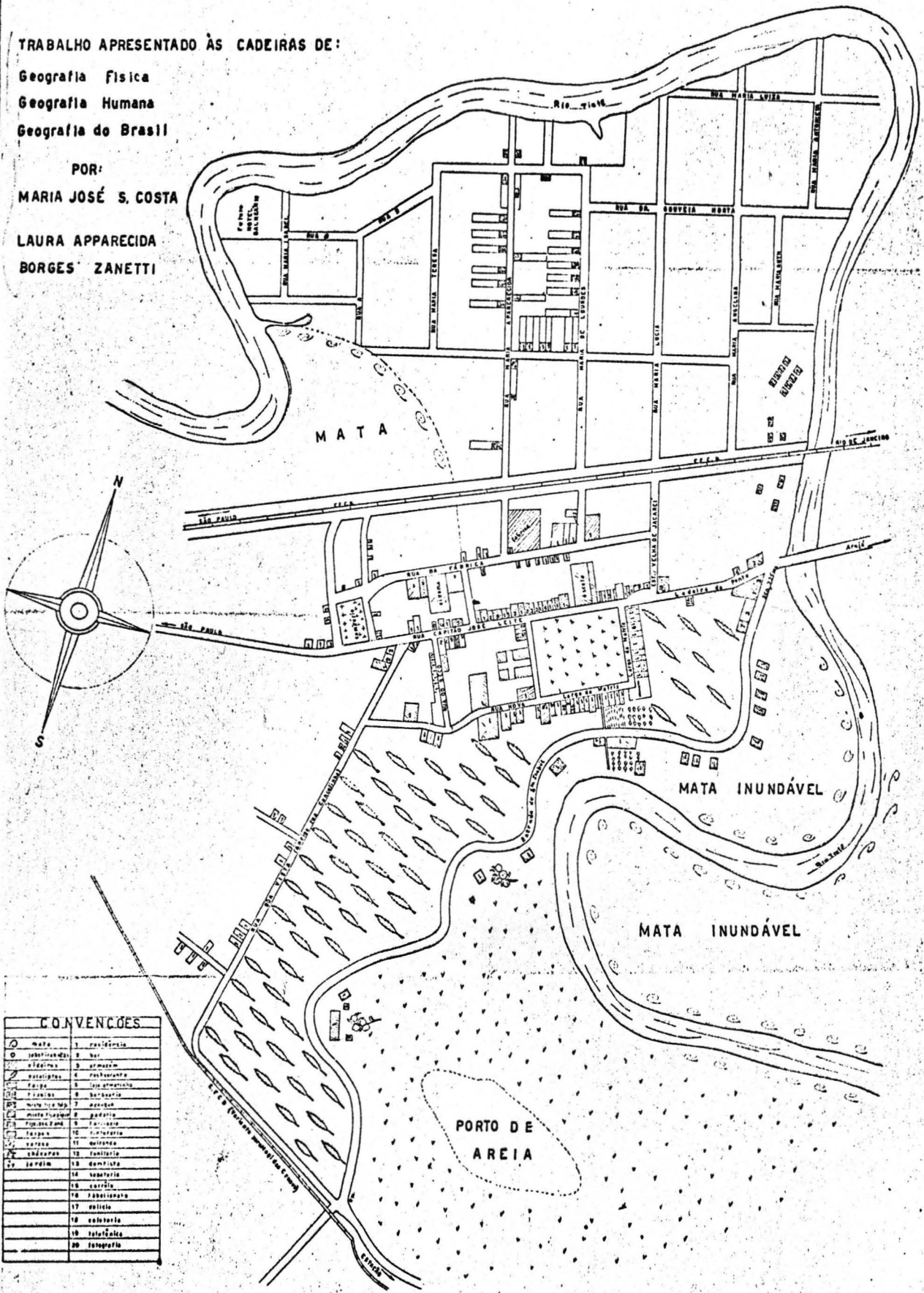
TRABALHO APRESENTADO ÀS CADEIRAS DE:

- Geografia Física
- Geografia Humana
- Geografia do Brasil

POR:

MARIA JOSÉ S. COSTA

LAURA APARECIDA BORGES ZANETTI



CONVENÇÕES	
1	MATA
2	substituição
3	hera
4	arrozal
5	restaurante
6	zona de recreio
7	parque
8	gareta
9	parque
10	parque
11	parque
12	parque
13	parque
14	parque
15	parque
16	parque
17	parque
18	parque
19	parque
20	parque

ESCALA 1:2 000

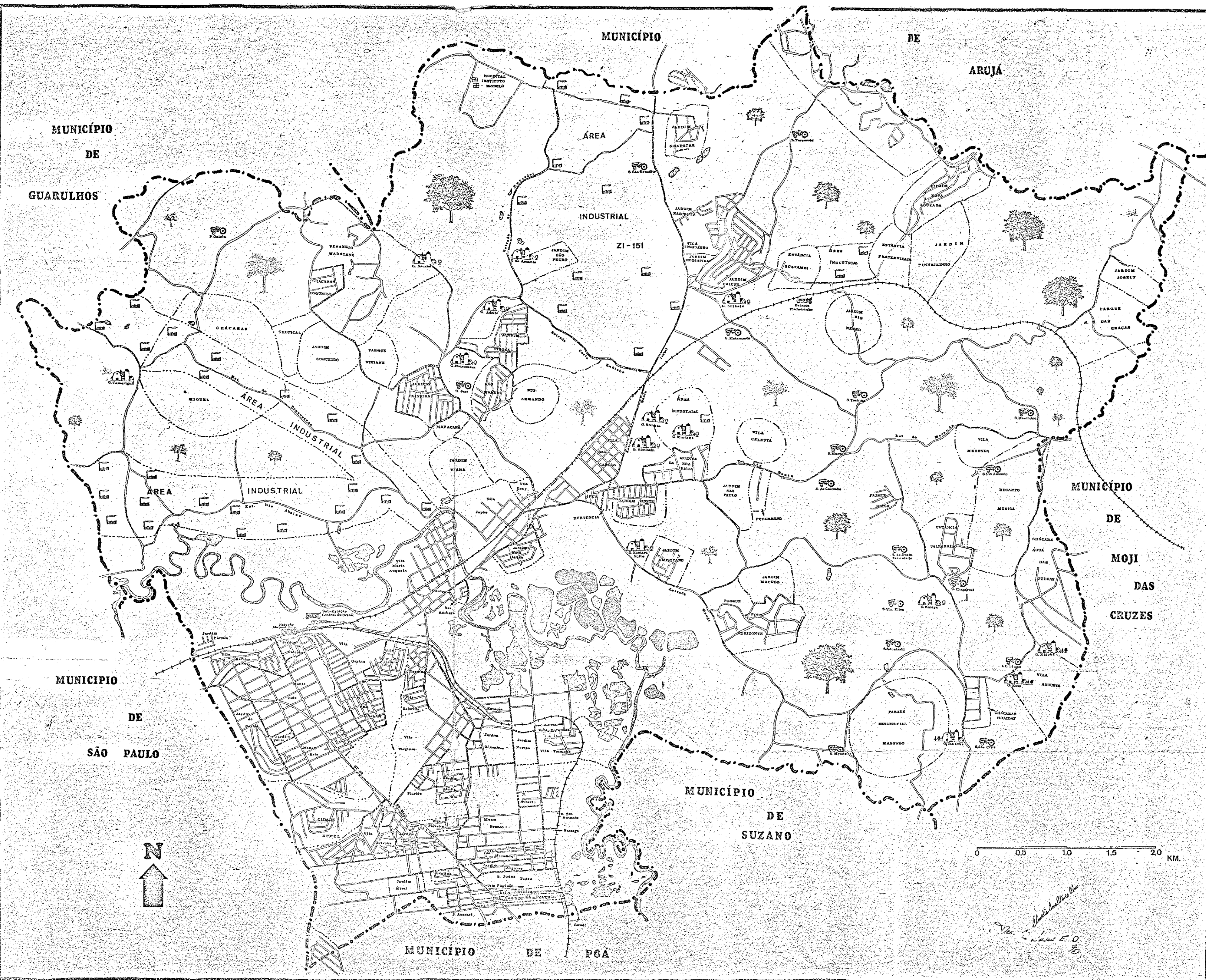
Este processo que acabamos de descrever entra num ritmo intenso em Itaquaquecetuba no final da década de 50.

Os primeiros lotes a serem efetivamente ocupados foram os do Jardim do Carmo, Monte Belo, Jardim Anita, Jardim Algarve, que se localizam nas vizinhanças do limite com o município de São Paulo e da estrada velha São Paulo-Rio (vide carta nº 5). É a metrópole extravazando através dos eixos de comunicação existentes. É digamos, o processo de consumo organizando seu espaço, a força de trabalho em busca de seu lugar "quotidiano" (foto nº 4).

Na década de 60 o processo continua, a população sempre crescendo em ritmo acelerado buscando condições para se instalar. Mas a verdadeira febre da especulação imobiliária se dá na década de 70, quando são loteadas enormes glebas de terra para bairros operários e para áreas industriais (vide quadro nº 1). Mensalmente se solicita à Prefeitura licença de loteamentos. Também pode-se observar a presença de grande número de barracos com cartazes anunciando a venda de terrenos, tanto para fins residenciais como industriais (fotos nºs. 5 e 6).

No dizer de Castells estão se formando as relações como forma social, neste "conjunto urbano: um processo de produção, um processo de consumo e um processo de intercâmbio" (25). Não podemos esquecer que estes processos acontecem dentro de um contexto maior, comandado pela Capital paulista.





(5)

## Carta de Uso do Solo do Município de Itaquaquecetuba 1979 1:10.000 (esboço).

### Legenda:

- Limite Municipal.
- Limite de bairros e áreas.
- Estrada de Ferro.
- Estradas e ruas.
- Hidrografia.
- Lagoas.
- Granjas.
- Sítios, chácaras e fazendas.
- Estação ferroviária.
- Área Industrial.
- Área de mata.
- Porto de areia.

FONTE: LEVANTAMENTO EFETUADO NO CAMPO.

0 0.5 1.0 1.5 2.0 KM.

*Dr. ...*



## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## Loteamentos

(Áreas Urbanas)	Área m <sup>2</sup>	Ano de Soli- citação de licença
- Centro		156-
2 - Vila Itaquá-Mirim	47.311	23-04-52
- Vila Itaquassú	49.722	20-12-52
4 - Jardim Coqueiro	67.879	24-01-53
- Jardim Anita	66.421	08-02-54
5 - Jardim Pinheirinho	232.871	22-06-54
- Parque Vivianne	86.003	31-01-56
6 - Jardim Silvestre	195.185	18-07-56
- Jardim Miray	126.759	28-08-56
7 - Estância Guatambu	58.138	31-08-56
8 - Quinta Boa Vista	175.384	14-09-56
- Jardim Paineira	261.485	23-10-56
9 - Jardim Rio Negro	415.138	24-10-56
- Jardim do Carmo	135.936	17-12-56
10 - Parque Novo Horizonte	370.431	10-08-57
- Jardim Mossapira	39.546	14-02-58
11 - Jardim Monte Belo	30.270	25-08-58
- Parque Nossa Senhora das Graças	349.963	25-08-58
12 - Estância Fraternidade	39.549	18-03-60
- Vila Bartira	103.089	30-06-60
13 - Jardim São Manoel	155.808	23-06-61
- Vila Ferreira	31.620	10-11-61
14 - Vila Passalaqua	23.677	20-05-63
- Jardim da Estação	45.383	28-11-63
15 - Jardim Campo Limpo	56.098	06-12-63
- Jardim Nova Itaquá	76.601	05-02-64
16 - Vila Nelly	24.424	23-04-64
- Jardim Cayubi	184.059	04-07-64
17 - Jardim Odete	117.071	02-09-64
- Jardim Ipê	76.040	21-09-64
18 - Chácara Holiday	108.823	03-03-65
- Jardim Nascente	40.613	22-03-66
19 - Cidade Nova Louzada	134.069	22-07-66
- Vila Rolândia	20.045	09-08-66
20 - Chácara Água da Pedra	304.892	22-08-68
- Jardim Santa Helena	122.218	22-09-69
21 - Vila Gepina (Não Aprovado)		22-09-69
- Jardim Gonçalves	61.991	23-11-71
22 - Cidade Kemmel	293.582	07-01-72
- Jardim Joandra	22.380	14-05-73
23 - Jardim Parque Dirce	79.608	21-05-73
- Jardim São Armando	83.973	06-12-73
24 - Jardim Amanda Cayubi	207.761	23-01-76
- Jardim Joselly	246.443	18-02-76
25 - Jardim Europa		15-12-78
- Jardim Margarida	242.000	agosto/79
26 - Vila Augusta	134.606	agosto/79
- Jardim Nossa Senhora D'Ajuda	150.855	s/d
27 - Jardim Luciana	110.988	s/d
- Jardim Americano	65.214	s/d
28 - Jardim Santo Antonio (Não Aprovado)		s/d
29 - Vila Arizona (Não Aprovado)		"
- Vila Santa Bárbara		"
30 - Vila São Carlos		"
- Vila Celeste		"
31 - Chácara Coqueiro		"
- Vila Ercilia		"
32 - Jardim Fiorelo		"
- Vila Florindo		"
33 - Jardim da Fonte		"
- Jardim Itaquá		s/d
34 - Vila Japão		"
- Jardim São José		"
35 - Vila São Judas Tadeu		"
- Chácaras Maracanã		"
36 - Veraneio Maracanã		"
- Vila Maria Augusta		"
37 - Vila Maria Cristina		"
- Chácaras São Miguel		"
38 - Vila Miranda		"
39 - Jardim São Paulo	120.411	"
- Chácaras Progresso		"
40 - Parque Recantonica		"
- Jardim Tropical	73.382	"
41 - Vila Ursulina		"
- Jardim Val Paraiso		"
42 - Vila Vermont		"
- Jardim Viana		"
43 - Vila Virginia		"
- Vila Zeferina		"
44 - Vila Geni		"
- Jardim das Hortências		"
45 - Jardim dos Ipês		"
- Jardim Macedo		"
46 - Estância Paraiso		"
- Vila São Roberto		"
47 - Jardim Ribeirópolis		"
48 - Jardim Roseli		"
49 - Vila Marandá		"



FOTO Nº 5: Presença concreta da especulação imobiliária.  
(Foto, A. I. G. de L.).



FOTO Nº 6: Comércio que também surgiu decorrente do grande crescimento da população que ocorre no município. Nos cartazes se observa também a maneira como são construídas as casas da periferia: em prestações mensais. (Foto, A. I. G. de L.).

Como consequência desse crescimento acelerado que está se processando em Itaquaquecetuba neste último decênio, a especulação imobiliária sem limite está criando uma desordem e um caos nas formas e na estrutura da área urbanizada. Os bairros são as vezes só loteamentos, apenas arruados, sem nenhuma classe de infra-estrutura urbana, sem áreas destinadas a usos coletivos como praças, escolas, postos de saúde, etc. (fotos nºs. 7 e 8).

"Os primeiros moradores, quase sempre pessoas humildes, fazem papel de pioneiros. Por muito tempo deslocam-se a pé à estrada transitada por ônibus. Estes apenas são estendidos ao lugar depois de já contar com povoamento razoável, assegurando rentabilidade à linha" (26).

Em todo o aglomerado urbano só existe uma rede de água encanada de 140 km. que serve única e exclusivamente ao "núcleo velho", ali instalada em 1977.

O arruamento é precário em toda a extensão do município, que só possui um pequeno número de ruas pavimentadas; as vezes são estradas intermunicipais, o que testemunha o divórcio entre a infra-estrutura e o crescimento acelerado (vide quadro nº 2).

Na pesquisa de campo, realizada em diversos bairros do município em fevereiro de 1979, se teve oportunidade de sentir as aspirações da população. Isso foi tabelado segundo o quadro nº 3. Em tal amostragem aparecem nitidamente as necessidades que tem a população no que se refere a



TABELA Nº 2

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

Ruas e Estradas Pavimentadas

Av. Italo Adami	3	Km
Praça Padre João Álvares	400	m
Rua Amauri Ribeiro	80	m
Rua Sebastião F. dos Santos	210	m
Rua Oscar F. dos Santos	80	m
Rua Maria G. da Conceição	200	m
Rua João Vangnot	400	m
Rua Padre Anchieta (Centro)	130	m
Rua M.M.D.C.	150	m
Praça Eugênio V. Deliberato	150	m
Rua Benedito F. da Cruz	80	m
Av. Progresso	1	m
Rua Cap. José Leite (calçamento)	200	m
Rua da Liberdade (calçamento)	200	m
Rua Foz do Iguaçu	700	Metros
Estr. Pinheirinho a Suzano	2	Km

Tabela nº 3

## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## Aspirações da População

	nº	%
<b>Serviços de Saúde</b>		
Hospital	134	63
Pronto Socorro	21	10
Farmácias	14	7
Dentistas	8	4
<b>Serviços Públicos</b>		
Asfalto	115	54
Esgotos	57	27
Iluminação Pública	85	40
Policimento	23	11
Água Encanada	56	26
Escolas	40	19
Creches	54	25
Transporte	25	12
Outros	10	5
<b>Comércios nos Bairros</b>	25	12
<b>Diversões</b>	36	17

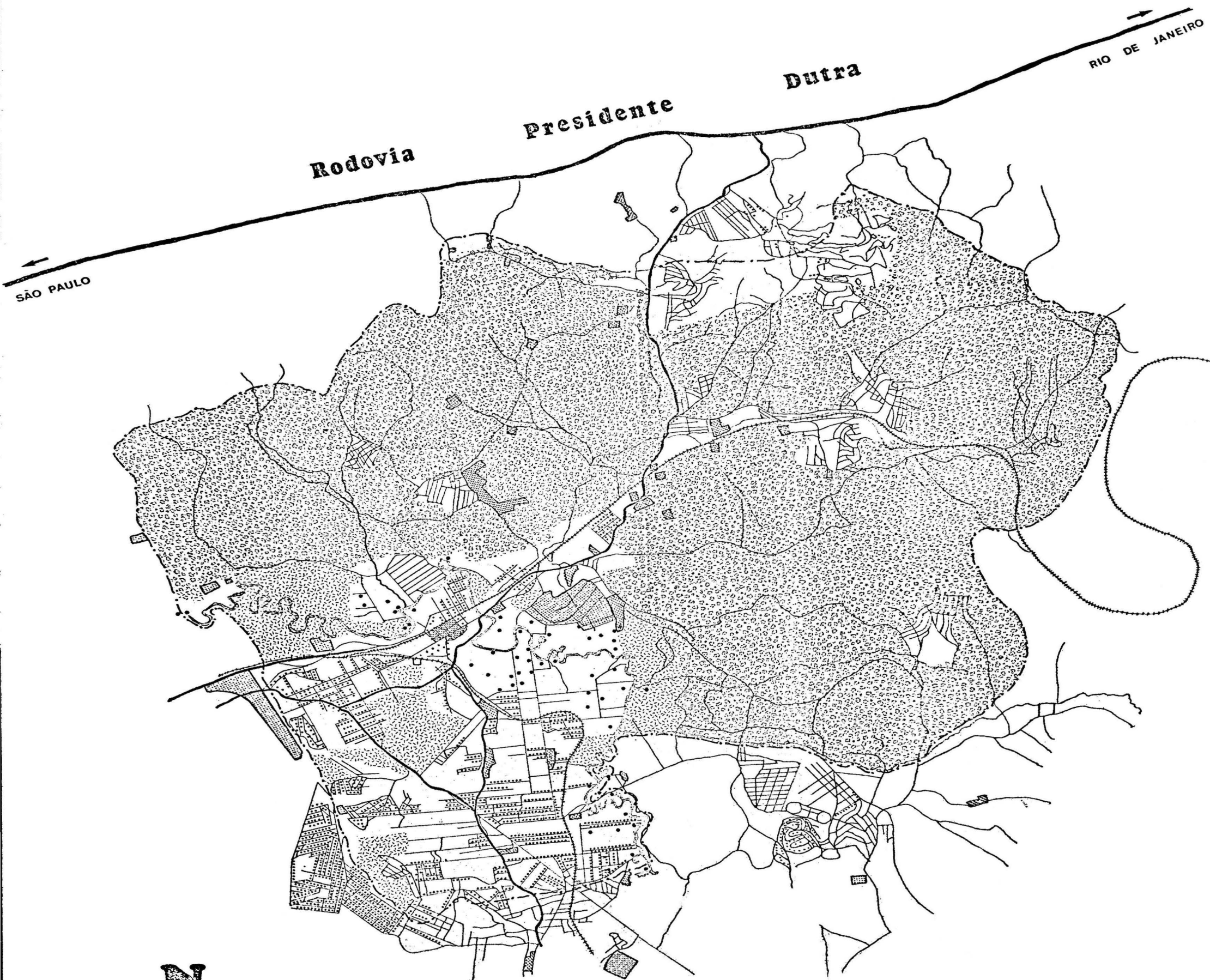
Fonte: 213 Questionários. Fevereiro de 1979.

serviços públicos. A precariedade da infra-estrutura de serviços com que contam os bairros loteados está nos maiores índices do quadro: 54% para asfalto; 27% para esgotos; 40% para iluminação pública; 26% para água encanada; 44% para escolas e creches, etc.

Como existe na Grande São Paulo um problema de valorização da terra em ritmo crescente, cria-se uma mentalidade de procura de terras com fins puramente especulativos, à espera de maior valor. É o caso de certos loteamentos que são feitos em Itaquaquetuba, tais como Recanto Mônica, Vila Celeste, Jardim Rio Negro e muitos outros (vide carta nº 5) que só constam na autorização solicitada à Prefeitura (27).

Na tabela anexa (nº 4), solicitada à Prefeitura, que diz respeito ao valor da terra nestes últimos 10 anos, podemos apreciar o grande aumento sofrido em consequência dos processos antes analisados. Embora também deva ser considerado o problema inflação, o fato real é que as terras do município entraram na cobiça das companhias imobiliárias. As vezes atuam em sociedade com o dono da terra, e as vezes sozinhas. No caso dos terrenos industriais, a Prefeitura tomou a seu cargo o loteamento e a venda dos mesmos.

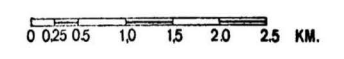
Decorrente destes fatos antes analisados podemos observar na linha cronológica das cartas de uso do solo como a ocupação do território está se fazendo a partir de São Paulo e por São Paulo (Cartas nºs. 6 e 7).



# Carta de Uso do Solo do Município de Itaquaquecetuba

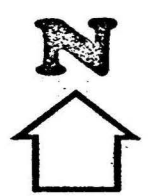
1962

1:25000



Legenda:

- Rodovias, ruas e caminhos.
- Estrada de ferro.
- Limite Municipal.
- Hidrografia.
- Loteamento sem ocupação.
- Loteamento ocupado (área urbana).
- Chácaras.
- Ocupação indiscriminada.
- Área industrial
- Olarias.
- Portos de areia.



*Des. Nelson E. O.*

BASEADO EM IMAGENS DA :  
TERRAFOTO S/A ATIVIDADE DE AEROLEVANTAMENTO .

# Carta de Uso do Solo do Município de Itaquaquecetuba.

1:40.000

1977

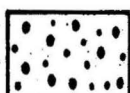
Legenda :

 Rodovias e ruas.  
 Estrada de ferro.

 Loteamento sem ocupação.

 Loteamento ocupado.

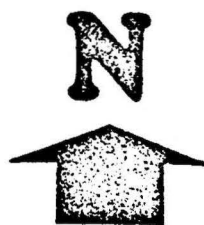
 Área de cultivo.

 Ocupação indiscriminada.

 Olarias

 Área Industrial.

 Porto de Areia .



0 0,8 1,6 2,4 3,2 4,0 KM.

*Dr. Nelson E. J.*



MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

Imposto Territorial Urbano – Tabela de Valores

	ORTN	Cr\$		Valor da ORTN
<b>70</b>			(ao redor do núcleo velho)	
Valor Máximo	1,47	480,00	Cr\$ 480,00 p/M <sup>2</sup>	326,82
Valor Mínimo	0,147	48,00	Cr\$ 48,00 p/M <sup>2</sup>	
<b>78</b>				
Valor Máximo	1,68	548,50	Cr\$ 400,00 p/M <sup>2</sup>	238,32
Valor Mínimo	0,168	54,85	Cr\$ 40,00 p/M <sup>2</sup>	
<b>77</b>				
Valor Máximo	0,545	178,00	Cr\$ 100,00 p/M <sup>2</sup>	183,65
Valor Mínimo	0,054	17,80	Cr\$ 10,00 p/M <sup>2</sup>	
Máximo	0,750	245,00	Cr\$ 100,00 p/M <sup>2</sup>	133,34
Mínimo	0,075	24,50	Cr\$ 10,00 p/M <sup>2</sup>	
<b>75</b>				
Valor Máximo	0,337	110,20	Cr\$ 36,00 p/M <sup>2</sup>	106,76
Valor Mínimo	0,022	7,35	Cr\$ 2,40 p/M <sup>2</sup>	
Máximo	0,372	121,60	Cr\$ 30,00 p/M <sup>2</sup>	80,62
Mínimo	0,025	8,10	Cr\$ 2,00 p/M <sup>2</sup>	
<b>73</b>				
Valor Máximo	0,282	92,20	Cr\$ 20,00 p/M <sup>2</sup>	79,87
Valor Mínimo	0,071	23,05	Cr\$ 5,00 p/M <sup>2</sup>	
Valor Máximo	0,324	106,00	Cr\$ 20,00 p/M <sup>2</sup>	61,52
Valor Mínimo	0,081	26,50	Cr\$ 5,00 p/M <sup>2</sup>	
Valor Máximo	0,396	129,43	Cr\$ 20,00 p/M <sup>2</sup>	50,50
Valor Mínimo	0,100	32,36	Cr\$ 5,00 p/M <sup>2</sup>	

● N – Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional

Considerando a carta nº 6 com base na fotografia aérea de 1962 podemos enfatizar o fato de que o "centro velho" continua sendo um acanhado núcleo, com poucas ruas, onde há uma mistura de funções: comercial de pequena escala e residencial conjunta, além da sede das atividades administrativa e financeira, mas sem muita significação. Estas funções estão localizadas especialmente ao redor da Praça Padre João Alvarez e da rua Liberdade, começo da antiga estrada para Santa Isabel (fotos nºs. 1 e 9).

A partir desse "centro" há um crescimento de bairros em "células" seguindo a Estrada de Ferro "Variante de Poá" e a Estrada Velha São Paulo-Rio, isto é, um prolongamento dos loteamentos - exclusivamente residenciais com reduzidos comércios de primeiras necessidades - a partir de São Paulo e dos eixos de comunicação que a interligam.

Existe ainda nessa carta uma predominância das atividades agrícolas, com as quais Itaquaquecetuba manteve durante longos anos seu papel no "cinturão verde da metrópole". Também se observa uma abundância de olarias e portos de areia que funcionariam como abastecedores de material de construção para o crescimento desorbitado da Grande São Paulo.

Na Estrada do Corredor - hoje Prof. Aroldo de Azevedo -, há uma predominância de chácaras de fim de semana e uma instalação de haras, o que é também uma presença da Metrópole. São formas de uso do solo para o cidadão.

A atividade industrial passou despercebida por que nesse momento existia provavelmente uma só indústria: a textil, do grupo Erontex, sita na Av. Italo Adami (eixo de comunicação com a Estrada Velha São Paulo-Rio). Ela deve datar da década de 40, pois no trabalho de Aroldo de Azevedo é mencionada: "Nas proximidades de Itaquaquecetuba, no caminho de Poá, a "Fiação Aracaré" destaca-se na paisagem tipicamente rural e destina-se à fiação de lã" (28).

Na carta seguinte (nº 7), baseada no levantamento aerofotogramétrico de 1977, podemos analisar os seguintes fatos:

1º) - Um avanço dos processos de urbanização não só seguindo os eixos de comunicação com São Paulo, como também em outras direções.

2º) - Se bem que no limite S e SE a ocupação é compacta, existe uma penetração, em forma de cunha, a partir da área central ("núcleo velho"), seguindo os principais caminhos municipais - Estrada do Mandi, Estrada de São Bento, Estrada do Corredor (Prof. Aroldo de Azevedo).

3º) - Essa penetração dos fatos urbanos está expulsando cada vez mais, antigas formas de uso: chácaras, sítios e olarias, hoje em número bastante reduzido.

4º) - Existem também extensas áreas denominadas "industriais" onde já estão funcionando indústrias ou foram adquiridas por firmas que solicitaram licença na Prefeitura para sua próxima instalação: estrada do Bonsucesso, Estrada do Corta Rabicho, Estrada de Santa Isabel, Estrada Velha São Paulo - Rio, etc.





FOTO Nº 7: Loteamento a "beira do rio Tietê" com pouca ocupação efetiva. (Foto de N.L.)



FOTO Nº 8: Loteamento esperando a "valorização", frente ao "Jardim Europa" (Foto, A.I.G. de L.).

59) - Há, conseqüentemente, uma revalorização de antigas áreas, para funções de "gestão" e "consumo" ao redor do "núcleo velho", onde antigos negócios e moradias foram substituídos por bancos, (sucursais de importantes casas bancárias de São Paulo), lojas de eletrodomésticos, de materiais de construção, para satisfazer as novas necessidades surgidas no município (fotos nºs. 6 e 9).

69) - Permanência, sem muita expressão, dos loteamentos para chácaras de fim-de-semana. Este processo que se iniciou na década de 50 (com o Parque Novo Horizonte) nunca chegou a ter maior significação como em outros municípios da Grande São Paulo, a exemplo de Cotia e Arujá. Hoje só observamos pequenas áreas no limite com Mogi das Cruzes (chácara Água das Pedras) ou com Arujá (condomínio Arujazinho). Existem ainda um ou outro sítio ou chácaras dispersos pelas estradas municipais de antiga ocupação (Estrada do Corredor, Estrada do Mandi, Estrada do Índio, etc.) hoje em luta com novas formas de uso urbano.

Em decorrência da especulação imobiliária e dos interesses econômicos de um modo geral, esse tipo de uso do solo vai sendo abandonado em função de loteamentos operários mais rentáveis.

Enfim, o que se nota é o processo de produção industrial transformando e organizando as áreas em que se instala, o processo de consumo tentando se adaptar às condições por mais desfavoráveis que sejam. Assim a for

ça de trabalho, vai se acomodando como pode "nas favelas e nas "casinhas" (um cômodo ou quarto-e-cozinha) que vão surgindo nos fundos dos quintais nos poucos metros quadrados de áreas livres que existem nos "compridos" lotes de "periferia" (29).

É necessário considerar que tanto na forma do uso do solo como na estrutura urbana, a organização do conteúdo é intrínseca, é inerente a eles.

- ASPECTOS FUNCIONAIS DA INTEGRAÇÃO

Embora toda a vida de Itaquaquecetuba tenha estado ligada à Capital - dependendo essa ligação da intensidade das relações - a verdadeira integração na metrópole paulista acontece com a instalação do processo de produção industrial no seu território e com as decorrências próprias deste processo.

A área metropolitana não se define mais com critérios estanques pré-estabelecidos; pelo contrário, são as relações sociais realizadas num espaço onde "tem lugar todo tipo de atividades básicas, quer sejam de produção (incluída a agricultura), de consumo (em sentido amplo: reprodução da força de trabalho), de intercâmbio ou de gestão "... (30).

Essas atividades básicas de produção, especialmente a indústria, desde muito tempo já extravasaram os limites da cidade de São Paulo e foram-se instalar em terras dos municípios que constituem a Grande São Paulo. Cada vez mais as atividades industriais se liberam de velhos fatores que determinaram sua localização, para irem buscar novas condições que permitam atingir o objetivo principal: a reprodução do capital.

São Paulo já saturada só oferece desvantagens e, cada vez maiores, para a localização industrial. Assim a

busca dos municípios vizinhos se faz sentir como uma necessidade urgente para as antigas fábricas instaladas em bairros que hoje são residenciais ou que precisam mudar as formas de uso pretéritas.

Paul Singer escreve:

"Assim certo número de economias externas apresentadas pela Capital se encontram, por assim dizer, esgotadas. O grande mercado de mão-de-obra, por exemplo, que permite às empresas encontrar, sem grande esforço, os trabalhadores com a especialização de que necessitam. Esta economia externa é, pelo menos em parte, anulada pelo encarecimento da força de trabalho que as condições de vida em São Paulo provocam. As longas distâncias da residência do trabalhador ao local de trabalho, a precariedade do sistema de transporte e seu elevado custo (31), o abastecimento ineficiente que eleva o custo da alimentação, a crescente integração da mulher no trabalho remunerado, que encarece os serviços domésticos, o preço cada vez mais alto do solo usado para fins residenciais, tudo isso eleva o valor da força de trabalho em São Paulo, em comparação com cidades menores e que não apresentam tais características" (32).

O valor da terra em São Paulo está, cada vez mais, expulsando o industrial para a periferia. Segundo Paul Singer a empresa possui três alternativas: "1) - expandir-se verticalmente, o que algumas poucas fazem, mas nem sempre é econômico e tecnicamente aconselhável; 2) - mudar a empresa para uma área "nova", isto é, onde o preço da ter

ra é menor e onde, com o produto obtido da venda do imóvel mais centralmente localizado, é possível adquirir uma área várias vezes maior", e 3) - nenhuma das duas alternativas antes citadas, o que vale renunciar à expansão.

A mais viável e a mais praticada é a segunda alternativa; justamente Itaquaquecetuba constitui área "nova" onde existe terra e força de trabalho abundante e barata.

A atividade industrial como processo indutor do desenvolvimento urbano sofrido por Itaquaquecetuba é relativamente recente. "Ainda que a urbanização e a problemática do urbano figurem entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as preocupações que essas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce à nossa volta" (33).

Na década de 70 podemos marcar o início do processo produtivo industrial em Itaquaquecetuba. Até esse momento só existia uma indústria textil, localizada na via de acesso de Poá e Itaquaquecetuba e que data, como vimos, da década de 40.

Ao longo desses 30 anos não houve nenhuma força econômica que atraísse as fábricas a se instalarem no município. As funções que exerceu dentro do contexto do processo de metropolização durante esse período foram variando com o momento histórico: atividade agrícola ou subúrbio-dormitório, ou ambas ao mesmo tempo, segundo a consideração dos diversos autores consultados (34).

TABELA Nº 5

## INDÚSTRIAS - ANO DE AQUISIÇÃO - ÁREAS

INDÚSTRIAS	ANO AQUISIÇÃO TERRENO	ÁREA TOTAL DO TERRENO	ÁREA INICIAL	ÁREA TOTAL
1. OMEGA S.A.	1971	60.000 m <sup>2</sup>	7.000 m <sup>2</sup>	7.000 m <sup>2</sup>
2. MAFOR	1971	s/dados	s/dados	s/dados
3. LANIFÍCIO GANUT	1974	27.600 m <sup>2</sup>	3.300 m <sup>2</sup>	3.300 m <sup>2</sup>
4. INDÚSTRIA KAPPAZ	1974	42.000 m <sup>2</sup>	12.000 m <sup>2</sup>	12.000 m <sup>2</sup>
5. JORPAN	1974	20.000 m <sup>2</sup>	2.200 m <sup>2</sup>	2.200 m <sup>2</sup>
6. INDÚSTRIA DE MALHAS IMAVE	1975	24.000 m <sup>2</sup>	2.550 m <sup>2</sup>	3.000 m <sup>2</sup>
7. SANRISIL S.A.	1975	60.000 m <sup>2</sup>	10.000 m <sup>2</sup>	10.000 m <sup>2</sup>
8. MASSARI S.A.	1975	192.000 m <sup>2</sup>	97.000 m <sup>2</sup>	97.000 m <sup>2</sup>
9. MECÂNICA WUPPERTAL	1975	7.600 m <sup>2</sup>	1.560 m <sup>2</sup>	1.560 m <sup>2</sup>
10. BRAUFLEX LTDA.	1976	24.000 m <sup>2</sup>	4.000 m <sup>2</sup>	4.000 m <sup>2</sup>
11. PLÁSTICOS ROSITA	1977	20.000 m <sup>2</sup>	5.000 m <sup>2</sup>	5.000 m <sup>2</sup>
12. SIVA IND. E COM. DE ARTEFATOS DE ARAMES E AÇOS LTDA.	1977	15.000 m <sup>2</sup>	3.050 m <sup>2</sup>	3.050 m <sup>2</sup>
13. MURATA DO BRASIL	1978	21.504 m <sup>2</sup>	1.800 m <sup>2</sup>	2.030 m <sup>2</sup>
14. MINIMAX IND. E COM. DE CARROCERIAS (alu- gado)		1.000 m <sup>2</sup>	600 m <sup>2</sup>	600 m <sup>2</sup>

Em 1971 duas grandes empresas adquiriram glebas bastante extensas para sua instalação no município: OMEGA S.A., artefatos de borracha (60.000 m<sup>2</sup>) e MAFOR, Engenharia e Indústria de Equipamentos Ltda. (35).

De acordo com a tabela nº 5, podemos analisar o tipo de indústria, ano de instalação em Itaquaquetuba, área total do terreno adquirido, área inicial construída e área total construída na data da pesquisa de campo (fevereiro - março de 1979), num total de 14 fábricas.

Entre essas destaca-se a MASSARI S.A., não só pela extensão do terreno adquirido (192.000 m<sup>2</sup>), como pela área construída (97.000 m<sup>2</sup>) ou pelo tipo de atividade que desenvolve (fabricação de carrocerias). As relações que produz na movimentação de capitais e pessoas, a sua localização num importante nó de cruzamento de vias intermunicipais de grandes perspectivas futuras, o grau de negociações nacionais e internacionais fazem dela a maior empresa do município (36).

Com base nos questionários aplicados foi montado o quadro nº 6, a partir do momento em que as indústrias se instalaram efetivamente: ano de instalação, localização dentro das áreas destinadas para tais fins e lugar de origem, com data de início das atividades. Dele podem ser tiradas algumas conclusões interessantes:

1º - O processo efetivo de produção industrial só se inicia em 1973.



2º - As indústrias têxteis de confecção, de artefatos de plásticos, mecânicas de pequeno vulto, isto é, empresas com necessidade de muita mão-de-obra sem qualificação mas não de grandes extensões de terrenos, se localizam sobre a Estrada Velha São Paulo - Rio e nos bairros que circundam o "núcleo velho".

3º - Os estabelecimentos com necessidades de grandes extensões e mão-de-obra mais qualificada se situaram nos contatos com as áreas ainda agrícolas: Estrada do Bonsucesso, Estrada do Louzada, Estrada de Santa Isabel.

4º - Todas elas se originaram principalmente em antigos bairros industriais de São Paulo: Belém, Santo Amaro, Brás, Lapa, Ipiranga, Tatuapé, Cambuci, etc., e, quer por necessidades de expansão quer por se tornarem poluidoras, ou ainda por problemas de recrutar mão-de-obra barata e abundante, se transferiram a Itaquaquecetuba. Além do mais, o valor do terreno e das construções desses estabelecimentos originários, permite a transferência dessas empresas para nova sede.

Os fatos analisados não são fortuítos, mas sim produto de uma série de situações ligadas à metrópole, decorrentes da legislação, qual seja:

1º - Lei de Zoneamento da Metrópole (nº 7.805 de 19/11/72) que considera os bairros da zona leste residenciais, e as indústrias situadas dentro dessas áreas devem procurar novas localizações.

INDUSTRIAS - LUGAR DE ORIGEM - INSTALAÇÃO EM ITAQUAQUECETUBA

INDÚSTRIA	ANO DE INSTALAÇÃO EM ITAQUAQUECETUBA	LOCALIZAÇÃO EM ITAQUAQUECETUBA	LUGAR DE ORIGEM E DATA DE INSTALAÇÃO
OMEGA S.A.	1973	Estrada Velha-São Paulo-Rio	São Paulo (Centro) - 1957
JORPAN	1974	Estrada de Santa Isabel	Tatuapé (s/inf.)
LANIFÍCIO GANUT	1975	Estrada Velha São Paulo-Rio	Belém (São Paulo) - 1962
IND. DE MALHAS IMAVE	1976	Estrada Velha São Paulo-Rio	São Paulo (Centro) - 1964
IND. KAPPAZ S.A.	1976	Estrada Velha São Paulo-Rio	Santana (São Paulo) - 1935
BRAUFLEX LTDA.	1976	Av. Italo Adami, 1386	Vila Formosa (São Paulo) - 1960
MAFOR, IND. DE EQUIPAMENTOS	1976	Estrada do Louzada	Tatuapé (São Paulo) - s/inf.
MECÂNICA WUPPERTAL LTDA.	1977	Av. Uberaba, 111 - Morro Branco	Tatuapé (São Paulo) - 1972
SANRISIL S.A. IMP. E EXP.	1977	Estrada do Bonsucesso	Brás (São Paulo) - 1948
SIVA - ARTEFATOS DE ARAME	1978	Rua Goiania, 200 - Morro Branco	Brás (São Paulo) - 1969
MURATA DO BRASIL (MAQ.TEXTIL)	1978	Estrada de Santa Isabel	Cambuci ( São Paulo) - 1972
MASSARI, S.A.	1978	Estrada do Bonsucesso	Ipiranga (São Paulo) - B55
MINIMAX IND.E COM. DE CARROCERIAS	1978	Av. Italo Adami, 1380	Lapa (São Paulo) - 1977
PLÁSTICOS ROSITA IND.E COM.	1979	Estrada Velha São Paulo-Rio	Santo Amaro (São Paulo) - 1970

2º - Lei de Zoneamento Industrial (nº 1.817, de 27 de outubro de 1978) que "estabelece os objetivos, e as diretrizes para o desenvolvimento industrial e disciplina a localização, a classificação e o licenciamento de estabelecimentos industriais na Grande São Paulo" (37).

A orientação de crescimento preferida é a Leste-Oeste, aconselhada inclusive no PMDI (Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado) e com os objetivos de utilizar melhor uma série de investimentos públicos tais como metrô, sistema de subúrbios da FEPASA e da Rede Ferroviária Federal, investimentos no Sistema Adutor Metropolitano que abastece preferencialmente este setor, etc.

Fizeram uma série de classificações tais como ZEI (Zona de Uso Estritamente Industrial), ZUPI (Zona de Uso Predominantemente Industrial), dentro do qual está considerado o município de Itaquaquecetuba junto a outros vizinhos como Poá, Arujá, Suzano, Mogí, Ferraz de Vasconcelos assim como outros municípios da Grande São Paulo.

Dentro da área de Itaquaquecetuba se definiram também as pertinentes à atividade industrial. Diz a lei: "Inicia-se no ponto de intersecção entre a linha de limite com o Município de Arujá, com a Estrada do Corredor; segue-se por esta Estrada e, depois pela Estrada Corta Rabicho até a Estrada Santa Isabel; segue-se por esta Estrada até a linha de limite com o Município de Arujá; segue-se por esta linha até a Estrada do Corredor, ponto de origem" (38) (carta nº 5).

Esta lei não só definiu as áreas de localização industrial, como também o tipo de indústrias consideradas metropolitanas, o tamanho, o porte que a atividade produtiva pode ter. Quer dizer, aquelas que são típicas do contexto metropolitano e que, por tal característica podem ser instaladas também pelo seu tamanho, dentro da região metropolitana.

Esta lei que só foi assinada em 1978 já vinha propiciando a valorização da zona leste com fins industriais, desde há muito.

Num primeiro momento da valorização de Itaquaquecetuba como área de instalação industrial (fins da década de 60), duas companhias imobiliárias (Melhoramentos e Delfim Verde) lotearam pequenas áreas para tal fim.

Posteriormente, no começo da década de 70, a Prefeitura Municipal realizou uma política de desapropriação de terrenos que não possuíam um uso definido ou que estavam abandonados. A partir de uma intensa propaganda nos jornais de maior circulação na cidade de São Paulo e em Mogí das Cruzes, chamou-se à concorrência as indústrias que tivessem interesse de instalar-se no lugar, oferecendo-se terrenos a preços muito baixos (Vide tabela valor da terra nº 4) (fotos 10 e 11).

Segundo a relação de indústrias instaladas no Município, fornecido pela Prefeitura em Maio de 1979, constatamos:



FOTO Nº 9: A presença dos bancos, uma consequência da instalação da indústria no município; "o velho" e o novo em luta. (Foto de A.I.G. de L.)



FOTO Nº 10: "Área industrial", penetrando na área rural. (Foto de A.I.G. de L.)

I - Metalúrgicas	24
II - de Cimento, Cerâmicas e não metálicas	19
III - de Plásticos e Borrachas	13
IV - Mecânicas e Elétricas	12
V - de Embalagens e Gráficas	9
VI - Texteis	7
VII - de Móveis e Madeira	7
VIII - de Produtos Químicos	4
IX - de Artigos de Couro	3
X - Alimentícias	2
XI - Outras	4
TOTAL	104

Johnson, analisando a expansão das indústrias nas áreas suburbanas afirma: "Os novos estabelecimentos industriais poderiam localizar-se nas áreas suburbanas de uma grande cidade e continuar atraindo pessoas residindo num raio muito amplo, sempre que estivessem situados perto de uma estrada de primeira ordem. Ao mesmo tempo, se desenvolve a construção de moradias em ditas áreas suburbanas, com a peculiaridade de que os bairros mais humildes se acham estreitamente associados aos novos polígonos industriais" (39).

Embora o grande crescimento populacional urbano de Itaquaquecetuba se verifique na década de 70, segundo podemos ver pela quantidade de licenças de loteamentos

que são solicitados à Prefeitura (ver Tabela nº 1), não podemos deixar de mencionar a presença de um subúrbio-dormitório na área em contato com o município de São Paulo (Itaim Paulista), e Poá.

Um processo é indutor do outro e vice-versa. Nas indústrias que se localizaram às margens da Estrada Velha São Paulo-Rio, foi mencionado o fato da facilidade de obtenção de mão-de-obra não especializada e, logicamente barata, necessária para a sua produção.

Na tabela nº 7 analisamos o tipo de indústria, dentro das 14 pesquisadas a partir do pessoal ligado a produção, o não ligado a produção e o total da mão-de-obra,

Justamente a que emprega maior quantidade de força de trabalho é a de artefatos plásticos com 1.413 operários, sendo 951 mulheres e 462 homens, isto é 67% do pessoal ocupado no processo produtivo é feminino e menos de 1% desempenha atividades administrativas.

O outro tipo de grande absorção de mão-de-obra feminina é a textil e confecção onde num total de 414 pessoas ocupadas, 73% são mulheres e 27% homens e desse total a absoluta maioria está na produção (94%).

Em oposição, nas indústrias mecânicas e metalúrgicas - a mais numerosa das pesquisadas (5) - sobre um total de 772 pessoas, 95% (736) são homens e só 5% mulheres, e deste total um pouco mais da metade trabalha na parte de administração, com frequência secretárias, escriturárias, e pessoal de serviço em geral.



TABELA Nº 7

## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## TIPO DE INDÚSTRIAS – PESSOAL EMPREGADO

Gêneros Industriais	Nº de Estab.	%	Pessoas ligadas a produção				Pessoas não ligadas a produção				Total por tipo de Indústria			
			H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%
Indústrias Textis e Confecção	2	15,4	86	5,8	286	22,0	24	10,7	18	28,6	110	6,5	304	22,3
Indústrias de Artefatos de Plástico	3	23,1	428	28,9	945	72,6	34	15,1	6	9,5	462	27,1	951	69,7
Indústrias Mecânicas e Metalúrgicas	5	38,4	590	39,9	17	1,3	146	64,9	19	30,2	736	43,2	36	2,6
Outras	3	23,1	375	25,4	53	4,1	21	9,3	20	31,7	396	23,2	73	5,4
TOTAIS	13	100,0	1.479	100,0	1.301	100,0	225	100,0	63	100,0	1.704	100,0	1.364	100,0
												3.068		

FONTE: 14 Questionários. Fevereiro/Março de 1979. 3.068 pessoas

No grupo enquadrado como "Outras" onde se pesquisou uma indústria química-farmacêutica, uma de artefatos de borracha e uma de embalagens industriais também a maioria da força de trabalho é masculina, 396 frente a 73 mulheres, o que representa 84% do total. Entre as mulheres, a maioria (73%) trabalha diretamente ligada à produção.

O total das pessoas pesquisadas nas indústrias somou 3.068, sendo 1.704 homens e 1.364 mulheres, quer dizer 56% masculino e 44% feminino.

Na tabela seguinte, nº 8 há uma relação entre tipo de atividade, pessoal especializado ligado à produção, não especializado ligado à produção como também pessoal especializado e não especializado não ligado à produção. Consideramos aparte os Quadros Superiores. Todas estas categorias foram separadas por sexo a fim de se analisar as suas respectivas incidências.

Uma decorrência própria do tipo de produção é requerer maior ou menor força de trabalho especializado. Assim as Mecânicas e Metalúrgicas detêm a primazia, com 43 homens e nenhuma mulher, enquanto as têxteis de confecções com 12 homens e 9 mulheres, são aquelas nas quais a mulher mais participa da mão-de-obra especializada.

Por outra parte o maior número dos não especializados que lidam com a produção corresponde a artefatos plásticos, com 397 homens e 928 mulheres, sendo seguida pela metalúrgica, com 547 homens e 17 mulheres.

TABELA Nº 8

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
TIPOS DE INDÚSTRIAS – ESPECIALIZAÇÃO MÃO DE OBRA

Indústrias	Total mão de obra				Espec. ligados a produção				Não espec. ligados a produção				Espec. não ligados a produção				Não espec. n/ ligados a produção				Quadros superiores			
	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%
Textil e Confecções	110	6,46	304	22,29	12	12,0	9	34,62	74	5,37	277	21,73	4	3,67	12	36,36	13	16,25	5	17,24	7	19,44	1	100
Artefatos de Plásticos	462	27,11	951	69,72	31	31,0	17	65,38	397	28,79	928	72,78	10	9,17	–	–	17	21,25	6	20,69	7	19,44	–	–
Mecânicas e Metalúrgicas	736	43,19	36	2,64	43	43,0	–	–	547	39,66	17	1,33	82	75,23	15	45,45	50	62,50	4	13,79	14	38,89	–	–
Outras	396	23,24	73	5,35	14	14,0	–	–	361	26,18	53	4,16	13	11,93	6	18,19	–	–	14	48,28	8	22,23	–	–
<b>TOTAIS</b>	<b>1.704</b>	<b>100,0</b>	<b>1.364</b>	<b>100,0</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	<b>26</b>	<b>100,0</b>	<b>1.379</b>	<b>100,0</b>	<b>1.275</b>	<b>100,0</b>	<b>109</b>	<b>100,0</b>	<b>33</b>	<b>100,0</b>	<b>80</b>	<b>100,0</b>	<b>29</b>	<b>100,0</b>	<b>36</b>	<b>100,0</b>	<b>1</b>	<b>100,0</b>

FONTE: 14 Questionários. Fevereiro/Março de 1979. 3.068 pessoas

No ítem dos Especializados não ligados à produção também é a Mecânica e Metalúrgica que está com maioria de pessoas sendo 82 homens e 15 mulheres; mas aqui além de ser um tipo de indústria que requer uma forma de administração mais sofisticada, foi a mais numerosa em nossa pesquisa. Caso fortuito sem dúvida, pois o nosso parâmetro foi pesquisar em diferentes áreas de localização e só quando estávamos em presença do inquerido é que constatamos o tipo de atividade correspondente.

Uma observação especial corresponde ao item "Quadros Superiores" onde há um predomínio absoluto dos homens, havendo uma só mulher, na indústria de confecção.

Paralelamente à análise deste quadro foi feita a do que se lhe segue (nº 9), onde há uma relação entre o tipo de indústria, o lugar social que ocupa no processo de produção e a origem da força de trabalho.

Aqui os contrastes são marcantes:

1º - Em todos os tipos de atividades, os cargos de direção e administração estão nas mãos de pessoal de São Paulo.

2º - Quando a mão-de-obra possui especialização também é originária de São Paulo ou de outros lugares variados como Suzano, Mogí, Guarulhos e até mesmo São José dos Campos.

3º - O grosso da força de trabalho não especializada, em todos os tipos de indústria, é do Município de

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
 TIPOS DE INDÚSTRIAS – ORIGEM MÃO DE OBRA

Tipos de Indústrias	Direção e Administração			Especializados						Não Especializados					
	Itaquaq.	S.P.	%	Outros	Itaquaq.	S.P.	%	Outros	%	Itaquaq.	%	S.P.	%	Outros	%
Textil e Confecção		8	15,69		11	6,12	41	17,52		341	18,38	15	9,37		
Artefatos de Plásticos		11	21,57		41	22,78	9	3,85		928	50,02			397	67,52
Mecânicas e Metalúrgicas		23	45,10		122	67,77	106	45,30		330	17,78	145	90,63	83	14,11
Outras		9	17,64		6	3,33	78	33,33		256	13,82			108	18,37
<b>TOTAIS</b>		<b>51</b>	<b>100,0</b>		<b>180</b>	<b>100,0</b>	<b>234</b>	<b>100,0</b>		<b>1.855</b>	<b>100,0</b>	<b>160</b>	<b>100,0</b>	<b>588</b>	<b>100,0</b>
3.068 pessoas															
% total 100,0		2,0			6,0		8,0			60,0		5,0		19,0	

FONTE: 14 Questionários. Fevereiro/Março de 1979.

Itaquaquecetuba seguindo-se o ítem "Outros" ou seja, arredores: Poá, Itaim Paulista, São Miguel, etc. Uma parte das pessoas procedentes de São Paulo corresponde a elementos que se encarregam da segurança das empresas, contratados em companhias da Capital. Um número maior (145 pessoas) das indústrias Mecânicas e Metalúrgicas, segundo nos informaram, está com intuito de mudar-se para Itaquaquecetuba, e portanto o seu deslocamento é temporário.

4º - Assim, de 3.068 pessoas inqueridas, 1.855 moram em Itaquaquecetuba (60%) e são trabalhadores não especializados; dos especializados ou dedicados a direção e administração, não há nenhum morando na cidade. Nos arredores de Itaquaquecetuba (e que no quadro aparece sob o título de "Outros") os especializados são 234 (8%) pessoas e os não especializados 588 (19%). Os restantes 180 (6%) especializados e 160 (5%) não especializados como 51 (2%) da parte da direção e administração, são da Capital.

Quanto à nacionalidade, só foram entrevistados 27 estrangeiros, distribuídos por todas as funções do processo produtivo industrial.

Na realidade o pequeno número de estrangeiros, 27, frente a 3.041 brasileiros, não tem um significado expressivo no conjunto das atividades fabris (tabela nº 10).

Dessa maioria absoluta de 3.041 brasileiros-de acordo com estimativas feitas pelos entrevistados cerca de 60 a 80% está representado por nordestinos e mineiros, constituindo os operários menos qualificados.

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

Quadro nº 10

Indústrias – Mão de Obra – Nacionalidade

	Técnicos	Administr.	Operário	Nível Superior	Totais
1º Italianos	8	2	1	—	11
2º Espanhóis	1	2	—	1	4
3º Japoneses	1	1	2	—	4
4º Portugueses	—	2	—	1	3
5º Argentinos	—	—	—	2	2
6º Suiços	—	—	—	1	1
7º Gregos	1	—	—	—	1
8º Sírios	—	1	—	—	1
Totais	11	8	3	5	27

FONTE: 14 Questionários. Fevereiro/Março de 1979.

Quadro nº 11

Salários Cr\$		%
até 4.000	1.666 pessoas	54,0%
de 5.000 a 10.000	1.131 pessoas	37,0%
de 10.000 a 15.000	143 pessoas	5,0%
de 15.000 a 20.000	61 pessoas	2,0%
mais de 20.000	67 pessoas	2,0%
Total	3.068 pessoas	100,0%

Pesquisa fevereiro/1979





FOTO Nº 11: Indústria localizada sobre a estrada Itaqua-  
quecetuba e Poá, Av. Italo Adami. Essa fábri-  
ca é da década de 40. (Foto de, A.I.G. de L.)



FOTO Nº 12: Chácara de verduras na Estrada do Mandi.  
(Foto, N.L.).

Como decorrência do já exposto fizemos uma tabela (nº 11) com os níveis salariais do pessoal das 14 fábricas visitadas.

Dos 3.068 trabalhadores, 1.666, (54%) ganhavam até Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros), num momento em que o salário mínimo era de Cr\$ 1.560,00.

Numa segunda categoria salarial, estariam 37% dos operários (1.131 pessoas) ganhando até Cr\$ 10.000,00, ou seja, 91% dos operários percebe menos de Cr\$ 10.000,00, cuja maioria reside em Itaquaquecetuba. Os salários mais altos são dos não residentes em Itaquaquecetuba. Desses, 5%, ganham entre Cr\$ 10.000,00 e Cr\$ 15.000,00 e os restantes 4% correspondem a cargos de direção, com os salários mais elevados.

No que diz respeito aos problemas de recrutar mão-de-obra todos foram unânimes em responder que a mão qualificada era abundante; o exército de reserva sempre apresentava com disponibilidade. Na medida que a qualificação exigida aumenta, a falta de pessoal para satisfazer o mercado de trabalho também aumenta. Em geral se comentava a grande necessidade de pessoal de escritório, secretárias, pessoal de chefias dentro do processo produtivo, onde a oferta era menor que a procura. Em algumas indústrias - as de maior tecnicismo - chegaram a falar de possibilidade de acordos para serem instalados cursos técnicos de qualquer classe, inclusive datilografia, no município.

Outro problema bastante ventilado nas entrevistas era o da alta rotatividade que tem esses trabalhadores menos qualificados. Chegaram a dar uma porcentagem de 100% anual ou seja o número de admissões e demissões supera o total de funcionários. A principal razão dessa rotatividade é a retirada do Fundo de Garantia (FGTS), o que também é uma consequência do precário nível sócio-econômico que possui esse segmento da sociedade, que joga com todas as possibilidades de conseguir um dinheiro extra. Por outro lado, as indústrias mais antigas instaladas no município, especialmente sobre o eixo da estrada Velha São Paulo-Rio, viam com pouca simpatia a chegada das indústrias novas que ativam a concorrência sobre a força de trabalho e consequentemente, a rotatividade.

Por seu lado a mão-de-obra qualificada é privilegiada em todas as fábricas pesquisadas. Todas as indústrias possuem condução para tal categoria de funcionários, desde peruas e onibus, até carros da empresa, segundo o cargo do beneficiado. Em algumas há até a perspectiva de serem construídas casas dentro do terreno da fábrica, no intuito de segurar essa força de trabalho, tão difícil de conseguir e tão necessária à produção. Se considerarmos o pouco tempo de vida que essas indústrias têm no município, é provável que se viabilize o projeto.

A atividade fabril no município enfrenta também outros problemas decorrentes do crescimento rápido e

desordenado, o que se traduz em falta de infra-estrutura, de serviços de toda classe.

Em primeiro lugar, em todas as indústrias foi mencionada a necessidade de água corrente, escassa ou inexistente na quase totalidade do município. Para se instalar foram perfurados poços artesianos para as capacidades mais variadas de fornecimentos d'água.

Outro problema bastante agudo, especialmente para as indústrias que estão fora do eixo da Estrada Velha São Paulo-Rio é a falta de linhas de transporte que interliguem os diversos bairros de Itaquaquecetuba e partes do município. Nisso colocaram um dos maiores obstáculos para recrutar o operariado.

Outros problemas: falta de esgotos, de policiamento, etc., menos mencionados nas entrevistas.

Com respeito à comercialização e transporte da produção, todas as fábricas apontaram como destino as grandes metrópoles do país encabeçadas por São Paulo; Rio, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, etc.. Isso varia de acordo com o ramo industrial a que se dedicam. O transporte é sempre o rodoviário e quando não é a própria indústria que possui os veículos são contratadas as empresas de carga de São Paulo (40).

Todas elas possuem a parte de comando, vendas, compras, ou seja, o centro de decisões, em São Paulo, nos lugares de sua origem ou ainda em novas localidades, de acordo com suas atuais necessidades.

Em síntese, o processo de integração do município de Itaquaquetuba à Metrópole se desenrola basicamente a partir do momento em que ali se localizou a indústria. Este processo é a consequência da concentração tanto industrial como da população, porque a concentração da força de trabalho "está ligada à tendência principal do capital, que é a de se concentrar" (41).

Na verdade essa concentração de mão-de-obra nas Metrópoles não é outra coisa mais que a resposta da oferta para onde mais demanda existe.

- ASPECTOS CONSERVADORES EM DESINTEGRAÇÃO LOCAL

Como dissemos anteriormente, Itaquaquecetuba es  
tá localizada a leste de São Paulo, a pouco mais de 32 Km.  
da Capital. Sendo um dos eixos de circulação mais antigos  
do Estado - a estrada Velha São Paulo-Rio - atravessa o mu-  
nicípio pelo limite leste, permitindo um certo relacionament  
to com a Capital (42).

O seu espaço agrário atual só pode ser explica-  
do e compreendido em função da existência da Metrôpole pau-  
lista, que é o principal mercado consumidor da produção a-  
grícola do município. A Metrôpole, no seu processo de cres-  
cimento e aglutinação se torna um centro de consumo dos pro-  
dutos horti-fruti-granjeiros do cinturão verde que rodeia a  
cidade. Esse dinamismo de São Paulo começa a se fazer sen-  
tir ao iniciar a organização do antigo "cinturão caipira", lo-  
calizado nos arredores da cidade. Petrone se refere a ele  
em 1964 nos seguintes termos:

"Economicamente era uma área decadente, um qua-  
se vazio. Enormes extensões de campos de barba-de-bode, mo-  
saicos de capoeiras em diferentes estágios de desenvolviment  
to, manchas modestas de matas secundárias nos grotões e ca-  
beceiras de vales, matas mais ricas nas serras isoladas ou  
em direção ao topo da Serra do Mar. Uma agricultura domi-  
nante de subsistência, caracterizada pelo sistema de roças.



Em um ou outro caso alguns cereais para serem vendidos em São Paulo, e pouco mais" (43).

De qualquer maneira, vários autores, entre os quais o próprio Petrone e Langenbuch afirmam que esses agricultores caipiras dispersos pelos arredores de São Paulo mantinham significativas relações com a Capital, abastecendo-a de produtos para a alimentação, lenha, carvão e materiais para construções. E, continuando Petrone, podemos ler: "Por outro lado, a cidade de São Paulo ainda não justificara a definição, nos seus arredores de um cinturão horti-fruti-granjeiro que permitisse utilização de alguns solos na base de culturas altamente rentáveis" (44). É uma referência ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

De outro lado parafraseando Seabra, (45) "os contactos econômico-sociais existentes entre a cidade de São Paulo e aqueles que praticavam as atividades agrícolas" nos arredores, no espaço do "cinturão caipira" não devem ter sido tão intensos a ponto de não produzir maiores transformações nas formas do uso do solo rural, de introduzir novas formas de produção de uma agricultura comercial que o grande crescimento da Metrôpole passava a procurar.

"Durante um século, caipiras marcaram a paisagem cultural dos arredores de São Paulo, seus contatos com a Metrôpole sendo feitos à custa de uma atividade comercial modesta: utilizando cargueiros isolados, tropas peque



nas, ou carros de boi, levaram suas mercadorias para a cidade e contribuíram para criar um capítulo do pitoresco que então caracterizou algum dos ângulos metropolitanos...<sup>46</sup>).

É necessário destacar que os arredores paulistanos não só tinham uma importante produção de artigos de consumo cotidiano, como também de algodão, açúcar e café, nas áreas dos municípios de Jundiaí, e de Mogí das Cruzes, do qual Itaquaquecetuba era parte integrante. É de se crer que essa produção teria diversos destinos, entre os quais:

- exportação
- auto-consumo dos produtores (culturas de subsistência)
- abastecimento da cidade de São Paulo
- alimentação de tropas e tropeiros.

Assim, o excedente de produção "caipira" dos arredores da cidade tinha uma certa importância, num momento em que as relações comerciais de São Paulo com o resto do país e, em especial, com o Rio de Janeiro, não eram fáceis. As estradas ou vias de circulação eram bastante rudimentares; as distâncias enormes e todo esforço que se realizava para objetivar relações comerciais, devia ser profundamente exaustivo. Além do que, não existia um mercado interno populoso, em condições de exigir maior quantidade ou melhor qualidade.

Assim, do "cinturão caipira" se dirigia para São Paulo o excedente das culturas de subsistência, dos produtos de criação, dos produtos de extrativismo vegetal (lenha, madeira), de extrativismo mineral (pedra de cantaria, e areias, até hoje explorados em Itaquaquecetuba). Havia ainda a produção artesanal destinadas ao abastecimento de São Paulo. Embora a produção fosse modesta, este fato não pode ser ignorado pois desempenhou um papel importante no consumo da cidade de São Paulo.

Toda essa produção que São Paulo consumia era distribuída a partir dos pontos de contato estabelecidos, tanto no Parque D. Pedro II, para os "caipiras" da zona Leste, como em Pinheiros, para os da zona Oeste. Petrone faz referência a isso (47),

À medida <sup>que</sup> a cidade de São Paulo ia crescendo, novas áreas iam se incorporando pelo processo de valorização. É de se notar o fato de ter sido justamente o território do antigo cinturão caipira que participou em caráter pioneiro desse processo. "... Na condição de área pioneira tornou-se um cinturão de especulação imobiliária, o loteamento sendo seu principal negócio" (48). E nesse conflito provocado pela metropolização definem-se uma série de usos do solo onde também surge o "cinturão verde", hortifrutigranjeiro.

Quais seriam os motivos dessa transformação? Deixemos as respostas na citação, em forma de indagação que Seabra faz em relação à Vargem Grande, um elo do "cinturão

caipira" e cujos questionamentos são totalmente válidos para a área de Itaquaquecetuba. O autor se indaga: "Até que ponto a própria intensificação das relações comerciais, justificando maior intensidade de utilização da área das propriedades (não necessariamente para o cultivo, mas também para a obtenção de lenha), apressou o esgotamento dos solos e conseqüentemente a decadência das áreas caipiras? Até que ponto o parcelamento longo das propriedades, por herança, já levava as unidades de exploração em muitos casos a limites que intensificaram ainda mais o uso da mesma? Até que ponto o "caipira" passou a vender mais do que seria permitível pelo tipo de sua atividade, obrigando-se cada vez mais a aquisições externas, ao mesmo tempo que seus contatos com os mercados "caipiras" de São Paulo o submetiam cada vez mais aos comerciantes, donos de vendas ou dos meios de transporte na zona rural, ou aos comerciantes dos mercados que lhe adquiriam parcial ou totalmente os produtos?" (49).

Enfim, uma série de circunstâncias que propiciaram a expansão do "cinturão verde" e o distanciamento, quando não a extinção, das atividades caipiras.

Embora se considere terem sido os imigrantes japoneses que, na segunda década deste século, introduziram a agricultura comercial no "cinturão verde" que rodeia São Paulo, não foram eles que fizeram conhecer os produtos hortifrutigranjeiros. "Já no começo do século XX subiam a

mais de 2.000 as pequenas unidades de exploração horti-fruti-granjeira situadas nos arredores, principalmente imediatos da cidade e sob a direção de portugueses, italianos e espanhóis em, particular" (50).

Em 1920 Marcello Piza se refere nos seguintes termos em relação à produção de Mogi das Cruzes: "... Culturas principais: grande produção de verduras de toda a espécie de que se faz grande exportação, cereais: 3.800 saccos de arroz, 1.500 de feijão e 18.000 de milho; frutas, havendo 200.000 árvores; batatinha (8.000 hectolitros); canna para assucar e aguardente, havendo vários engenhos, 2.000 arrobas de fumos, cultura florestal, floricultura, etc" (51). Estavam anexados a Mogi das Cruzes por essa época: Poá, Arujá, Sabaúna, Suzano e Itaquaquecetuba e outros povoados menos expressivos.

Esses imigrantes que praticavam atividades agrícolas (chacareiros) no domínio dos "bairros isolados" da cidade foram expulsos pela especulação imobiliária para os arredores paulistanos. No dizer de Penteado: "... os novos arruamentos e a necessidade de aproveitar o mais possível o espaço urbano ocasionaram o deslocamento de numerosas chácaras, de flores ou de legumes, até então localizadas em plena cidade. Tais fatos começaram a se registrar a partir de 1920, principalmente, quando muitos chacareiros portugueses, em grande maioria, transferiram suas atividades para a área suburbana, deixando suas chácaras localizadas

na Água Branca, em Vila Pompéia, na Lapa, no Tatuapé, na Penha, no Itaim-Bibi, em Santana, na Casa Verde, etc." (52).

Iniciada em 1908 a imigração japonesa no Brasil, já por volta de 1913 se localizam em Cotia e em 1922 estabelecem-se os primeiros imigrantes japoneses em Arujá e Itaquera. Desses núcleos dispersam-se para Suzano, Mogi das Cruzes e Itaquaquecetuba, na década de 30.

Assim explica Saito a instalação dos japoneses nos arredores de São Paulo:

"Essas regiões conservaram-se afastadas e alheias às prosperidades da agricultura comercial, como da cana e do café. Assim, apesar de muito próximas a São Paulo, nelas predominava ainda a agricultura de subsistência muito embora seu desbravamento remontasse ao século XVII. Como estava bem adiantado o retalhamento de propriedades, não foi difícil para os lavradores japoneses se tornarem pequenos produtores por meio de arrendamento ou de aquisição" (53).

Embora não tivessem sido os japoneses os criadores do cinturão de agricultura suburbano, foram eles os que mais souberam aproveitar o processo de expansão urbana que ocorria em São Paulo e, atualmente, são eles os responsáveis pela diversificação e crescimento da produção agrícola da área.

"... O caráter altamente comercial de que se tem revestido a produção agrícola do lavrador japonês - se bem que se deva em boa parte a seu plano de migração temporária -

ria - foi imprimindo graças à penetração da economia monetária, com os canais de circulação em desenvolvimento e os mercados em formação, o que, enfim, permitiu a formação do pequeno produtor" (54)..

Essas novas formas de ocupação do solo, para produzir em função de uma economia de mercado, se manifestam numa nova organização do espaço suburbano paulistano. Nessa luta entre o novo e o velho, um tratando de dominar o outro, é que se realizam as mudanças territoriais. Milton Santos se expressa da seguinte forma: "O novo procura impor-se por toda parte, porém sem poder realizar isso completamente. O velho é o modo de produção anterior, mais ou menos penetrado pelas formas sociais e pelas técnicas que correspondem ao modo de produção novo, mas sempre comandado pelo modo de produção novo" (55).

Na década de 40, dez anos após a instalação dos japoneses na área de Mogi das Cruzes e arredores, Aroldo de Azevedo assim se manifesta: "Nos últimos 25 anos criou-se em torno da cidade uma verdadeira zona hortense, com a multiplicação das culturas de legumes e também de flôres; as chácaras que já aparecem no próprio perímetro urbano, multiplicam-se através da região da Cantareira e nas vizinhanças da Penha e estendem-se mesmo muito além, da zona da "Central" (56).

Num outro momento da mesma obra o autor continua:



"A agricultura criou, por sua vez, uma paisagem particular embora não generalizada. Numerosas são as chácaras e pequenos sítios, onde se cultivam hortaliças, frutas diversas e criam-se galinhas".

"... Portugueses e japoneses são os que mais se dedicam a esse gênero de vida de caráter rural. A criação de gado não apresenta nenhuma importância, constituindo exceções as cabeças de bovinos que podem ser encontradas na região" (57).

Na década de 50 intensifica-se a chegada de imigrantes japoneses aos arredores da Metrôpole. É resultado do processo de urbanização e industrialização que atingiu São Paulo e da maior demanda de produtos para alimentação que o crescimento demográfico exigia. "De outro lado não se pode esquecer a mudança profunda que se verificou no regime alimentar dessas populações" (58).

Tanto proprietários como arrendatários, os japoneses são os principais responsáveis pelo abastecimento de produtos hortícolas, frutas e de granjas, que as principais Metrôpoles do país consomem.

Como já foi mencionado, o chamado cinturão verde da Grande São Paulo começou a se estruturar no período compreendido entre 1915 e 1940. Mas toma ímpeto a partir de 1950. Historicamente, as atividades agrícolas do cinturão verde, acompanham par e passo, o processo de urbanização e industrialização sofrido pela Metrôpole. A produção hortifrutigranjeira precisava do parcelamento da pro-

priedade que se deu ao redor da Capital e, muito especialmente, da proximidade do mercado consumidor. Mas a partir da instalação industrial e dos loteamentos para fins residenciais, há um retalhamento no cinturão verde e uma regressão o que cada vez se acentua mais (carta nº 5).

No quadro nº 12 pode-se observar a evolução do cinturão verde da área metropolitana paulista. À primeira vista aparece, já desde 1950, uma diminuição nas áreas cultivadas das sub-regiões, W, SE, e N consequência da penetração do processo industrial e da especulação imobiliária, com loteamentos para diversos fins urbanos. Nesse mesmo momento novas áreas são valorizadas com objetivos agrícolas, como a sub-região Leste onde se destacam Mogí das Cruzes, Suzano, Guararema e Salesópolis. A outra região que se especializa e aumenta suas propriedades produtivas é a Norte.

A partir do censo de 1960 há um acentuado retrocesso das áreas cultivadas na maioria das sub-regiões, com exceção da Leste, onde Mogí das Cruzes volta a se destacar. Itaquaquecetuba têm também então, um aumento de sua área em produção (carta nº 6).

Em outras sub-regiões, como a SE e N, nota-se uma tendência acelerada a desaparecer a produção agrícola, por avanços de formas urbanas de ocupação do território.

Em 1975, em 23 municípios dos 37 considerados no quadro, vê-se uma diminuição das áreas de terrenos em culturas. Em geral, o principal fator apontado, é o preço da terra nas áreas metropolitanas.

TABELA Nº 12

GRANDE SÃO PAULO  
EVOLUÇÃO DA ÁREA CULTIVADA DOS MUNICÍPIOS  
1950 - 1975

MUNICÍPIOS E SUB-REGIÕES	1950	1960	1970	1975
<i>CENTRO</i>	3.315	3.470	3.217	3.064
São Paulo	3.315	3.470	3.180	3.044
Osasco	(SP)	(SP)	37	20
<i>NOROESTE</i>	1.678	2.736	2.237	1.416
Carapicuíba	(Barueri)	(Barueri)	23	15
Barueri	348	495	747	285
Cajamar	(S.Parnaíba)	769	85	60
Santana do Parnaíba	1.330	1.096	894	770
Pirapora do Bom Jesus	(S.Parnaíba)	376	488	286
<i>OESTE</i>	2.613	2.095	707	1.548
Cotia	2.613	1.639	682	1.440
Itapevi	(Cotia)	456	17	90
Jandira	(Cotia)	(Cotia)	8	18
<i>SUDOESTE</i>	3.764	4.727	4.379	2.484
Taboão da Serra	(It.da Serra)	11	7	11
Itapeçerica da Serra	3.764	4.465	1.939	1.294
Embu	(It.da Serra)	251	42	141
Embu-Guaçu	(It.da Serra)	(It.da Serra)	641	470
Juquitiba	(It.da Serra)	(It.da Serra)	1.750	568
<i>SUDESTE</i>	913	802	648	719
Santo André	800	103	24	40
São Bernardo do Campo	112	209	311	315
São Caetano do Sul	1	4	-	5
Mauá	(Sto. André)	173	130	139
Diadema	(S.Bernardo)	73	24	16
Ribeirão Pires	(Sto. André)	240	100	144
Rio Grande da Serra	(Sto. André)	(R. Pires)	59	60
<i>LESTE</i>	9.463	16.969	18.801	17.024
Mogi das Cruzes	3.278	6.698	8.970	9.405
Suzano	1.222	3.028	2.587	1.841
Poá	79	507	59	39
Itaquaquecetuba	(M. Cruzes)	111	425	408
Ferraz de Vasconcelos	(Poá)	52	129	41
Guararema	2.505	2.758	2.533	1.842
Salesópolis	2.379	3.815	1.944	1.414
Biritiba Mirim	(M. Cruzes)	(M. Cruzes)	2.154	2.034
<i>NORDESTE</i>	3.559	3.453	3.759	2.729
Guarulhos	689	1.191	1.442	942
Arujá	(S. Isabel)	792	595	870
Santa Isabel	2.870	1.470	1.722	917
<i>NORTE</i>	2.053	2.135	1.207	960
Franco da Rocha	322	308	189	239
Mairiporã	1.731	1.762	711	658
Caieiras	(Fco. Rocha)	65	198	10
Francisco Morato	(Fco. Rocha)	(Fco. Rocha)	109	53

FONTE DOS DADOS BÁSICOS: FIBGE; CENSO AGRÍCOLA DE SÃO PAULO, 1950. RIO DE JANEIRO, 1955 e SINOPSE DO CENSO AGRO-PECUÁRIO DE SÃO PAULO. RIO DE JANEIRO, 1977.

As influências mais expressivas do crescimento urbano nas áreas rurais desses municípios analisados é justamente o afastamento, da atividade agrícola para distâncias cada vez maiores motivado por pressões exercidas pela demanda das necessidades urbanas. Há uma reorganização na produção do cinturão verde por exigência do centro urbano, a cidade de São Paulo.

Como consequência dessa luta pelo espaço que se traduz em preço da terra e especulação imobiliária - entre os usos urbanos e rurais do solo - as áreas em cultivo tem que ser de alta rentabilidade e intensamente utilizadas.

Assim culturas extensivas tipo arroz, feijão e outras tiveram que ser deixadas de lado, da mesma forma que a pecuária, porque não justificavam os investimentos.

No quadro nº 13, está sintetizado o que foi dito acima.

Na pesquisa empírica na área "rural" de Itaquaquecetuba foram entrevistadas 9 famílias. Desse total, 7 japôneses ou nisseis dedicados a atividades de horta, frutíferas ou à criação de aves. Quanto aos outros 2, um possui granja de leite para a indústria de laticínios e o outro se dedica à silvicultura.

Os nisseis ou japoneses chegaram à área entre 1937 e 1961, vindo do interior de São Paulo, (Marília e Lins) e da Cidade de São Paulo (Freguesia do Ó e Itaquera). O motivo da instalação em Itaquaquecetuba foi a possibilida

TABELA Nº 13

	Verduras %	Legumes %	Frutas %	Total %	Preço da Terra por Hectare das Propriedades de menos de 2 Ha em Cr\$ 1.000
São Paulo	30,32	37,23	0,74	31,77	11,6
Mogi das Cruzes	11,74	17,61	48,74	15,24	3,6
Suzano	14,59	6,86	12,06	12,35	10,4
Cotia	9,66	10,27	-	9,46	5,5
Guarulhos	6,23	11,74	-	7,84	17,0
Itapeceira da Serra	10,06	3,23	-	7,33	3,9
Embú-Guaçu	6,59	3,69	-	5,33	3,9
Biritiba Mirim	1,63	3,63	14,69	2,84	1,6
São Bernardo do Campo	3,78	0,49	-	2,51	37,9
Embú	3,10	0,23	-	2,00	10,5
Santa Isabel	-	2,45	10,32	1,25	2,8
Arujá	1,21	0,05	0,91	0,84	6,6
Guararema	-	1,09	9,05	0,73	2,1
Mairiporã	-	1,13	-	0,52	6,5
Salesópolis	0,45	0,07	-	0,30	0,8
Franco da Rocha	0,14	-	-	0,08	5,8
Itaquaquecetuba	-	0,06	-	0,03	9,6
Osasco	-	0,07	-	0,02	11,3*
Ibiúna					1,5
Jundiaí					8,7

\* Valor da terra para propriedades de 2 a menos de 10 hectares em Osasco

Fonte dos Dados Básicos: CEAGESP - *Boletim Anual*. São Paulo, 1973.

INCRA - *Estatísticas Cadastrais/Tabulação Especial*. Brasília, 1974.

de de comprar terra, de tornarem-se donos das propriedades, uma vez que o preço era acessível a suas posses.

O tamanho dessas propriedades varia de 20.000 m<sup>2</sup> (em arrendamento) até 6 alqueires (proprietários). Estas terras são intensamente aproveitadas com plantações de diversas classes de verduras ou de frutas, sob todas as formas de preparação técnica e implantando as últimas experiências, afim de obter uma produção altamente rentável.

O trabalho é familiar e todos os membros que participam, inclusive os velhos, possuem a consciência da necessidade de produzir mais para um melhor padrão de vida. O número de empregados que contratam da própria área é muito exíguo: 7 no total, sendo 5 homens e 2 mulheres.

Esses agricultores possuem maquinários dos mais modernos para suas necessidades e, embora todos eles tenham vários veículos (carros e caminhões), a comercialização é realizada in situ. Os próprios interessados, feirantes, quitandeiros, supermercados de São Paulo vão às chácaras de Itaquaquecetuba, em busca da produção (fotos 12 e 13).

Há também um novo tipo de uso agrícola, em função das Metrôpoles (São Paulo e Rio): o das plantas de ornamentação que, no momento atual são muito procuradas nas cidades. Este tipo de produção está associado à fruticultura e ambos os produtos são comercializados em função do tipo de cliente de fim de semana: possuem bancas nos principais eixos de circulação, São Paulo-Rio, (estrada velha) e São Paulo - Mogí (desvio via Dutra).





FOTO Nº 13: Chácara de verduras intensamente ocupada. O barraco do primeiro plano é para guardar ferramentas. Ao fundo os portos de areia, e as colinas já loteadas (Foto, N.L.).



FOTO Nº 14: Olaria na várzea do Tietê, atividade tradicional do município. Ao fundo "formas de uso urbano." (Foto, A.I.G.de L.).

Das propriedades entrevistadas de japoneses ou nisseis, 2 são granjas ou para obtenção de ovos ou para engorda de frangos "caipiras". Estas atividades nunca são isoladas; ao lado praticam atividades hortícolas. Tais produções são vendidas nas feiras livres, diretamente a São Paulo ou a outros municípios vizinhos, já muito urbanizados, como Poá e Ferraz de Vasconcelos.

Estas granjas também estão muito bem equipadas e dispõem de todas as técnicas necessárias, a ponto dos proprietários receberem revistas e livros especializados para se atualizarem.

Nesta atividade, o trabalho também é familiar, havendo apenas 2 empregados em cada uma delas.

Um fato que devemos frisar é que de acordo com a localização das granjas já são sentidas as pressões da especulação imobiliária e a intensidade do processo de urbanização. No ano de 1976, por exemplo, um japonês entrevistado, na estrada do Corredor, se mostrava muito temeroso de perder suas terras, em decorrência do avanço das indústrias e dos loteamentos residenciais. Em 1979, muitos deles já haviam vendido suas propriedades, mudando-se ou para outros municípios, (como Guararema ou Salesópolis) ou trocando de atividades, dedicando-se ao comércio, e outras. É o caso de uma das granjas em que o dono já partilhou a propriedade, vendendo-a para fins industriais. Decepcionado com a atividade rural, está pouco a pouco procurando mu

dar de trabalho. O mesmo acontece com um chacareiro cuja propriedade está localizada na estrada do Índio (vide carta nº 5) que, ante o avanço da urbanização e sofrendo os efeitos da vizinhança dos loteamentos residenciais de pouco poder aquisitivo, vendeu um pedaço de terreno para a instalação de um sítio de fim de semana a um morador da Capital. Foi a maneira que ele achou de atenuar a presença da "invasão" urbana no campo.

O padrão de vida de todos é muito alto. As casas são boas e até luxuosas, dentro do padrão local, com TV a cores, modernos eletrodomésticos; todos possuem carros (alguns até mais de um) inclusive os arrendatários. Enfim, estão tão perfeitamente integrados na sociedade de consumo.

As outras 2 propriedades pesquisadas têm forma de organização diferente daquela que predomina no município. Uma delas foi adquirida em 1920; possui 72 alqueires, e pertence aos herdeiros de um cientista americano, instalado no país em 1918.

Nesta fazenda há instalados 6 portos de areia arrendados a terceiros para a exploração e 8 famílias de nipônicos na prática horticoltora. São também arrendatários.

A parte pertencente aos proprietários está dedicada à silvicultura.

A sede da fazenda, que segundo seus proprietários data do século XVII e parece que pertenceu aos jesuítas, é hoje residência de fim de semana para os mesmos que moram em São Paulo. Ao redor dela há novas construções pa-

ra os outros herdeiros que residem no local mas que tem estilo de vida totalmente urbano. As mulheres são professoras de inglês em colégios e institutos de Arujá e os homens trabalham com o transporte e a comercialização da areia dos portos, arrendados a terceiros.

Esta propriedade está instalada na estrada do Mandi (vide carta nº 5) a uns 6 km da sede do município; já houve fortes pressões para a venda de parte da terra e, inclusive, decreto de desapropriação para "usos do solo urbano" (59).

A outra propriedade visitada é uma granja também com características diferenciadas, porque cumpre duas funções ao mesmo tempo: produção de pecuária e recreação de fim de semana.

Localizada na Estrada do Rio Abaixo, tem uma extensão de 16 alqueires e foi adquirida entre 1943 (10 alqueires) e 1944 (mais 6).

Como seu proprietário reside em São Paulo, dedicando-se à outras atividades urbanas, são os empregados (7 famílias) que se encarregam dela. Esta granja está montada também com as maiores e melhores instalações que a moderna criação de gado possui, inclusive animais de raça selecionada, mas a função dela é mais de recreação que de produção propriamente dita. As áreas que circundam os currais e demais instalações próprias, estão cultivadas com pastagens e forrageiras, em função do gado. O equipamento para

recreação também é altamente sofisticado, campo de esporte, piscinas, etc.

À vista do exposto, podemos dizer que a área rural do município possui ainda 3 elementos bem específicos:

- as chácaras e granjas dos nipônicos;
- os sítios ou granjas de fim-de-semana;
- as olarias e portos de areia.

Excetuando-se os portos de areia, cujo sistema de exploração provoca crateras, lagos e profundos barrancos, tornando o terreno impróprio a urbanização (fotos 14 e 15) todas as outras áreas mencionadas estão sofrendo o constante assédio do crescimento urbano e da especulação imobiliária.

Embora esse problema tenha começado a se acelerar na década de 70, a partir de 1960 já se fazia sentir com certo ímpeto, o processo de urbanização em Itaquaquetuba. No censo de 1970 Itaquaquetuba aparece com uma população urbana de 22.094 habitantes e apenas 7.059 pessoas na área rural. Há um decréscimo muito acentuado das atividades agrícolas frente ao avanço das atividades industriais e urbanas, de um modo geral.

No quadro nº 14, podemos observar a porcentagem de áreas de cultivos de Itaquaquetuba, comparada à área total do município e frente a toda a sub-região Leste.

Na medida que o processo de urbanização avança, as terras são valorizadas e as atividades agrícolas expulsas para municípios mais distantes de São Paulo.

QUADRO Nº 14: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ÁREA TOTAL E ÁREAS COM CULTURAS  
NA SUB-REGIÃO LESTE - 1972

MUNICÍPIOS	% ÁREA TOTAL	% ÁREA COM CULTURAS	% ÁREA COM HORTI- GRANJEIROS	% ÁREA COM PERMANENTES	% ÁREA COM TEMPORÁRIAS
BIRITIBA MIRIM	9,2	11,1	12,4	10,4	10,5
F. DE VASCONCELOS	0,8	0,4	0,2	0,7	0,3
GUARAREMA	17,0	12,0	7,8	11,8	16,3
ITAQUAQUECETUBA	1,2	4,2	4,9	3,7	3,9
MOGI DAS CRUZES	40,9	48,0	49,3	54,0	40,9
POÁ	0,1	0,2	0,1	0,6	0,1
SALESÓPOLIS	20,3	11,5	3,9	9,1	21,5
SUZANO	10,5	12,6	21,4	9,7	6,5
SUB-REGIÃO LESTE	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: INCRA - 1972 - ESTATÍSTICAS CADASTRAIS/1.





FOTO Nº 15: Porto de Areia em intensa exploração com seus barrancos e crateras sob o terraço do rio Tiete. (Foto, N.L.).

No quadro observamos que Ferraz de Vasconcelos, como Poá, Itaquaquecetuba, estão quase extinguindo suas áreas dedicadas às atividades agrícolas, consequência da vizinhança com a Capital. Num polo oposto, medido pelas distâncias a São Paulo estão Mogí das Cruzes, Guararema e Salesópolis, onde há ainda a predominância das culturas.

Embora não tenhamos conseguido dados estatísticos mais recentes que os dos quadros analisados, o certo é que, em contato com a realidade empírica, tais fatos foram ali constatados. Há realmente uma invasão das formas de "uso urbano", com especulação imobiliária coexistindo paralelamente em detrimento das formas tradicionais de ocupação do espaço (cartas nºs. 5 e 7).

NOTAS DO CAPÍTULO I

- (1) - AB'SABER, A.: "O Quaternário na Bacia de São Paulo: Estado Atual dos Conhecimentos", em: Geomorfologia, I.G., U.S.P., São Paulo, 1969, nº 8, p. 4.
- (2) - AB'SABER, A.: "O Sítio Urbano de São Paulo", em: "A Cidade de São Paulo", Estudos de Geografia Urbana, Tomo I.
- (3) - AB'SABER, A.: "O Quaternário ... p. 11.
- (4) - AZEVEDO, Aroldo de: "Subúrbios Orientais de São Paulo", Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil, da F.F.C.L. da U.S.P., São Paulo, 1945, p. 157.
- (5) - PETRONE, Pasquale: "Os Aldeamentos Paulistas e sua função na valorização da Região Paulista", Estudos de Geografia Histórica. Tese de Livre-Docência, apresentada à Cadeira de Geografia Humana da F.F.C.L. da U.S.P., São Paulo, 1964, (exemplar mimeografado), p. III, 92.
- (6) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 98.
- (7) - Idem, p. 101.
- (8) - AZEVEDO, Aroldo: "Subúrbios Orientais ... p. 155.

- (9) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 165.
- (10) - AZEVEDO, A.: "Subúrbios Orientais... p. 155.
- (11) - AZEVEDO, A.: Op. cit., p. 165.
- (12) - GUIDUCCI, Roberto: "La città dei Cittadini", Un'urbanistica per tutti, Rizzoli, Milano, 1976, pag.48. Trad. nossa.
- (13) - LANGENBUCH, J.: Op. cit., p. 330.
- (14) - SANTOS, M.: "Espaço e Dominação ...", p. 134.
- (15) - DEFFONTAINES, P.: "Como se Constituiu no Brasil a Rêde das Cidades", Em: Bol. Geográfico, C.N.G., maio de 1944, Ano II, nº 14 e 15, p. 142.
- (16) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 167.
- (17) - Idem, p. III, 170.
- (18) - AZEVEDO, A.: "Subúrbios Orientais ...", p. 155.
- (19) - LANGENBUCH, J.: "A Estruturação da Grande São Paulo. Fundação I.B.G.E. Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1975, p. 180.
- (20) - AZEVEDO, Aroldo: "Subúrbios Orientais ...", p. 153.
- (21) - LANGENBUCH, J.: op.cit., p. 187.

- (22) - PENTEADO, Antonio Rocha: "Contribuição ao Estudo da Região Suburbana de São Paulo", em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, A.G.B., São Paulo, 1957, V. IX, Tomo I, 1954-55, p. 214.
- (23) - A respeito ver OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de "A Lógica da Especulação Imobiliária", Bol. Paulista de Geografia, A.G.B., São Paulo, novembro 1978, nº 55, p. 75 e segs.
- (24) - OLIVEIRA, A.U.: Op. cit., p. 83.
- (25) - CASTELLS, Manuel: "Problemas de Investigação em Sociologia Urbana". Trad. Lemos de Azevedo, Ed. Presença, Rio de Janeiro, 1977, p. 142.
- (26) - LANGENBUCH, J.: Op. cit., p. 201.
- (27) - A esse respeito, ver ABRAMS, Charles: "O Uso da Terra nas Cidades", em: "Cidades, a Urbanização da Humanidade", Zahar Editores, Rio de Janeiro, p. 133-144. Este autor faz um paralelismo entre o valor da terra nos Estados Unidos e nos países em desenvolvimento. Nos Estados Unidos, por exemplo, o custo da terra (sem urbanização) equivale a cerca de 1/4 do custo total de um apartamento na área central e a 10% do custo de uma casa suburbana. Nos países menos desenvolvidos, o preço da terra frequentemente atinge 60% do custo global, casa e lote.

- (28) - AZEVEDO, A.: "Subúrbios Orientais ...", p. 165.
- (29) - OLIVEIRA, A.: Op. cit., p. 85.
- (30) - CASTELLS, Manuel: "La Cuestión Urbana", Siglo Veintiuno, Ed. Madrid, 1974, p. 29.
- (31) - Calcula-se que um trabalhador que tome quatro vezes o ônibus, por dia, gastará, em condução cerca de 18% do salário mínimo em vigor (cálculo feito em 1966).
- (32) - SINGER, Paul: "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana", Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1977, p. 76.
- (33) - LEFEBVRE, Henry: "O Direito à Cidade". Trad. T. C. Netto, Documentos, São Paulo, 1968, p. 10.
- (34) - Entre eles Aroldo de Azevedo e Antonio Rocha Penteado, entre outros.
- (35) - Não foi possível obter esse dado.
- (36) - Está localizada à margem da futura Via Leste que unirá São Paulo a Taubaté, passando por São Miguel Paulista, Itaquaquetuba, Guararema, Jacareí, Paraibuna e Caçapava Velha.
- (37) - ENCARTE TÉCNICO, "Desenvolvimento e Zoneamento Industrial da Grande São Paulo", nº 36, EMPLASA, São Paulo, 1978.

- (38) - DIÁRIO OFICIAL - Estado de São Paulo, Ano LXXXVIII, São Paulo, 28/10/1978, p. 8-9.
- (39) - JOHNSON, James H.: "Geografia Urbana", Oikos - Tau, Barcelona, 1974, p. 221.
- (40) - Algumas de maior porte, exportam sua produção para países do Cone Sul da América, ou para a África, (Nigéria e Luanda), como a Ind. de Viaturas MASSARI.
- (41) - CALABI, D. e INDOVINA, F.: op. cit., p. 4.
- (42) - A via Leste vai passar pelo município pelo limite Oeste; a estrada do Bonsucesso (municipal), vai fazer parte desse eixo de circulação. A extensão será de 115 quilômetros e três trechos distintos. O primeiro será São Paulo-Itaquaquecetuba, com um ramal de ligação para o aeroporto de Cumbica. O segundo trecho Itaquaquecetuba-Arujá. O primeiro trecho denominado "trecho nobre", pela maior intensidade de trânsito, terá duas pistas com seis faixas de tráfego.
- (43) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 292.
- (44) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 292.
- (45) - SEABRA, M.: "Vargem Grande: Organização e transformações de um setor do Cinturão-Verde Paulistano". I.G. U.S.P., Série Teses e Monografias, nº 4, 1971, p.



- (46) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 294.
- (47) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 295.
- (48) - Idem, ibidem.
- (49) - SEABRA, M.: Op. cit., p. 7-8.
- (50) - Idem, p. 8.
- (51) - PIZA, Marcello: "Os municípios do Estado de São Paulo" 1924, Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, p. 148.
- (52) - PENTEADO, Antonio Rocha. "Os Subúrbios de São Paulo e suas funções", em: "A Cidade de São Paulo, estudo de Geografia Urbana", Cia. Editora Nacional, São Paulo, Tomo IV, p. 9.
- (53) - SAITO, Hiroshi: "O japonês no Brasil - Estudo de Mobilidade e Fixação". Edit. Sociologia e Política, São Paulo, 1961, p. 134.
- (54) - Idem, p. 113.
- (55) - SANTOS, M.: Sociedade e Espaço: A formação Social como teoria e como método., in: Bol. Paulista de Geografia, A.G.B., São Paulo, nº 54, 1977, p. 87.
- (56) - AZEVEDO, Aroldo: "Subúrbios Orientais ... p. 33.
- (57) - Idem, p. 60.

(58) - SAITO, H.: Op. cit., p. 143.

(59) - O decreto ficou sem efeito por erro de direito.

**FASES QUE PRECEDERAM AO PROCESSO INTEGRADOR**

## CAPÍTULO II

### FASES QUE PRECEDERAM AO PROCESSO INTEGRADOR

#### - DO ALDEAMENTO INDÍGENA AO CINTURÃO CAIPIRA

A realidade geográfica que significa a organização territorial de Itaquaquecetuba só pode ser interpretada num contexto mais amplo que abrange a Metrópole Paulista.

Desde os primórdios da colonização européia no Planalto de Piratininga (segunda metade do século XVI) Itaquaquecetuba entra no conjunto das áreas valorizadas pela presença portuguesa. Foi um aldeamento indígena e, como tal, não pode ser considerada isoladamente pois eles nasceram fazendo parte de um só "organismo funcional" (1), repartidos em vários núcleos, cujo centro era o Colégio de São Paulo.

A Vila de São Paulo de Piratininga, "a mais avançada "boca de Sertão" (2) como assinala Aroldo de Azevedo é o ponto de apoio para a entrada e exploração do imenso território que constituía a Capitania de São Vicente.

Durante os primeiros séculos de colonização portuguesa nesta região, a área de concentração do Planalto Paulistano constituiu-se em um abundante "mercado de mão-de-obra" para onde convergia um considerável contingente de in

dígenas que formando "um cinturão em torno do núcleo paulistano" (3) foram as reservas de motores animados a serviço dos europeus que residiam nessa área.

O isolamento em que se encontrava o Planalto Paulistano - pela dificuldade da circulação - e o insucesso nas tentativas econômicas para encontrar um produto de valor na Europa fizeram com que se organizasse nos Campos de Piratininga um sistema econômico voltado para si mesmo.

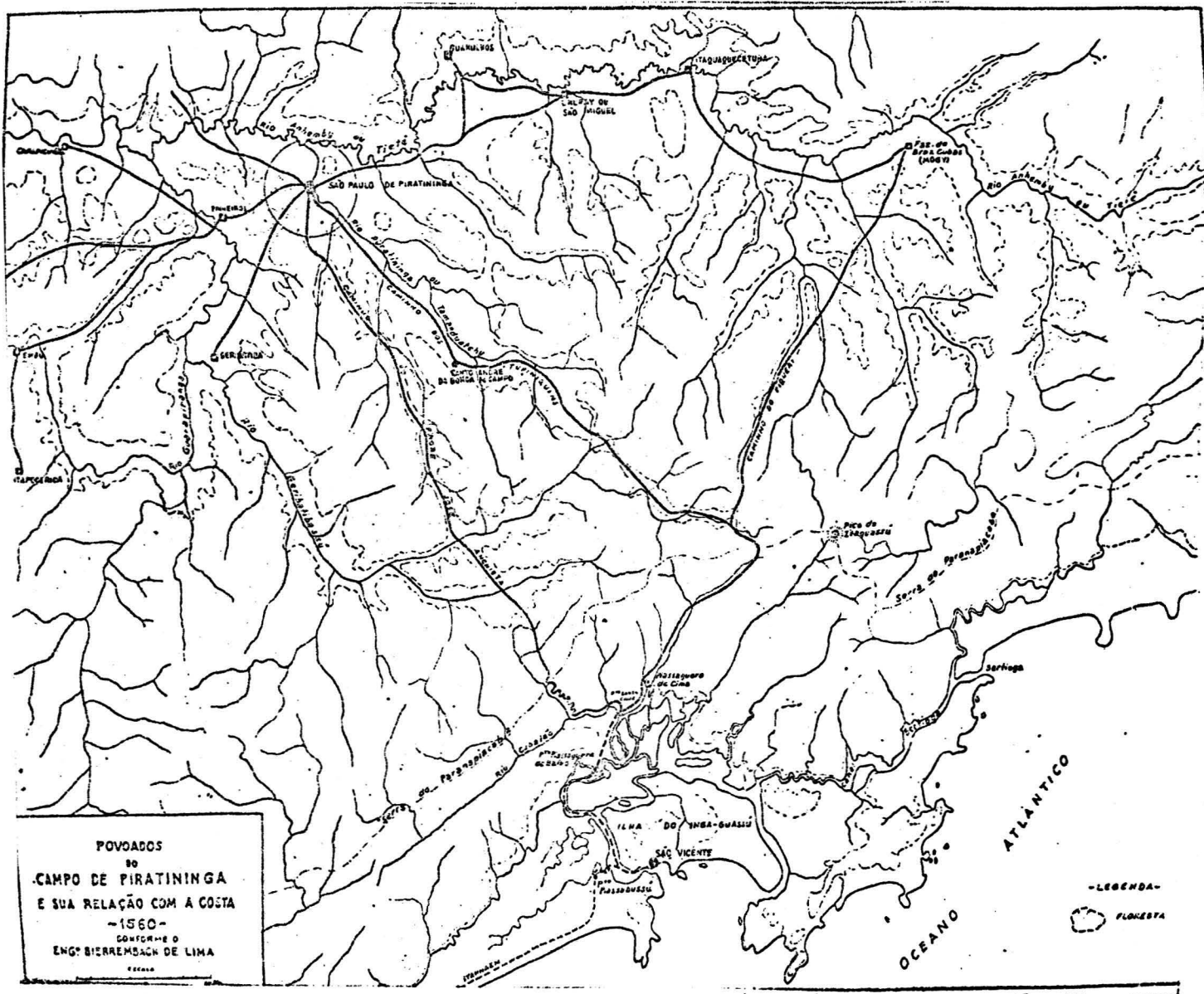
O português residente no Planalto, ante a ausência de um produto que lhe permitisse o intercâmbio com o exterior, viveu quase que em economia fechada. A pobreza destas terras em recursos valorizados pelo europeu foi um tema muito tratado pelos historiadores consultados. Diante da necessidade de alguma mercadoria de valor, foi o próprio indígena, o escravo da terra, o único elemento que acharam para realizar suas transações comerciais.

A posição geográfica de São Paulo considerada como fator preponderante na penetração para o interior foi valorizando os pontos de apoio do sistema de circulação natural que a experiência indígena pôs a serviço dos portugueses (carta nº 8).

Petrone se manifesta a esse respeito, dizendo: "O processo de expansão a partir dos Campos de Piratininga resultou, antes de mais nada, na definição, por intermédio de um amplo sistema de circulação, fruto das próprias diretrizes de penetração, de uma extensa hinterlândia" (4).

# LOCALIZAÇÃO DO ALDEAMENTO DE ITAQUAQUECETUBA

(8)



POVOADOS  
do  
CAMPO DE PIRATININGA  
E SUA RELAÇÃO COM A COSTA  
-1560-  
CONFORME O  
ENG. BIERREMSACK DE LIMA  
ESCALA

CORTESÃO, Jaime: "A Fundação de São Paulo, -Capital Geográfica do Brasil-"  
Ed. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1955.

Dentro dessa perspectiva histórica, não podemos nos esquecer que São Paulo se localizava à margem de um rio e "nesses tempos os rios eram estradas de um valor inestimável" (5).

O "Círculo de Aldeamentos" compreendia: Pinheiros, São Miguel, Barueri, Embú, Guarulhos, Carapicuíba e Itaquaquecetuba.

Este círculo de Aldeamentos no dizer de Petrone "representaram a forma contínua e estável de participação do ameríndio nos processos de valorização da terra" (6). É marcante a participação destes nos principais aspectos da vida paulista desde os primeiros tempos do povoamento.

Essa participação indígena dentro de um processo histórico-econômico é o rasgo significativo nas diferentes etapas da vida dos aldeamentos. Buscando base em diversos autores todos eles fazem referência ao fato de forma destacada. Assim, Caio Prado Junior, escreve: "... são as numerosas tribos indígenas aí estabelecidas (no Planalto Paulista) e que representavam aos colonos um farto abastecimento de mão-de-obra. Como se sabe, é em larga escala ao braço do índio, antes da introdução do negro africano - e em São Vicente por muito tempo ainda - que recorre inicialmente a colonização" (7).

Paul Singer se refere ao fato com mais ênfase e diz "... Os vastos sertões do interior eram percorridos na ansiedade de caçar o índio, a primeira mercadoria de aceitação certa pelos privilegiados exportadores de açúcar de cana" (8).



De qualquer forma, os aldeamentos como forma organizada de povoamento, quer tenham se formado para fins de catequização (pelos jesuítas), quer com objetivos econômicos (pelos portugueses), foram fruto de um processo de mudanças radicais na organização autóctone e uma forma de participar no sistema econômico dos séculos XVI e XVII.

Já se assinalou o papel que desempenhava a posição geográfica de São Paulo como nó dos eixos de circulação existentes e que aí se entroncavam favorecendo as relações entre os povoados do Brasil colonial (carta nº 8).

Em consequência deste "fator geográfico" as margens dos rios nós, são as zonas que primeiro conhecem o povoamento dentro do processo colonizador. "O mais importante eixo fluvial navegável era o Tietê, permitindo as relações no sentido leste-oeste. Navegando rio acima, alcançavam a Conceição dos Guarus e Maqueribu, onde depois se estabelecera João Pires, São Miguel e Taquaquicetuba onde mais tarde o Padre João Alvarez aldeou alguns índios Guaianás, e atingia-se o sítio de Boigy da sesmaria de Brás Cubas, no lugar em que alguns moradores tinham já iniciado uma pequena povoação que foi a origem da atual cidade de Mogy das Cruzes ..." (9).

Assim assinala também Caio Prado o papel fundamental do rio Tietê: "... antes do fim do século XVI encontramos no seu curso vários aldeamentos: Guarulhos, Itaquaquicetuba, São Miguel; a povoação, logo vila, de Mogi das Cruzes ..." (10)

Em decorrência então, desse sistema de localização dos núcleos de apoio para a circulação, ter-se-ia da do a fundação de Itaquaquecetuba que, segundo a tradição fora erguido pelos jesuítas. "Assim pensa, por exemplo, Machado de Oliveira, sugerindo, todavia, que à semelhança de Embu e Carapicuíba, tenha sido uma propriedade particular concedida aos jesuítas por doação" (11).

Alguns autores consultados, consideram Itaquaquecetuba produto da atividade de Anchieta no Planalto, o que nos conduziria ao redor de 1560, mas não há documentos para confirmar esta afirmação. "Sua origem de qualquer forma, deve remontar ao quinhentismo. Há um fato que indica essa hipótese. Em consequência de acordo feito pelos oficiais da Câmara de São Paulo em 21 de setembro de 1622, uma grande parte de sua população (de Itaquaquecetuba) mudou-se até 1624, para o aldeamento de São Miguel" (12).

Para que ocorressem essas transferências de aldeados; Itaquaquecetuba já devia existir e ter-se firmado como povoado.

Serafim Leite afirma que Itaquaquecetuba foi fundada pelo Padre João Alvarez, secular, que aí construiu "uma Capela dedicada à Nossa Senhora da Ajuda pelos anos de 1624" (13). Azevedo Marques afirma também que o Padre João Alvarez "fundou no ano de 1624, em terras de sua propriedade, a capela sob a invocação de Nossa Senhora da Ajuda, que serviu de núcleo à povoação, legando-a, por sua morte, ao Colégio dos Jesuítas, que a administrou até a extinção dos padres respectivos" (14).

Disso tudo podemos concluir que Itaquaquetuba era uma aldeia com um certo número de habitantes. Quem seriam esses habitantes? Um outro enigma nos documentos consultados. Em quanto Petrone diz que a tradição faz acreditar em grupos dos Guaianã dos mesmos que habitavam nos Campos de Piratininga, Azevedo Marquez fala de "índios Guaianazes emigrados das antigas aldeias de Guarapiranga e Carapicuíba" (15).

De qualquer maneira parece ser um fato comum que os aldeamentos ao redor de São Paulo, recebiam grandes contingentes de indígenas "descidos do sertão". "Este é, aliás, um aspecto que marca os aldeamentos desde a sua origem, ou seja, de receberem contingentes humanos de áreas as mais variadas e dos mais variados grupos" (16).

Se como se deduz dos documentos a origem dos aldeamentos foi catequética como também reserva de força de trabalho, tanto dentro do domínio dos jesuítas como fora dele; não há dúvida que a formação dos quadros demográficos devia ser muito heterogênea, não só de diferentes grupos indígenas como da miscigenação posterior. "Assim é que em Bando de 30 de Maio de 1733 fala-se de bastardos e mulatos, que deveriam ser conservados sob administração, sendo recolhidos aos aldeamentos os que estivessem livres por sentença de justiça" (17).

Como aconteceu em outros aldeamentos do círculo de São Paulo, Itaquaquetuba também foi fruto de um

processo de catequese pelos jesuítas e, em decorrência, a sua organização era função desse seu trabalho.

"O Jesuíta do século XVI foi o único pregador da fé que tinha um método e uma disciplina própria quanto à catequese de índios. O jesuíta não se contentava em catequizar o gentio procurava transformá-lo em "soldado de Cristo". Reunia os índios em aldeias, submetia-os à uma disciplina, a um método de vida coletiva. Obrigava-os a trabalhar a horas certas, a reunirem o produto do trabalho em comum para ser aproveitado por todos da comunidade" (18).

Continua o autor analisando como se constituíam os aldeamentos em São Paulo e diz: "... seguindo o método jesuíta os Anchietas fundaram em torno de Piratininga, onde a população indígena era bastante densa, diversas aldeias. Ora reuniam os índios esparsos pelo interior em um determinado lugar, ora estabeleciam a redução numa aldeia já existente" ..."(19).

Os jesuítas faziam total diferença dos grupos indígenas com os europeus, não permitindo que se reunissem conjuntamente. A esse respeito Petrone cita os trabalhos de Rendon e de Machado de Oliveira. "O primeiro, depois de lembrar que "os índios das Fazendas Jesuíticas tinham uma liberdade imaginária, porque elles eram tratados com a mesma sujeição, o mesmo aperto e a mesma obediência que o resto dos escravos", afirma em seguida, que "acrescia, além d'isto, o systema de os ter sempre separados do commercio dos brancos para nunca poderem ser desabusados" (20).

Considerados os objetivos desses aldeamentos é normal que ali não se permitissem um contato maior entre os dois grupos étnicos, já que os jesuítas desempenhavam o poder temporal e espiritual sobre os mesmos, como se pode deduzir dos documentos mencionados. Esse acúmulo de poderes foi exercido pelos religiosos até o princípio do século XVII quando, por lei de D. Felipe de 1611 foi feita uma divisão de "domínios". Assim foram nomeados os Capitães dos aldeamentos "pessoas ceculares, casados, de boa vida e costumes" (21).

Na realidade, tal lei não foi executada pelo menos nas fazendas dos jesuítas: São José, Itaquaquecetuba, Embú, Carapicuíba e Itapeçerica. Nelas os jesuítas continuavam organizando e dirigindo a vida dos aldeados, organizadas rigorosamente, nos mínimos detalhes.

Numa breve síntese desse período, em que consideramos Itaquaquecetuba na sua vida como aldeamento podemos definir 3 momentos vitais a partir das conclusões extraídas do exaustivo estudo realizado por Petrone a esse respeito.

O primeiro momento se situa na "fase quinhentista" (denominação dada pelo autor mencionado). Nessa fase se constituíram os "núcleos indígenas de fazenda", verdadeiros instrumentos do processo de ocupação e colonização. Este período foi de crescimento contínuo em consequência do papel aglutinador do jesuíta, tanto como do descimento constante, em grande número, de contingentes indígenas do sertão, pelos senhores das terras de Piratininga.

Verdadeiras "RAZZIAS nas trilhas indígenas", na expressão de Deffontaines, para procurar a mão-de-obra a serviço da exploração econômica (22).

O segundo momento seria o que Petrone denomina "fase seiscentista", quando se definem realmente as fazendas jesuítas; nesse caso estaria o aldeamento de Itaquaquetuba. É quando os religiosos realizam uma verdadeira ação catequista e aculturadora, ensinando também artes, ofícios e demais atividades que formavam o acervo cultural europeu. Nesse período há uma pequena crise, em meados do século, com a expulsão dos jesuítas pelos paulistas; reintegrados os jesuítas a suas fazendas voltaram a viver sua vida normal.

O terceiro momento foi "A fase do Diretório", na terminologia de Petrone, que seria o da decadência dos aldeamentos. O declínio foi motivado pela expulsão dos jesuítas como também por ter o aldeamento deixado de interessar realmente à administração portuguesa como fonte de mão-de-obra.

Em 1803 o governador toma a resolução de "...os pôr na plena liberdade ...", "tirando-lhes os diretores que os opprimiam, sujeitando-os ao corpo da ordenança, e conferindo-lhes a liberdade de se estabelecer onde mais útil lhes foi (23). Continua, mencionando o documento: "Além disso, como complemento à extinção dos aldeamentos, propunha o plano "formarem-se freguesias naquellas aldêas sus -

ceptíveis disso, não só para que mais depressa se extinga o odioso nome de aldeias e de índios ... mas também para que aumente as povoações e paróquias em benefício geral da civilidade dos povos e da prática da sã moral" (24).

As eternas lutas entre religiosos e bandeirantes não possuem outra explicação senão que, enquanto para o jesuíta o indígena tinha um "valor" humano-econômico, para o português só tinha "valor" econômico. Era a única fonte de riqueza que contava para a produção agrícola ou mineral de interesse europeu.

"O conflito de interesses entre colonos e jesuítas teve um significado muito especial dentro da vida de São Paulo. O conflito que gerava em torno à forma de utilizar o indígena levaria em última instância à sua integração dentro do processo de ocupação do território! Por intermédio do poder persuasivo dos jesuítas "... o indígena via-se gradativamente posto em condições de participar do processo de colonização, deixando de ser um elemento inerte ou mesmo negativo" (25).

Através desta influência os indígenas descidos do sertão, se convertiam num duplo instrumento a serviço dos senhores de terra: 1) de segurança para a estabilidade e permanência de seus interesses e 2) como força de trabalho para sustentar o primeiro.

Escreve a respeito Alice Canabrava:

"Desde o início, a força de trabalho deveria ter sido a escrava, pois só esta poderia garantir a conti-



nuidade dos trabalhos da exploração metódica e regular que distinguia a grande lavoura. Sabemos que em todo o Brasil, a primeira fase de exploração econômica à base dos engenhos de açúcar teve a seu favor a mão-de-obra indígena" (26).

"Contudo, a mercadoria de troca, por excelência, foi o escravo Índio".

"Durante todo o século XVII, a captura e o comércio de Índios se desenvolveu como atividade econômica es t á v e l dos grupos de populações radicadas no planalto paulista. Já desde o século XVI saíam do povoado de Piratininga expedições para captura de Índio e, antes da fundação do Colégio de São Paulo, as embarcações que abordavam o litoral próximo traficavam com escravos Índios" (27).

Diversos historiadores são unânimes ao afirmar o "valor utilitário" do indígena dentro do sistema econômico dos séculos XVI e principalmente XVII e o lugar que os aldeamentos ocupavam dentro desse esquema.

A própria Alice Canabrava dá uma certa ênfase ao tratar o tema e diz: "O bandeirismo, sobretudo em território paulista, representou um gênero de vida novo, cujo escopo especial foi a captura do Índio ... sobretudo, se considerarmos o conjunto do século XVII, e os resultados positivos das expedições desse período" ... (28).

Myriam Ellis faz afirmações mais taxativas, quando escreve:

"O tráfico de Índios, salvo curtos períodos, não constituiu um comércio lucrativo. É o que provoca a pobre

za da Capitania de São Vicente e a sua limitada produção. Contribuiu, entretanto, de alguma forma, para manter o modesto padrão de vida do paulista, bem como o seu interesse pelo apresamento".

"Em decorrência dos fatores econômicos, o bandeirismo tornou-se uma profissão criada pelo meio e uma escola por excelência, onde os adolescentes paulistas eram preparados para a caça ao índio e, para o sertanismo em geral. Tornou-se um negócio até. Aquêles que não podia partir para o sertão, tratava alguém que fôsse por sua conta, fornecendo-lhe os meios materiais necessários à empreitada: índios, correntes, armas, munições de guerra e mais aviamentos, ou seja, a "armação" de que o bandeirante era o "armador". Uma verdadeira sociedade estabelecida com o capital de uns e coragem de outros, ou sociedade de capital e indústria. Os lucros eram pois repartidos proporcionalmente" (29).

Como vemos os aldeamentos paulistas, inclusive Itaquaquecetuba, chegam à sua fase de apogeu justamente quando as entradas de apresamento constituem a atividade principal do Planalto.

O indígena constituía riqueza, dava status, era "o maior dos bens materiais", figurava nos inventários, eram dotes de casamento, pecúlios de testamento, enfim era a sustentação econômica e porque não dizer política, do colo no português nestas áreas.

Com o século XVIII muda-se o objeto de valorização e os aldeamentos deixam de ter interesse. Essa mão de obra da terra, mais barata e inferior não pode mais competir com o negro, mas assim mesmo, os poucos que ficaram nos aldeamentos servem para cultivar e produzir a subsistência para São Paulo como para as áreas de mineração. "É o caso, por exemplo, de Itaquaquecetuba, aldeamento que durante algumas décadas pode ser orientado para o abastecimento do Colégio de São Paulo, ou que, durante o século XVIII, constituiu-se em pouso no caminho para o Rio de Janeiro e Minas Gerais ..." (30).

A sua função de "pouso" no esquema da circulação foi o que lhe deu mais dinamismo nos primeiros séculos da existência. Antonil em 1711, descrevendo o "Roteiro do caminho da villa de São Paulo para as Minas Gerais, e para o Rio das Velhas" dizia:

"No primeiro dia sahindo da villa de São Paulo vão ordinariamente pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como elles dizem) o primeiro arranco de casa: e não são mais que duas léguas.

Dahi vão à aldêa da Tacuaquisetuba, caminho de um dia.

Gastão da dicta aldêa até a villa de Mogy, dous dias.

De Mogy vão as laranjeiras ..." (31).

Essa atividade de serviço que lhe exigia o "pouso" lhe fez criar uma infraestrutura de apoio para poder dar albergue e comida às tropas e aos tropeiros.

"A tropa, a tropa de burro, não tem grande importância até o século XVIII, pois até então o verdadeiro "burro de carga" é o índio. Mas a tropa humana como a de burro, também estabelece pousos ao longo do caminho comercial" (32).

Num país tão extenso como este e com uma população tão rarefeita, o problema das comunicações devia ter tal significado, que quando se organizavam os pequenos núcleos que funcionavam como pouso, a presença deles era de vital importância.

Embora a atividade analisada fornecesse algum meio de vida à pequena população de Itaquaquetuba, a decadência em que ela se achava, que era a mesma para todos os outros povoados contemporâneos e para a própria São Paulo era tão grande, que vivia a mais miserável das existências.

Em 1829 o presidente da Província solicitou que se criassem novas freguesias, sendo elas para Escada e Itaquaquetuba ... "... afim de não estarem os parochos vendendo congrua da fazenda nacional, para administrarem os sacramentos a meia dúzia de índios, visto se terem dispersado os mais desde que cessaram de ser constrangidos a viver em aldeamentos" (33). Mais adiante encontramos: "a paróquia de Itaquaquetuba não passaria de "hua triste Aldea", na expressão de seu próprio pároco (34).

A elevação à categoria de freguesia se deu por lei provincial de 28 de fevereiro de 1838 (35). Embora ten-

do sido elevada a sua cateogira deixando de ser aldeamento, Itaqua-  
quecetuba juntamente com suas congêneres cai numa crise de  
estagnação e decadência. Só no século XX e, por influên-  
cia da Cidade de São Paulo, vai conseguir se reerguer com  
as demais, num mesmo processo de absorção.

No intuito de ilustrar numericamente essa evo-  
lução verificada no decorrer do processo histórico, pode-  
ríamos fazer uma breve síntese, com base em estimativas e  
notícias extraídas de documentos da época:

Assim, em 1722, Itaquaquetuba possui 191 pes-  
soas presentes e em 1759 abrigava 216 indígenas (36).

Em 1766 Morgado de Mateus manda organizar uma  
"Lista de Fogos, Mulheres e Homens asim crianças como adul-  
tos de todas as Aldeas de Indios pertencentes a esta Capi -  
tania de São Paulo" somando um total de 2.524 habitantes  
com a seguinte discriminação: (37)

ALDEAMENTO	FOGOS	MULHERES		HOMENS		TOTAL	
		PRES.	AUS.	PRES.	AUS.	PRES.	AUS.
Pinheiros	48	133	19	92	37	225	55
Barueri	128	352	17	246	57	598	74
São Miguel	77	133	-	94	-	227	-
Escada	46	65	2	49	7	114	9
Peruíbe	34	36	-	74	-	110	-
São José	94	205	-	159	-	364	-
Itaquaquetuba	59	95	13	85	32	180	45

ALDEAMENTO	FOGOS	MULHERES		HOMENS		TOTAL	
		PRES.	AUS:	PRES.	AUS.	PRES.	AUS:
Embú	71	146	6	96	18	242	24
Carapicuíba	29	71	1	59	1	130	2
Itapeocericca	93	190	-	142	-	332	-
TOTAIS	679	1.426	58	1.098	152	2.524	210

Observe-se a desproporção entre os sexos e o grande número de pessoas ausentes, o que mostra a utilização do homem mais que a mulher em tarefas externas ao aldeamento.

Em fins do século XVIII e princípio do XIX se organizaram com certa regularidade, listas interessando aos aldeamentos. No quadro seguinte mostram-se os resultados (38).

ALDEAMENTOS	ANOS						
	1798	1799	1800	1801	1802	1803	
Itaquaquecetuba	229	-	-	-	218	-	
Peruíbe	239	-	-	-	200	-	
São Miguel	471	-	294	275	-	-	
Itapeocericca	324	-	-	-	332	-	
Escada	196	-	-	-	209	-	
São José	362	-	-	-	-	-	
Barueri	533	527	-	-	-	580	
Carapicuíba	138	-	-	-	-	168	
Embu	233	-	-	-	261	-	
Pinheiros	-	168	-	-	160	-	
Queluz	-	-	43	-	-	-	
TOTAIS	2.725				2.403		

Segundo Saint-Hilaire a Capitania de São Paulo tinha, em 1777, uma população estimada em 116.975 habitantes. De acordo com Petrone, em 1766 a população indígena devia representar 2,5% do total. No começo do século XIX essa porcentagem teria decrescido 1,5% considerando ainda que a população da Capitania havia atingido 192.729 habitantes (39).

Tem-se a impressão de que durante todo o período de vida dos aldeamentos, a instabilidade e mobilidade dos indígenas foi uma de suas características. Instabilidade numérica, como também de sexo e idade. Sendo a força de trabalho existente eram solicitados os homens moços e maduros, aqueles com mais possibilidades de trabalhar. Os velhos, viúvas e crianças ficavam no aldeamento.

Aroldo de Azevedo se refere a São Paulo do século XVIII - o que poderíamos estender a todos os povoados de seus arredores - nos seguintes termos: "... Enfraqueceu-se em benefício das novas áreas abertas ao povoamento, dando-lhes preciosa parcela de suas energias vitais - os homens moços e maduros do Bandeirismo; sua obra urbanizadora fêz-se sentir não apenas dentro das fronteiras de seu atual território, mas no vasto âmbito da então Capitania, isto é, em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina ..." (40).

Continua o autor num outro momento "... viu seus filhos partirem em busca de ouro e de pedrarias, sem que



inúmeros deles jamais regressassem, "mortos no sertão". Visitando-a por volta de 1737, GOMES FREIRE DE ANDRADE considerou-a simplesmente "formosa, mas sem dote" (41).

Pelos documentos e autores consultados podemos concluir que se a Vila de São Paulo, que era o núcleo mais importante e numeroso desses momentos, dava essa sensação aos visitantes, que idéia poderíamos ter de um povoado que era só ponto de apoio à circulação, vivendo à sombra de São Paulo?

Se por um lado havia uma drenagem de população em função das atividades econômicas da época, por outro lado também os indígenas fugiam "podendo ser considerada (a fuga) como outro fator de instabilidade demográfica" (42).

Na tabela seguinte (nº 15), se observa a evolução da população dos aldeamentos.

O quadro supra considerado dá-nos a relação total da população dos aldeamentos ao redor de São Paulo - quase 3.000 habitantes - o que não era um número desprezível, comparando-se com a própria vila de São Paulo que, em 1816, possuía 5.382 habitantes.

A partir de 1803 em que se aboliram os aldeamentos pois ao sistema econômico e político não lhe interessava mais, inicia-se a etapa da decadência. Contudo, concomitantemente as áreas onde se localizavam os antigos povoados se apresentam sob novas características. Há uma mudança nos quadros político - administrativos e Itaquaquecetun-

TABELA Nº 15

POPULAÇÃO DOS ALDEAMENTOS DE SÃO PAULO – ANO DE 1798 (para Pinheiros – 1799)

Grupos de Idades	Pinheiros		Embu		Carapicuíba		Barueri		São José		Escada		Itapecerica		São Miguel		Peruíbe		Itaquaquecetuba		Totais		Total Geral
	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	H.	M.	
0 a 10	24	21	38	29	25	29	128	122	66	50	50	25	56	58	51	58	26	34	43	27	507	453	960
10 a 20	17	15	26	28	17	10	49	47	26	44	17	24	35	26	30	42	37	40	22	22	276	298	574
20 a 30	17	19	13	21	5	15	39	50	21	33	10	20	22	25	18	36	24	15	11	17	180	251	431
30 a 40	5	15	9	16	7	8	13	16	20	19	8	12	8	28	19	30	14	12	4	22	107	178	285
40 a 50	8	12	7	10	4	7	16	10	10	15	6	12	6	22	40	31	6	4	10	13	113	136	249
50 a 60	2	6	3	8	2	1	6	14	5	13	2	5	8	7	10	18	7	11	7	6	52	89	141
60 a 70	1	3	5	9	2	1	3	2	10	11	2	3	4	6	20	11	6	3	4	15	57	64	121
70 a 80	—	—	3	4	1	4	4	5	5	1	—	—	2	5	2	50	—	—	2	1	19	70	89
80 a 90	—	—	1	3	—	—	5	3	1	4	—	—	3	3	1	4	—	—	1	1	12	18	30
90 a 100	1	2	—	—	—	—	—	1	3	5	—	—	—	—	—	—	—	—	2	1	6	9	15
mais de 100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	1
Totais	75	93	105	128	63	75	263	270	167	195	95	101	144	180	191	280	120	119	107	125	1330	1566	
Totais homens e mulheres	168		233		138		533		362		196		324		471		239		232		2896		

FONTE: PETRONE, P.: "Os Aldeamentos..."

ba conservou-se como capela curada, entrando na divisão administrativa de Mogi das Cruzes como freguesia, juntamente com Escada.

Embora "livres" os indígenas viviam em quase total esquecimento e continuavam a morar nas terras que haviam pertencido aos aldeamentos, nos arredores de São Paulo.

Em 1836 D.P. Müller fornece dados que mostram as condições em que se encontravam os antigos aldeamentos. O que melhor conservava sua condição era o Embú.

Com respeito à Itaquaquecetuba ele escreve: "Aparentemente não existiriam mais indígenas também na Escada e em Itaquaquecetuba, ambas pertencentes a Mogi das Cruzes" (43). Com respeito à população de Mogi das Cruzes, não faz menção a nenhum indígena, embora incluía 1.738 pardos livres e 446 pardos cativos.

A explicação à referência de Müller podemos buscá-la em Petrone:

"... a população indígena tenha sido incluída, sempre em número, entre os pardos. As razões podem ter sido múltiplas.

Antes de mais nada, tudo indica que, antes mesmo da dispersão dos indígenas em consequência da aplicação do plano Rendon, a população dos aldeamentos já não fosse totalmente pura sob o ponto de vista étnico. Entre os aldeados deveriam existir indivíduos fruto de cruzamentos com brancos ou com africanos negros" (44).

De outro lado, o mesmo autor assinala que na cidade de São Paulo na época do recenseamento de Müller a população preta era urbana e a parda rural, ou seja os pardos que moravam nos arredores de São Paulo eram fruto da mestiçagem dos indígenas, restos do antigo "cinturão de aldeamentos".

A este respeito o Almanaque de Lummée e Fonseca de 1873 informa a respeito dos diferentes ex-aldeamentos o que sobre Itaquaquecetuba lemos:

"Aldeamentos de Itaquaquecetuba" - "Este aldeamento acha-se totalmente extinto. A sua população india confundi-se com a gente civilizada" (45).

Por outra parte consultando os "Apontamentos" de Azevedo Marques publicados em 1879, vemos uma população de "1878 almas para a freguesia de Itaquaquecetuba assim discriminados: "90 escravos..." mais adiante: "A paróquia dá 5 eleitores, fogos 60 ..." (46).

Bibliografias diversas consultadas, ao fazerem referências a Itaquaquecetuba já o fazem como um distrito de Mogi das Cruzes. Parece que a absorção deve ter acontecido nas últimas décadas do século passado junto com a "villa de São José de Parahytinga, Freguesia de Nossa Senhora da Escada, Itaquaquecetuba e Senhor Bom Jesus do Arujá" (47).

A decadência de Itaquaquecetuba deve ter ido num crescendo pois no ALMANAK de Thormán de 1896, ela é um bairro de Mogi das Cruzes junto com Escada, Guayô, Biriti-

ba, Biritiba Mirim, Estação Poá, Sabaúna, etc. enquanto Arujá continua Freguesia.

Eugenio Egas em 1925, e Pedro Vallim, em 1940, ambos estudiosos dos municípios paulistas, ao considerar Mogi das Cruzes fazem referências aos distritos que possui: Poá, Arujá, Sabaúna, Suzano, Itaquaquecetuba e Taiassupeba.

O fato significativo é que desde a segunda metade do século XIX todos aqueles que escreveram em relação aos arredores de São Paulo foram unânimes em mencionar a estagnação e decadência em que viviam, em especial os ex-aldeamentos.

Provavelmente esta situação não existiu nos séculos anteriores, porque a própria São Paulo era um acanhado povoado que não dava lugar a contrastes muito marcantes com seus arredores. Segundo Petrone "começaria a manifestar-se (o contraste) com maior vigor a partir do último quartel do século XIX, quando a cidade de São Paulo começou a conhecer uma fase mais significativa de crescimento, tornando-se nítido na primeira metade do século atual" (48).

Enfim, os aglomerados que pertenciam ao antigo "cinturão de aldeamentos", uma vez perdida sua razão de ser, sem qualquer fundamento econômico que lhes desse vida, continuavam a existir, por assim dizer, por uma razão de inércia, por estarem instalados no espaço.

- DO CINTURÃO CAIPIRA AO CINTURÃO VERDE

Todos os autores que se dedicaram até a década de 60, a estudar a região de São Paulo, tais como Caio Prado Junior, Aziz Ab'Saber, Pierre Deffontaines, Pasquale Petrone, J. R. Araújo Filho, entre outros, frisaram a pobreza, a miséria em que se encontravam os arredores da cidade de São Paulo. Na explicação que eles davam a estes fatos, sempre era acentuada a natureza das condições naturais.

Será realmente esse o problema? Não teria sido outra a problemática do enorme contraste entre a cidade de São Paulo e seus arredores, neste país assinalado pelos contrastes? Vejamos algumas das referências citadas, antes de discutirmos a questão:

"... sem ter recebido os bafejos das terras auríferas, que os seus filhos descobriram no século anterior; sem áreas agrícolas produtivas nos seus arredores, desde que os seus solos num raio de 60 km. são dos mais pobres ..." (49).

"... na qualidade das terras é esta uma das regiões mais pobres do Estado. Os centros agrícolas de importância não se localizam nas suas proximidades e quem percorre os arredores da cidade, impressiona-se com a vida primitiva que ai domina. Todas as pequenas cidades ou vilas que a rodeiam não passam de povoados miseráveis, e decadentes.

São Miguel, Guarulhos, Barueri, Cotia, M'Boi, Itapeperica, etc. É este um fenômeno curioso e quiçá único no mundo. Num raio de muitas dezenas de quilômetros, a região de São Paulo é uma das mais primitivas e miseráveis do Estado" (50).

"A área ficara à margem do processo de valorização do solo em termos de lavouras comerciais rentáveis, em grande parte em consequência das suas particulares condições climáticas e da presença de solos que, se puderam ser férteis em outros tempos, já se encontravam depauperados por cerca de quatro séculos de aproveitamento na base de roças" (51).

"De há muito foi pôsto em evidência a pobreza dos solos e a incapacidade de desenvolvimento da maior parte das regiões de morros e outeiros cristalinos que circundam a área urbana e suburbana da capital paulista".

"Na realidade, exceção feita para os primeiros tempos da colonização, a região de São Paulo comportou-se sempre como uma área de solos pobres, de fraco rendimento econômico; fato válido tanto para suas áreas sedimentares pliocênicas e holocênicas, como para o quadro de maciços antigos que a envolvem" (52).

Tudo indica que desde o começo do século XIX os arredores de São Paulo caracterizaram-se por uma pobreza muto grande, ou antes, miséria, não só de condições econômicas como também de gente. Em consequência da expulsão dos jesuítas e da liberdade outorgada aos aldeamentos, dispersa



ram-se os indígenas pelas florestas. Por outro lado não existiam praticamente migrações internas nem do exterior. Até 1860 a própria São Paulo era um acanhado vilarejo. A partir desse momento, São Paulo entra no processo econômico do mercado internacional e começa a crescer desmesuradamente. Nesse período o contraste com sua periferia se faz sentir nítidamente (carta nº 9).

Em 1944 Deffontaines se refere a esta área nos seguintes termos: "... Mas estas aglomerações estão em geral em decadência, as igrejas caem em ruínas, as casas leprosas de taipa (terra batida) abrigam menos uma população de cultivadores do que gente miserável, carvoeiros, operários, pescadores, levando uma vida mais ou menos parasitária" (53).

Itaquaquecetuba, como co-participante desse antigo cinturão não só de ex-aldeamentos como de outros povoados que surgiram contemporâneos a eles, também vivia nessa situação descrita; permaneciam numa forma de vida estagnada, como que num outro momento histórico.

De qualquer maneira esses antigos aglomerados - aldeamentos ou não - abrigavam uma população relíquia, sob muitos aspectos.

"Vivendo em casas de pau-a-pique ou de taipa, sempre modestas e pouco confortáveis, cultivando um pouco de milho ou de feijão, algumas touceiras de cana-de-açúcar e um ou outro pé de fumo, queimando anualmente uma área sempre maior do que a cultivada efetivamente; praticando a co-

**Agrupação Caipira de São Paulo  
e os Aldeamentos - Séc. XIX**

Aldeamentos: O Principais núcleos 'caipiras'  
Terras cultivadas pelos indígenas aldeados  
(Segundo relatos de Séc. XVIII - limites aproximados)

PETRONI, Pasquale, "Os Aldeamentos Paulistas e sua Função  
na Valorização da Região Paulistana".  
Estudo de Geografia Histórica  
Tese de Livre-Docência - São Paulo - 1969, V. II,  
U.S.P. Exemplar Memória-foto do Autor



leta onde ainda era possível, recolhendo lenha ou fazendo carvão, vestindo pobremente, de pé no chão, calças pula-brejo, camisas de algodão, barbicha rala e toco de cigarro de palha na orelha, o morador dessas áreas frequentemente representava bem o caipira dos arredores de São Paulo" (54).

É verdade que o "caipira" não seria necessariamente o mameluco ou quem tivesse os antecedentes indígenas, mas a denominação abarca mais uma herança cultural do que étnica e, nesse sentido, o morador dos arredores de São Paulo estava carregado de significado indígena.

"É costume dizer-se que o mais completo "Jeca" do país é o que se encontra a apenas algumas dezenas de quilômetros da cidade de São Paulo", escrevia Ab'Saber em 1950 (55).

A presença dos caipiras se fazia sentir na Metrópole pois, na medida em que ela se urbanizava, cada vez mais necessitava do excedente da produção de subsistência. A cidade precisava de alimentos e demais artigos da produção artesanal, que só os caipiras produziam. Pelos cronistas que por ali passaram nos primeiros tempos, podemos concluir que essa produção era variada em qualidade, embora não em quantidade. Veja-se a opinião de Saint-Hilaire:

"O distrito de São Paulo é tido como um dos menos férteis da província, produz entretanto com maior ou menor abundância arroz, feijão, milho e farinha de mandioca. Produz também chá, pouco café, pequena quantidade de algodão e fumo, muitos legumes e frutas, fabrica-se aguardente

de cana-de-açúcar (cachaça), criam-se gado vacum, porcos, muares, carneiros e sobretudo cavalos. As bananeiras e a cana-de-açúcar não se desenvolvem bem, devido à elevação do solo e a pouca intensidade do calor médio" (56).

Mesmo assim, Ernani da Silva Bruno, informa:

"O fato é que o indígena, diretamente ou através do mameluco e depois mais diluído no caipira, deixaria marcas bastante visíveis em São Paulo ainda no século passado. O caboclo genuíno da Freguesia do Ó, ou da Conceição dos Guarulhos, participava da existência da cidade - já um tanto cosmopolizada - trazendo gêneros de sua roça ou produtos de sua indústria primitiva para vender no mercado paulistano" (57).

Pelo que se deduz das consultas bibliográficas, o problema de pobreza em que se encontravam os arredores era consequência do isolamento em que viviam, por falta de um relacionamento mais intenso. O tráfego pelas velhas vias, ex-trilhas, no caso de Itaquaquecetuba, caminho São Paulo - Rio de Janeiro (do qual esta era uma etapa) era feito por pequenas tropas de burros ou carros de boi, que transportavam sua produção a São Paulo.

Em suas memórias sobre o bairro do Belémzinho, e referindo-se ao início do século XX, Jacob Penteado lembra que: "... no Belém, o pouso ficava à margem esquerda do Tietê, entre a Saboneira e a Rua Catumbi, em terras do Coronel Fortunato Goulart", e que, "êsse local é conhecido, também, por Mercadinho dos Caipiras, que chegavam de Nazaré, Mo

gi das Cruzes, Santa Isabel, Poá, Itaquaquecetuba, Guarulhos, Penha e Itaquera, rumo ao Mercado Central e serviam-se do pouso para pernoitar" (58).

Enquanto a cidade de São Paulo não precisou organizar o "cinturão caipira", ele viveu num pequeno contato com ela a partir de uma rudimentar comercialização dos excedentes de subsistência.

Embora esse isolamento fosse muito grande e os eixos de comunicação com a cidade bastante precários, era necessário uma série de interrupções nas viagens, para abastecimento e pernoite de viajantes e alimárias. Nesse sentido, Itaquaquecetuba teve que cumprir sua função em relação à Santa Isabel, Arujá e a própria Mogi das Cruzes. Ab'Saber, escreve a esse respeito que:

"... o outro (caminho) menos importante, que dava acesso à Itaquaquecetuba, pelo vale do ribeiro Perovã, servindo para as comunicações com Mogi das Cruzes, Poá e, eventualmente São Paulo. Foi esse último que, aos poucos, realizou uma verdadeira captura econômica em seu favor, passando a dar acesso a uma estação de estrada de ferro (Poá) desde os fins do século" (59).

Aos poucos, a Metrópole crescendo sem cessar, foi se interessando pelo seu "cinturão caipira", e para a valorização dele foi criando as condições de circulação que as necessidades econômicas exigiam.

Desde 1875 a região Leste foi atravessada pela Estrada de Ferro Central do Brasil (Linha Tronco) que passa

por Itaquera e Poá, deixando à margem, São Miguel e Itaquaquetuba.

Este fato, embora tenha sido muito prejudicial ao município, pois o deixou por mais tempo na letargia, fez com que o velho núcleo continuasse sendo pouso às tropas e carros de boi que vinham carregados das áreas ao Oeste de Itaquaquetuba e Guarulhos, embarcando na estação de Poá, com destino a São Paulo.

"Iniciada a era do automóvel, escreve Aroldo de Azevedo, a Rodovia São Paulo-Rio também aproveitou a mesma via natural, passando por São Miguel (1920). Em época mais próxima de nós, o vale do Tietê também foi aproveitado, sendo construída a chamada Variante da "Central do Brasil" (1932), que serve São Miguel e Itaquaquetuba" (60).

Com o advento destes fatos ligados à circulação, a região leste dos arredores de São Paulo entra em novas formas de uso do solo. Aparecem em grande escala, os loteamentos residenciais para uma população que trabalha na Capital. Mesmo assim, a instalação das indústrias seguindo a estrada de ferro favorece a localização de bairros operários em áreas contíguas. A especulação imobiliária instalada em São Paulo, promove a organização destas áreas periféricas da zona leste da cidade, servidas tanto pela ferrovia como pela rodovia.

Em decorrência do crescimento da cidade de São Paulo, o antigo, "cinturão de chácaras", que a rodeava é lo

teado e urbanizado, sendo aquelas deslocadas para as áreas do "cinturão caipira". A expansão da agricultura comercial é o fato mais importante que se instala nos arredores de São Paulo, no período compreendido entre 1915 e 1940. Estrutura-se o cinturão verde para abastecimento de produtos horti-fruti-granjeiros à Capital. Caio Prado Junior, em 1935, (61) faz referência a um círculo que abrange o município da Capital e os de Cotia, Parnaíba, Juqueri, Guarulhos e Mogi das Cruzes.

Os verdadeiros transformadores dos arredores de São Paulo, são, no entanto, os imigrantes italianos, portugueses, alemães e japoneses chegados em diferentes momentos, desde fins do século passado até meados deste.

Langenbuch assim se refere a esse respeito: "...o cultivo de batatinhas e de uvas fôra incrementado pelos imigrantes alemães e italianos" (62). Continua dizendo que a vitivinicultura era muito expressiva. "São Bernardo permanecia como a principal área produtora dos arredores paulistanos, com 184.000 videiras e a produção anual de 900 hectolitros de vinho e 3.000 arrobas de uva de mesa, por volta de 1922" (63). Neste mesmo período se afirma este tipo de cultura em São Roque e Jundiaí e se instalam novos grupos dedicados às culturas de frutas e hortaliças, em áreas do município de Mogi das Cruzes.

Por outra parte, PENTEADO menciona que a partir de 1920 há uma "expulsão" de muitos chacareiros portugueses que se dedicavam ao plantio de flores e legumes, pa



ra a "área suburbana, deixando suas chácaras localizadas na Água Branca, em Vila Pompéia, na Lapa, no Tatuapé, na Penha, no Itaim-Bibi, em Santana, na Casa Verde, etc." (64).

Mas o lugar de destaque não só numérico como pelo seu papel na atividade agrícola dos arredores de São Paulo, corresponde aos japoneses. Os nipônicos trazem com sua rica bagagem cultural um importante progresso à agricultura comercial da Metrôpole Paulista.

A injeção de energia aplicada à área rural de Cotia com a chegada das famílias japonesas a Morro Velho, a que fazemos referências em nosso trabalho sobre Cotia, se alastrou qual bola de neve pelas outras partes das antigas áreas abandonadas dos arredores da Metrôpole (65).

"Na década de 1930, uma terceira corrente de deslocamento dirigiu-se às cercanias de São Paulo, onde se achava em franco desenvolvimento uma nova forma de agricultura, a do tipo "suburbano". Já por volta de 1925, cultivava-se a batatinha nos núcleos relativamente antigos, tais como Cotia, Juqueri, (atual Mairiporã) e Taipas. Dêsses focos primitivos elas se espalham, na década de 30, formando novos núcleos nas localidades de Suzano, Mogi das Cruzes, Itaquera e em outras cidades ao longo da Central do Brasil..."(66). O autor menciona o fato de que, embora estas áreas ao redor da Metrôpole tenham sido de ocupação muito antiga - "remontando ao século XVII" - ficaram fora das "propriedades da agricultura comercial, como da cana e do café" (67), pre

dominando a agrícola de subsistência. Estas circunstâncias foram favoráveis pois a terra estava muito retalhada, permitindo aos japoneses tornarem-se pequenos produtores, tanto comprando como arrendando a propriedade.

Tais atividades formavam parte integrante dos padrões culturais e da experiência desses imigrantes dedicados à produção horti-fruti-granjeira. Por essa época São Paulo começava a ter exigências maiores de produtos perecíveis, pois em 1930 já era uma cidade milionária.

Também é de se considerar que a atração pelos altos rendimentos fazia parte da idiossincrasia que levava os japoneses a trabalhar febrilmente, com a idéia do breve regresso à pátria.

"... no Brasil o japonês encontrou trabalhadores mais "baratos" que ele mesmo. Não era possível a competição no trabalho assalariado com elementos das camadas mais baixas do meio rural brasileiro, e daí, em vez de vender o seu próprio trabalho, achou mais interessante comprar o alheio e, por esse meio, conseguir produção comercial, de rendimento possivelmente mais elevado. Vir a ser pequeno produtor significaria, nesse sentido, o caminho mais fácil para a concretização do objetivo de migração temporária. À fórmula, até então vigente - a migração temporária, sucesso rápido e retorno ao país de origem - acrescentou mais uma etapa, a de produção comercial. Essa fórmula, descoberta pelos imigrantes depois de anos penosos de experiência era a

que correspondia mais adequadamente às condições sócio-econômicas brasileiras" (58).

Essa agricultura de tipo "suburbano" com características tecnológicas e equipamentos modernos atraia novas levadas de imigrantes em cada crise que sofria a agricultura de exportação ou ainda diante da necessidade que tinha de possuir sua própria terra e de ficar perto da cidade. Sem dúvida, também a experiência do japonês fazia com que ele sentisse que aí se abria um mercado novo e promissor.

Assim, em 1939, a população de origem japonesa nos arredores de São Paulo era de 7.788 pessoas; em 1958 alcançava a cifra de 40.907.

"O significado do aumento não é apenas de seu número mas principalmente da extensão e formação de novos núcleos. Em fins da década de trinta, núcleos japoneses estavam circunscritos às áreas cujo raio, partindo da cidade de São Paulo, não excedia 50 quilômetros, tais como Municípios de Cotia, São Roque, Itapeverica, Juqueri (atual Mairiporã), Guarulhos, Suzano, Mogi das Cruzes, Santo André e São Bernardo do Campo (69).

#### DISTRIBUIÇÃO DE JAPONESES NA CIDADE DE SÃO PAULO E SUAS CERCANIAS

ANO	CIDADE DE SÃO PAULO	SUBÚRBIO
1932	1.625	1.577
1939	4.852	5.840
1958	62.327	40.907

FONTE: Os dados referentes a 1932 foram baseados em: "Notícias de São Paulo", ANUÁRIO Comemorativo do 25º Aniversário da Imigração Japonesa no Brasil.

Os nipônicos que vieram ter à Capital e arredores também chegaram à Itaquaquetuba, provavelmente a partir de Mogi das Cruzes, de Suzano e Itaquera que teriam sido os focos irradiadores (70).

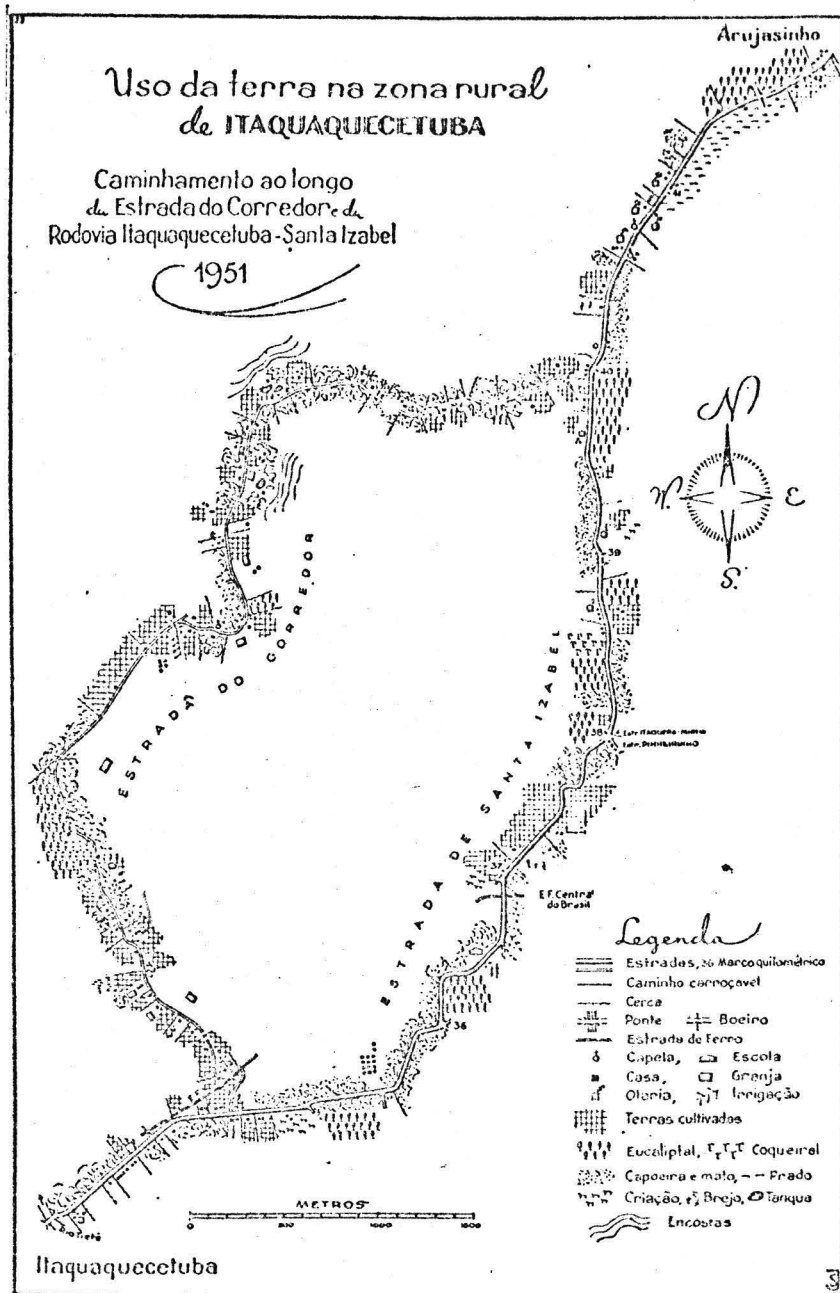
Aroldo de Azevedo em 1945 escrevia:

"Na região de Itaquaquetuba as culturas e as granjas avícolas multiplicam-se sobretudo na margem direita do Tietê. Um certo número de japoneses aparece a exercer sua característica horticulora, e das granjas, a do Man di, situada a uns 4 quilômetros da vila, destina-se à criação de galinhas e perus e à produção de ovos, sendo apontada como das melhores, em virtude de suas modernas instalações".

"Ao longo da estrada que une Itaquaquetuba a Poá sucedem-se quase ininterruptamente as pequenas chácaras em que os vinhedos são numerosos: calcula-se em mais de 350 o seu número, o que serve para demonstrar a importância desse aspecto regional" (71).

Pode-se afirmar que com esta nova organização do território, em função da Metrôpole que em Itaquaquetuba começa ao redor da década de 30, as novas formas de valorização convivem com as tradicionais caipiras, na luta de dois modos de produção antagônicas e complementares ao mesmo tempo: de subsistência e de mercado.

Num levantamento realizado por SOUKOUP em 1951 numa das áreas de maior ocupação agrícola do município - a Estrada do Corredor e a Rodovia Itaquaquetuba-Santa Isa -



SOUKUP, João: "Um Exemplo de levantamento linear aplicado à Geografia Humana"  
in: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, A. G. B., São Paulo, Vol. IX, T. I, 1954-1955, p. 81

bel até o limite do município com Arujã (num percurso de 12 Km.) as conclusões do autor eram:

"... ao longo das mencionadas estradas, de maneira particular o uso da terra ou ocupação do solo naquele trecho da zona rural de Itaquaquecetuba, (é) notável pelo seu povoamento intenso e pela predominância de pequena propriedade.

... na carta em anexo as terras cultivadas (em geral, com culturas de hortaliças e de flôres ou pequenas "roças" de milho, as granjas (quase sempre de propriedade de japoneses e destinadas à produção de ovos), as olarias, etc. Também nela figuram a principal cobertura vegetal, quer natural (prados, capoeiras, matas, residuais), quer artificial (eucaliptais) ..." (72) (vide mapa nº 10).

A área rural de Itaquaquecetuba entra então num acelerado processo de valorização em função da Metrôpole. A sua participação dentro do cinturão verde que rodeia a Capital já é um fato real. Ao se analisar o crescimento da população ocorrido segundo os censos de 1920, 1940 e 1950 comprova-se a afirmativa:

1920		1940		1950	
Popul. urbana	pop. rural	pop. urbana	pop. rural	pop. urbana	pop. rural
s/inform.	1.485 (73)	576	2.381	1.048	4.076

Enquanto isso, o velho núcleo urbano continua um acanhado aglomerado de casas humildes de taipa, com o

largo da Matriz e duas ou três ruas onde "se concentra um comércio de modestas proporções" (74).

Ainda não se sente na área chamada urbana, os efeitos do processo de urbanização e industrialização que os outros municípios da Grande São Paulo já conhecem.

O cinturão verde pôs em contato dois modos de produção, completamente diferentes: o caboclo e o japonês. A esse respeito, Penteado lembra: "O elemento nacional encontrado em tal região, corresponde a um número pouco expressivo se levarmos em conta a sua produtividade, tanto na região de Itapeçerica ou de Cotia, como na de Santo Amaro ou da Cantareira, ou então na de Perús ou de Itaquaquecetuba; a menos, portanto de 30 km. do centro da cidade de São Paulo, o caboclo está presente, com sua modesta cada de sa

pe e sua característica "agricultura caipira" (75).

Este relato é do começo da década de 50, quando ainda tal espaço mostrava os contatos e os contrastes desses contatos. O autor identifica o "caipira" dos arredores de São Paulo como um "nômade" buscando trabalho nas chácaras e sítios de luso-brasileiros ou nipo-brasileiros, onde ele é ainda - apesar do tempo transcorrido - "força de trabalho", do novo modo de produção estabelecido.

Atualmente o "cinturão verde" está sendo palco de novas forças em luta: o processo de urbanização, expandindo-se a partir da Metrôpole e a produção industrial instalando suas fábricas nesse espaço. Nessa perspectiva, o



valor da terra, a especulação imobiliária e os interesses econômicos estão expulsando as chácaras, sítios e granjas para localidades cada vez mais distantes, e Itaquaquecetuba não é exceção. Também seu território está sendo retalhado pelos loteamentos e pelas indústrias, e cada vez mais o antigo elo do "cinturão verde" do qual ela ainda faz parte, se torna mais restrito.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- (1) - PETRONE, P.: "Os aldeamentos ... p. 142.
- (2) - AZEVEDO, A.: "Vilas e Cidades do Brasil Colonial" (Ensaio de Geografia Retrospectiva), em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. IX, Tomo I, (1954-55), São Paulo, 1957, p. 97.
- (3) - As frases entre aspas como o sublinhado neste parágrafo, pertencem a: PETRONE, P.: Op. cit., p. 142.
- (4) - PETRONE, P.: "O Povoamento Antigo e a Circulação", em: "A Baixada Santista, Aspectos geográficos, Editôra da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1965, V. II, p. 76.
- (5) - SAMPAIO, T.: São Paulo de Piratininga no fim do século XVI", em: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. IV, (1898-1899), São Paulo, s/d., p. 263.
- (6) - PETRONE, P.: "Os Aldeamentos ... , p. III, p.4.
- (7) - PRADO JUNIOR, Caio: "O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo", em: Evolução Política do Brasil e outros estudos. Brasiliense, São Paulo, 1957, (2a edição) (anteriormente publicado em Geografia, nº 3, São Paulo, 1935), p. 921.

- (8) - SINGER, P.: "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana". Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1977, p. 23.
- (9) - SAMPAIO, T.: Op. cit., pág. 263/264.
- (10) - PRADO JUNIOR, Caio. op. cit. p. 925.
- (11) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 78.
- (12) - Idem.
- (13) - LEITE, Serafim, (J.J.): História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa, 1938, vol. VI, p. 362.
- (14) - AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrázio de: Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo", Laemmert, Rio de Janeiro, 1879, p. 356.
- "O Padre Lourenço Craveiro, da Companhia de Jesus, reitor da Companhia de Jesus, reitor d'este Collegio da villa de São Paulo, mando e ordeno ao Padre Francisco de Moraes, meu subdito em virtude da santa Obediência, que como velho e natural d'esta terra, e que tem notícia dos Índios de suas aldeias e terras que os Índios tiveram em Itaquaquecetuba, antes que se passassem para a aldeia de São Miguel, onde hoje estão, e se era Itaquaquecetuba onde os Índios estavam situados o mesmo sitio que hoje é onde está a capella de Nossa Senhora da Ajudá, que foi do padre João Alvarez e hoje nossa; e se a, aldeia de São Mi-

guel, que hoje é, se chamava S. Lourenço, antes que os Índios viessem para ella, e se Itaquaquetuba se chamava São Miguel, quando os Índios n'ella estiveram na dita aldeia de Itaquaquetuba, quanto tempo, se d'isso se lembra, quando foram mudados, e quem os foi mudar para onde hoje se acham, e de razão que tem para saber essas cousas, e declarará sua idade e o mais que souber a respeito e passe certidão jurada in verbo sacerdotis que tudo o que sabe na verdade, no que muito lhe encarrego sua consciência. Collegio de Santo Ignácio da villa de São Paulo, 15 de Junho de 1654 - Lourenço Craveiro, Reitor"

#### Certidão

"Certifico, eu o padre Francisco de Moraes, da Companhia de Jesus, de idade de 74 annos, e de companhia 53, que há 56 ou 57 annos que conheci e vi os Índios das aldêas de São Miguel estarem situados na aldêa de Itaquaquetuba, que é a mesma paragem d'onde agora está a capella que foi do padre João Alvarez que Deus tem, que deixou a este collegio, onde é força que tivessem terras para suas lavouras como naturaes d'esta terra, e por assim ordenar S.M., da qual aldêa de Itaquaquetuba por mandado do capitão e procurador dos Índios Fernão Dias Leme, que Deus tem, fui eu, sendo ainda secular no anno de 1620, pouco mais ou menos, buscar alguns d'elles para acom

nharem ao governador Martim de Sá na jornada que então fez à ilha de Santa Catarina, e tornando eu a esta terra na era de 1624, sendo já religioso, os achei já mudados para a aldêa de São Miguel onde hoje estão, os quaes índios d'antes se tinham mudado da sua antiga aldêa de Guarapiranga para a de Carapicuíba, mas não me lembra quantos annos seriam que tinham feito a tal mudança primeira; isto é o que sei e passo na verdade e assigno e juro in verbo sacerdotis em virtude da santa obediencia por ser mandado pelo nosso padre reitor Lourenço Craveiro, hoje 25 de Junho de 1674. - "O padre Francisco de Moraes".

(Cartório da Tesouraria da Fazenda, maço 49 de prós - prios nacionais, e livro 11 de sesmarias antigas).

- (15) - AZEVEDO MARQUES, : Op. cit. p. 356.
- (16) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, p. 87.
- (17) - Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, Vol. 22, pág. 36 a 38, citado por PETRONE, III, p. 89.
- (18) - MORAIS, Rubens Borba de.: "Contribuições para a História do Povoamento em São Paulo até fins do Século XVIII". em: Boletim Geográfico, C.N.G., I.B.G.E., Rio de Janeiro, Ano III, setembro 1945, nº 30, p. 825.
- (19) - MORAIS, Rubens Borba de.: Op. cit., pg. 825.

- (20) - RENDON, J.A. de Toledo: "Memórias sôbre as Aldeas de Índios da Província de São Paulo", segundo as observações feitas no anno de 1798, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo IV, nº 15, Rio de Janeiro, 1842, pág. 299. Citado por PETRONE, P., Op. cit., p. III, 104.
- (21) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 105.
- (22) - DEFFONTAINES, P.: Op. cit., p. 142.
- (23) - Documentos Interessantes, Vol. 44, p. 113 a 116, citado por PETRONE, p. 134.
- (24) - Idem.
- (25) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 141.
- (26) - CANABRAVA, Alice P.: "Esboço da História Econômica de São Paulo, em: "São Paulo, Terra e Povo, Edições Globo, Porto Alegre, 1967, p. 21.
- (27) - Idem, p. 23.
- (28) - Ibidem.
- (29) - ELLIS, Myriam: "As Bandeiras na Expansão Geográfica do Brasil", em: História Geral da Civilização Brasileira. Dir. Sérgio Buarque de Holanda. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963, Tomo I, p. 279.

- (30) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 156.
- (31) - ANTONIL, André João: "Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas", Conselho Nacional de Geografia, I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1963, pág. 82.
- (32) - MORAES, Rubens Borba de.: Op. cit., p. 828.
- (33) - Discurso na abertura do Conselho Geral, em 1º de dezembro de 1829, in CHICHORRO, Manoel da Cunha Azevedo Coutinho Souza. Memória em que se mostra o estado econômico, militar e político da Capitania Geral de São Paulo, in: R.H.I.G.B., Tomo XXXVI, 2º trim.1873, Rio de Janeiro, pg. 252.
- (34) - Revista do Arquivo Nacional, Ano XII, citado por PETRONE, P., op. cit., p. III, 135.
- (35) - AZEVEDO MARQUES, M: Op. cit., p. 356.
- (36) - Segundo PETRONE, p. III, 178.
- (37) - Documentos Interessantes, vol. 73, pág. 63, citado por PETRONE, P.: op. cit., p. 179.
- (38) - Boletim do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, vol. 8, pág. 101 a 224, citado por PETRONE, P: op. cit., III, 179-180.
- (39) - SAINT-HILAIRE, Augusto de: Segunda Viagem a São Paulo, e Quadro Histórico de São Paulo. Biblioteca Histórica Paulista, Martins Ed., São Paulo, 1953, p. 202.



- (40) - AZEVEDO, Aroldo: "Vilas e Cidades do Brasil Colonial"  
p. 129.
- (41) - Idem, p. 126.
- (42) - PETRONE, P.: op. cit., p. III, 134.
- (43) - MÜLLER, D.P.: "Ensaio d'un quadro estatístico da Pro -  
víncia de São Paulo," Reedição Literal, Secretaria de  
Obras de O Estado de São Paulo , São Paulo, 1923, p.  
172.
- (44) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 286.
- (45) - LUNE, Antonio José Baptista de e FONSECA, Paulo Delfi  
no: "Almanak da Província de São Paulo, para 1873, Ty-  
pografia Americana, São Paulo, 1873, p. 69-70.
- (46) - AZEVEDO MARQUES, M.: Op. cit., p. 356.
- (47) - ALMANAK, Província de São Paulo - Administrativo, Ind.  
e Comercial (fundado e Organizado por Jorge SECKLER),  
São Paulo, editores proprietários, JORGE SECKLER e  
comp., 1887, p. 427.
- (48) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 291.
- (49) - ARAUJO, FILHO, J.R.: "Alguns Aspectos da População da  
Cidade de São Paulo", em: Anais da Associação dos Geó  
grafos Brasileiros, A.G.B., São Paulo, Vol. IX, Tomo  
I, 1954-55, p. 183.

- (50) - PRADO JUNIOR, C. Op. cit., p. 920.
- (51) - PETRONE, P.: Op. cit. p. III, 292.
- (52) - AB'SABER, A.N.: "A Região de Santa Isabel", em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. V, Tomo I (1950-51), São Paulo, 1953, p. 79.
- (53) - DEFFONTAINES, Pierre: "Como se constituiu no Brasil a Rêde das Cidades". Em: Boletim Geográfico, C.N.E., maio de 1944, Ano II, nº 14 e 15, p.142.
- (54) - PETRONE, P.: Op. cit., p. III, 293.
- (55) - AB'SABER, A.N.: "A Região de Santa Isabel", p. 79.
- (56) - SAINT-HILAIRE, Auguste de: "Viagem à Província de São Paulo, p. 202.
- (57) - BRUNO, Ernani da Silva: "História e Tradições da Cidade de São Paulo", Vol. I, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1953, p. 49.
- (58) - PENTEADO, Jacob: Belemzinho, 1910 (Retrato de uma época), São Paulo, 1962, pág. 79, citado por Petrone, P., op. cit., p. III, 294.
- (59) - AB'SABER, A.N.: Op. cit., p. 87.
- (60) - AZEVEDO, Aroldo de: "Subúrbios Orientais de São Paulo, Tese de Concurso à Cadeira de Geografia do Brasil, da F.F.C.L. da U.S.P., São Paulo, 1945, p. 57.

- (61) - PRADO JUNIOR, Caio: "Distribuição da Propriedade Fundiária Rural no Estado de São Paulo", em: Geografia, Ano I, nº 1, 1935, p. 64.
- (62) - LANGENBUCH, J.: Op. cit., p. 165.
- (63) - LANGENBUCH, cita dados de PIZA, Marcello, p. 228.
- (64) - PENTEADO, Antonio Rocha: "Os Subúrbios de São Paulo e suas funções, p. 9.
- (65) - LEMOS, Amalia Inês Geraiges de: "Cotia e sua participação na Faixa Periférica da Metrópole Paulista", Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia da F.F.L.C.H., U.S.P., 1972 (ex. mimeografado).
- (66) - SAITO, Hiroshi: "O Japonês no Brasil", Ed. Sociologia e Política, São Paulo, 1967, p.143.
- (67) - Idem, p. 134.
- (68) - Idem, p. 115.
- (69) - Idem, p. 161.
- (70) - "... De lodaçais fazem jardins à custa de uma série de cuidados e técnicas delicadas. Não interessa muito o espaço, nem a relativa pobreza dos solos. Interessa o arranjo do espaço e correção da terra pelos adubos e pela irrigação racional. O emprego de técnicas minuciosas aos poucos vai criando uma paisagem

agrícola de jardinagem, extremamente agradável à vista pelo seu arranjo geométrico e variedade de cores e tons. Surgem canteiros os mais diversos, dispostos em patamares de níveis ligeiramente desiguais, traçados com um cuidado e uma geometria especiais. Visitando uma dessas pequenas propriedades de sítios nipônicos, vem-se pequenas canaletas de irrigação, muretas e pequenos diques, pontes de tábuas por todo canto, tinas d'água aqui e acolá, irrigadores, etc. Nas grandes quadras destinadas aos tomateiros, observam-se centenas de taquaras simetricamente entrecruzadas, constituindo as armações para os galhos das plantas. Fora da planície, nas encostas suaves, dominam algumas culturas anuais".

"Além do campo de cultura, quando muito constroem-se os elementos essenciais para moradia e armazenamento de seus produtos e ferramentas. A moradia do arrendatário é rústica, diferindo da dos caboclos regionais, apenas no plano e aspectos internos. O celeiro é geralmente constituído por um comprido rancho, de barrote, coberto de sapé. Possuem falsas janelas para ventilação, em certos pontos da parede onde não se faz barreamento. Aí, são guardados os legumes ferramentas, carroças, charretes e caixas de todos os tipos. Ao lado da moradia e do celeiro, um terceiro elemento do "habitat" é o galinheiro, que garante adubo orgânico e rendas complementares, em aves e ovos (AB'SABER, A.N.: op. cit., p.116 e 117).

- (71) - AZEVEDO, Aroldo: Itaquera e Poá... pg. 163.
- (72) - SOUKOUP, João: "Um exemplo de levantamento linear aplicado à Geografia Humana", Em: ANAIS DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, A.G.B., São Paulo, 1957, Vol. IX, Tomo I, 1954-55, pág. 79-81.
- (73) - Nesse Censo não há discriminação entre urbana e rural. Mas pelas condições de Itaquaquecetuba consideramos toda rural.
- (74) - AZEVEDO, A.: "Itaquera e Poá ...", p. 155.
- (75) - PENTEADO, Antonio Rocha: "Os Subúrbios de São Paulo e suas funções".

3 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO À METRÓPOLE

### CAPÍTULO III

#### O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO À METRÓPOLE

##### - A CAPITAL ESTENDENDO SEUS TENTÁCULOS

Após a Revolução de 1930 ocorrem no Brasil importantes transformações econômicas, sociais e políticas delineando-se novas perspectivas. Há uma aceleração no processo de desenvolvimento econômico e se forma um parque industrial produtor de bens de consumo, de proporções já consideráveis, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo onde o mercado interno tinha capacidade de absorver a produção. "... São Paulo não é somente um mercado de productos, mas também um imenso mercado d'homens", escrevia Pierre Denis no princípio do século e isso é válido até agora. Continua mais adiante "... é em São Paulo também que se reúnem os operários que deixaram as fazendas onde estiveram empregados... Nem todos voltam às plantações; muitos fixam-se na cidade. Levam às suas indústrias nascentes a oferta d'uma mão-d'obra barata" (1).

Essa população, por diversos motivos, (entre os quais também pesam as leis de trabalho), deixou o campo e foi em busca de áreas urbanas onde pudesse ter um padrão de vida mais alto do que havia conhecido até então. Assim se refere Paul Singer a esse respeito: "Surge desta maneira um sistema de incentivos que atrai uma parcela crescente dos tra



TABELA Nº 16

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

ANO	POPULAÇÃO	G S P			POPULAÇÃO	CAPITAL			OUTROS MUNICÍPIOS			
		TOTAL	VEGETATIVO	MIGRAT.		TOTAL	VEGET.	MIGRAT.	TOTAL	VEGET.	MIGRAT.	
1940	1.568.045	1.094.608	230.483	864.125	1.326.261	871.835	210.255	661.580	241.784	222.773	20.228	202.545
	69,8%	(100,0%)	(21,0%)	(79,0%)	65,7%	(100,0%)	(24,1%)	(75,9%)	92,1%	(100,0%)	(9,1%)	(90,9%)
1950	2.662.653	2.084.348	727.366	1.356.982	2.198.096	1.590.761	613.261	977.500	464.557	493.587	114.105	379.482
	78,3%	(100,0%)	(34,8%)	(65,2%)	72,4%	(100,0%)	(38,6%)	(61,4%)	106,2%	(100,0%)	(23,2%)	(76,8%)
1960	4.747.001	3.359.249	1.250.498	2.108.751	3.788.857	2.112.676	885.196	1.227.480	958.144	1.246.573	365.302	881.271
	70,8%	(100,0%)	(37,2%)	(62,8%)	55,8%	(100,0%)	(41,9%)	(58,1%)	130,1%	(100,0%)	(29,3%)	(70,7%)
1970	8.106.250				5.901.533				2.204.717			
TAXAS DE INCREMENTO INTERCENSITÁRIO												
1940/50	Decenal	69,8%	14,7%	55,1%		65,8%	15,8%	50,0%		91,9%	8,4%	83,5%
	Anual	5,45%	1,38%	4,50%		5,20%	1,48%	4,14%		6,75%	0,92%	6,26%
1950/60	Decenal	78,4%	27,3%	50,9%		72,4%	27,9%	44,5%		106,5%	23,6%	81,8%
	Anual	5,96%	2,45%	4,20%		5,60%	2,49%	3,76%		7,50%	2,14%	6,16%
1960/70	Decenal	70,8%	26,3%	44,5%		55,8%	23,4%	32,4%		130,2%	38,2%	92,0%
	Anual	5,50%	2,36%	3,76%		4,54%	2,13%	2,85%		8,70%	3,29%	6,75%

FONTES: Censos de 1940, 1950, 1960 e 1970 (os dois últimos com ajustamentos estimativos).

Gov. do Est. de São Paulo  
 Secretaria de Economia e Planejamento  
 Grupo Executivo da Grande São Paulo  
 "Recursos Humanos na Grande S.P.", S.P., 1971, Vol. I.

balhadores rurais às cidades. A grande massa rural, confinada na economia de subsistência, passa a constituir para a economia capitalista industrial um verdadeiro reservatório de mão-de-obra ou na expressão clássica de Marx, um exército industrial de reserva" (2).

É nessas circunstâncias que, a partir de 1940, a cidade de São Paulo entra num ritmo de crescimento acelerado e ininterrupto. O aumento das migrações internas, cada vez mais acentuado e, especialmente, as migrações rural-urbanas conduzem a um intenso processo de urbanização. É tal processo que justifica o fato de São Paulo se converter numa Metrópole milionária.

Na tabela 16, pode-se comparar o crescimento da Capital e dos municípios que constituem a "periferia" com o da Grande São Paulo, em geral. Nesse mesmo quadro confirma-se o que já dissemos a respeito dos índices de incremento migratório assinalados pelo censo de 1940 acusando 75,9% para a Capital e 90,9% para os outros municípios. Por outro lado, esses índices vão decrescendo nos censos seguintes e as porcentagens do incremento vegetativo vão aumentando.

"A cidade crescendo engloba, na expansão de sua área edificada, os subúrbios mais próximos e provoca o desenvolvimento de subúrbios mais afastados" (3).

Na realidade o processo de metropolização vai-se fazendo sentir de forma contínua e rápida, absorvendo cada vez mais as antigas aglomerações que se localizam ao re-

dor da cidade - Capital.

"... À medida que os subúrbios mais próximos são assim absorvidos, novos subúrbios se formam mais adiante, para serem também em breve absorvidos" (4).

Os principais eixos de circulação—e em especial as ferrovias que são os mais antigos - foram os responsáveis por essa aglutinação que foi se instalando no território. Num segundo momento, mais atual, a circulação rodoviária assume um papel também muito importante na expansão da Metrôpole.

Na tabela 17 analisa-se o crescimento da população por municípios e sub-regiões da Grande São Paulo através dos 4 censos, a partir de 1940, momento que consideramos, de acordo com Langenbuch, como o da "grande metrôpolização recente".

Em linhas gerais, as áreas de maior crescimento, acompanham praticamente as estradas de ferro, considerando - se:

1º) - A linha Sudeste, em direção a Santos-Jundiaí, tendo São Bernardo do Campo como cabeça, com um aumento de população de 1.626% entre os censos de 1940 e 1970. Os maiores índices são observados no período de 1940 a 1950 com 151% e no de 1960 a 1970, com 181%.

2º) - As sub-regiões Noroeste e Oeste, que acompanham a estrada de ferro Sorocabana, em que Barueri aparece com 1.225% e Itapevi com 887% considerando que "Por volta de 1940, não existiam mais do que umas 30 casas próximo à pequena estação (de Itapevi). Depois que se processou o loteamen

Municípios e Sub-Regiões	1940	1950	%	1960	%	1970	%	Total Censos %
<b>CENTRO</b>								
São Paulo	1.315.861	2.198.096	67	3.709.274	69	5.924.615	60	350
Osasco	15.128	43.427	187	114.828	164	283.073	147	1.771
<b>NOROESTE</b>								
Carapicuíba	-	5.948	-	17.590	196	54.873	112	823
Barueri } (1)	2.854	3.521	23	16.671	373	37.808	127	1.225
Cajamar	-	3.780	-	6.438	70	10.355	61	174
Santana do Parnaíba } (1)	6.182	10.411	68	5.244	-50	5.390	3	-13
Pirapora do Bom Jesus } (1)	2.322	2.244	34	2.490	11	3.709	49	60
<b>OESTE</b>								
Cotia } (2)	8.594	18.480	115	14.409	-22	30.924	115	260
Itapevi } (2)	2.793	4.794	72	10.182	113	27.569	171	887
Jandira } (2)	-	1.475	-	2.047	39	12.499	511	747
<b>SUDOESTE</b>								
Taboão da Serra	-	-	-	7.173	-	40.945	475	475
Itapeçerica da Serra } (3)	8.818	21.924	149	14.253	-35	25.314	78	187
Embu	2.252	4.028	79	5.041	25	18.148	267	706
Embu-Guaçu	-	3.815	-	4.773	25	10.280	115	169
Juquitiba	-	5.836	-	5.863	0,5	7.267	24	25
<b>SUDESTE</b>								
Santo André	68.314	104.338	53	245.147	135	418.826	71	513
São Bernardo do Campo	11.685	29.295	151	82.411	181	201.662	145	1.626
São Caetano do Sul	-	59.832	-	114.421	91	150.130	31	151
Mauá } (4)	4.973	10.472	111	28.924	176	101.700	252	1.945
Diadema	4.902	3.023	-37	12.308	307	78.914	541	1.510
Ribeirão Pires	-	10.955	-	17.250	57	29.048	68	165
Rio Grande da Serra	-	-	-	3.955	-	8.397	112	112
<b>LESTE</b>								
Mogi das Cruzes	30.305	61.553	103	94.482	53	138.751	46	358
Suzano } (5)	6.000	11.157	86	27.094	143	55.460	105	824
Poá } (5)	4.922	8.508	73	15.829	86	32.373	105	558
Itaquaquecetuba	2.957	5.124	73	11.456	124	29.114	154	885
Ferraz de Vasconcelos	-	3.189	-	10.167	219	25.134	147	688
Guararema	7.315	8.277	13	7.688	-7	12.638	64	73
Salesópolis	7.379	8.770	19	9.130	4	9.557	5	30
Biritiba Mirim } (5)	5.038	4.600	-8,7	5.712	24	9.033	58	79
<b>NORDESTE</b>								
Guarulhos } (6)	13.439	34.683	158	101.273	192	236.811	134	1.662
Arujá } (6)	2.393	3.922	64	5.758	47	9.571	66	300
Santa Isabel } (6)	10.551	8.453	-20	11.787	39	17.161	47	63
<b>NORTE</b>								
Franco da Rocha	12.390	24.158	95	25.376	5	36.303	43	193
Mairiporã } (7)	7.356	9.386	28	12.842	37	19.584	52	166
Caieiras } (7)	5.105	1.573	-69	9.405	498	15.563	65	205
Francisco Morato	-	324	-	2.554	688	11.231	340	3.366
<b>GRANDE SÃO PAULO</b>	<b>1.568.045</b>	<b>2.662.653</b>		<b>4.791.245</b>		<b>8.139.730</b>		

Fonte dos Dados Básicos: FIBGE; Censo Demográfico de 1970, Sinopse do Censo Demográfico de 1970

( ) Tiveram desmembramento de território segundo quadro anexo à Tabela nº 18

to de uma grande propriedade agrícola ali localizada, teve início o rápido crescimento do aglomerado, que se intensificou notavelmente depois de 1950, graças aos operários e pessoas da classe média que o elegeram como lugar de residência. Multiplicaram-se as construções, simples umas, relativamente confortáveis outras..." (5).

39) - Uma aglutinação mais densa compacta e uniforme observa-se nos domínios da E.F.C.B.. Como que extravazando o enorme crescimento sofrido pelos distritos do município de São Paulo: São Miguel Paulista, Itaquera, Guaianazes e Itaim Paulista, os municípios vizinhos da Capital sentem essa influência. Em diferentes momentos, dentro desse lapso de tempo de 30 anos analisados na tabela 17, começam os municípios a sofrer os efeitos da metropolização: Ferraz de Vasconcelos (885%), Suzano (824%), Poá (558%), Mogí das Cruzes (358%) e, mais tardiamente, Itaquaquecetuba (886%).

Aroldo de Azevedo escrevia na década de 40: "A função principal desses subúrbios orientais é a função residencial. Seus moradores residem, em geral em pequenas casas de tijolos, cobertas com telhas" (6).

Numa outra parte da mesma obra, o mencionado geógrafo escreve: "Mais de 90.000 pessoas habitam essa área: são brasileiros, portugueses, espanhóis e japoneses, principalmente, que exercem suas atividades na Capital como operários, comerciários ou funcionários públicos de pequena categoria ..." (7).

Continua ainda o autor: "Dos 90 mil habitantes que vivem nos subúrbios orientais de São Paulo, cerca de 40 mil habitam a região suburbana atravessada pela linha tronco da "Central do Brasil", em estreita ligação com a Metrôpole paulista. A maior parte apenas lá reside, exercendo suas atividades costumeiras na Capital, o que nos leva a considerá-la um dos mais importantes "dormitórios" da cidade, fora de sua área urbana" (8).

49) - Para o Norte, acompanhando a estrada de ferro Santos-Jundiaí, pequenos núcleos existentes conhecem um desenvolvimento fraco, menos expressivo que aqueles anteriormente mencionados: Franco da Rocha (193%), Caieiras (205%), Mairiporã (166%), Francisco Morato (3.366%) é exceção na área.

59) - Num segundo momento o processo de metropolização se estende a partir dos eixos rodoviários. A via Dutra já canalizava a expansão na década de 50. Alí o melhor exemplo é Guarulhos, que teve entre 1940 e 1970 um crescimento de 1.662%. Aqui devem ser considerados também os municípios da sub-região Oeste e Sudoeste que só entraram num ritmo de crescimento acelerado a partir da década de 60, em consequência da valorização das vias de circulação rodoviária: Cotia, com índice de crescimento de 260% e Jandira que, entre 1960 e 1970, atingiu 511%.

O mesmo se pode dizer dos municípios da Grande São Paulo que se alcançam a partir da BR-116 ou Regis Bit -

tencourt: Umbú (707%), Taboão da Serra (475%), Itapece-  
rica da Serra (77%) e ainda outros menores que embora tenham tido um crescimento elevado ao longo destes 4 censos não são tão significativos como os já mencionados.

Tendo acesso também pela via Dutra há dois municípios onde o processo de metropolização é recente: Arujá, com um índice de crescimento de 330% e Santa Isabel com 63%.

Todos estes fatos analisados não são isolados; são produto de uma série de eventos decorrentes do processo histórico dos municípios da Grande São Paulo: é uma consequência da valorização que a Metrópole lhes foi outorgando em diferentes momentos.

Quando São Paulo já se tornara uma cidade importante (começo do século XX), todos êsses municípios circundantes sobreviviam precariamente, graças à produção caipira comercializada com a Capital. É só após um longo período de decadência comum a todos eles, que foram englobados pelo "cinturão de chácaras".

Em consequência do crescimento da cidade de São Paulo, tendo como corolário a valorização das terras é que as chácaras produtoras de alimentos horti-fruti-granjeiros foram sendo deslocadas para a periferia. Com a introdução de uma agricultura especializada para o mercado consumidor da Cidade de São Paulo e na presença de imigrantes europeus e japoneses a periferia entra no processo de metropolização que lhe dá nova vida.



Mas o elemento verdadeiramente dinamizador dessas áreas circundantes à Capital foi a localização ali da atividade industrial, como já vimos pela tabela anterior.

A indústria, localizada em áreas que lhe foram altamente favoráveis em termos de mercado e circulação atraiu à sua volta uma densa rede de bairros operários, ocupando-se efetivamente o espaço. O grande movimento migratório para a Grande São Paulo se justifica entre outras causas pela falta de possibilidades de trabalho em outras partes do país. Também é sabido que dentro do país existem, de fato, áreas com grandes percentuais de desemprego (chamado "desemprego estrutural" por Paul Singer). Essas massas humanas se deslocam para as áreas metropolitanas afim de participar do processo produtivo e da "tão propalada sociedade de consumo" (9).

Essa grande parcela da população que dependia de atividades rurais, ao abandoná-las se dirige às metrópoles, especialmente a São Paulo, e começa a se urbanizar, entrando a engrossar, num primeiro momento, as fileiras do exército de reserva, até que se entrose no processo de produção.

Na tabela nº 18, pode-se observar e analisar a predominância - quase que absoluta - da população urbana sobre a rural e a expressão que as chamadas áreas urbanas tiveram nos períodos dos censos de 1940, 50, 60 e 70 para a Grande São Paulo.

Nesta relação pode-se tecer as seguintes considerações:

## EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA - CENSOS DE 1940 - 1950 - 1960 - 1970

Municípios e Sub-Regiões	1940			1950			1960			1970			
	Urbana	Rural	%	Urbana	Rural	%	Urbana	Rural	%	Urbana	Rural	%	
<b>CENTRO</b>													
São Paulo	1.248.082	67.779	95	2.052.142	145.954	93	2.740.209	428.902	86	5.869.966	51.830	99	370%
Osasco	15.128 *	-	-	43.427 *	-	-	36.246	79.994	31	283.203	-	100	1.772%
<b>NOROESTE</b>													
Carapicuíba	-	-	-	5.948	-	100 (1)	14.632	259	98	54.907	-	100	823%
Barueri	722	2.132	25	2.272	1.249	65 (1)	13.821	913	94	36.375	1.428	96	4.938%
Cajamar	-	-	-	1.234	2.546	33	1.822	4.616	28	4.178	6.262	40	239%
Santana do Parnaíba	1.865	4.317	30	3.131	7.280	30 (1)	1.467	3.777	28	2.254	3.200	41	21%
Pirapora do Bom Jesus	1.241	1.081	53	871	1.373	39 (1)	1.042	1.448	42	1.777	1.937	48	43%
<b>OESTE</b>													
Cotia	761	7.833	9	3.177	15.310	17	4.368	13.538	24 (1)	29.718	1.289	96	3.805%
Itapevi	326	2.467	12	1.276	3.518	27	4.630	5.552	25	27.569	-	100	8.357%
Jandira	-	-	-	630	845	43	1.110	937	54	12.490	-	100	1.883%
<b>SUDOESTE</b>													
Taboão da Serra	-	-	-	-	-	-	2.809	4.364	39	40.959	-	100	1.358%
Itapeçerica da Serra	693	8.125	8	2.370	19.554	11	3.577	10.234	13 (1)	17.722	7.590	70	2.457%
Embu	298	1.954	13	421	3.607	10 (1)	1.133	3.908	22	4.348	13.335	24	1.359%
Embu-Guaçu	-	-	-	633	3.182	17	1.378	3.395	29	5.353	4.348	52	746%
Juquitiba	108	3.126	3	340	5.496	6	336	5.527	6	1.553	5.737	21	1.338%
<b>SUDESTE</b>													
Santo André	64.719	3.595	95	97.444	6.894	93	230.196	12.014	95	417.023	1.555	99,6	544%
São Bernardo do Campo	7.840	3.845	67	21.633	7.662	74	61.645	18.245	77	188.891	12.571	94	2.309%
São Caetano do Sul	-	-	-	55.399	4.433	93	114.039	382	100	150.171	-	100	171%
Mauá	2.653	2.320	53	5.368	5.104	51	14.128	14.796	49	101.569	157	99,8	3.728%
Diadema	-	-	-	1.316	1.707	44	1.315	10.993	11	68.552	10.405	87	5.109%
Ribeirão Pires	2.348	2.554	48	3.865	7.090	35	8.996	3.826	70	24.151	4.966	83	1.735%
Rio Grande da Serra	-	-	-	-	-	-	1.204	2.751	30	7.191	1.123	86	495%
<b>LESTE</b>													
Mogi das Cruzes	15.546	14.759	51	34.267	27.286	56 (1)	70.691	23.791	75	138.746	28.590	83	792%
Suzano	2.555	3.445	43	5.369	5.788	48	11.935	14.397	45	33.762	21.860	60	1.221%
Poá	3.467	1.455	70	6.080	2.428	71	10.419	16.172	93	31.732	650	98	815%
Itaquaquecetuba	576	2.381	19	1.048	4.076	20	6.952	4.504	61	22.094	7.059	76	3.736%
Ferraz de Vasconcelos	-	-	-	3.189	-	100	9.926	241	98	24.912	336	99	681%
Guararema	1.321	5.994	18	1.459	6.818	18	2.259	5.429	29	3.282	12.254	21	148%
Salesópolis	933	6.446	13	1.220	7.550	14	1.729	7.401	19	3.277	6.283	34	251%
Biritiba Mirim	174	4.864	3	378	4.222	8	644	5.068	11	3.195	5.771	36	1.736%
<b>NORDESTE</b>													
Guarulhos	6.660	6.779	50	16.261	18.422	47	77.980	23.923	77	222.639	15.226	94	3.243%
Arujá	345	2.048	14	750	3.172	19	1.178	4.590	20	7.143	2.442	75	1.970%
Santa Isabel	1.446	9.105	14	1.809	6.644	21	4.631	7.156	39	9.231	7.948	54	538%
<b>NORTE</b>													
Franco da Rocha	2.719	9.671	22	5.680	18.478	24	11.315	14.061	45	19.949	16.442	55	634%
Mairiporã	727	6.629	10	1.181	8.205	13 (1)	2.270	10.572	18	5.574	14.066	28	667%
Caiciras	851	4.254	17	1.573	-	100	2.959	6.446	31	8.730	6.833	56	926%
Francisco Morato	-	-	-	324	-	100	1.591	963	62	8.995	2.215	80	2.676%
<b>GRANDE SÃO PAULO</b>													

\* Não distingue população urbana ou rural

(1) Desmembrou território, segundo quadro anexo

DESMEMBRAMENTOS MUNICIPAIS 1940/1967

1940	1950	1960	1967
São Paulo	São Paulo	São Paulo	São Paulo Osasco
	Mairiporã	Mairiporã	Mairiporã
Queri	Franco da Rocha	Franco da Rocha Caieiras	Franco da Rocha Francisco Morato Caieiras
Guarulhos	Guarulhos	Guarulhos	Guarulhos
Santa Isabel	Santa Isabel	(Santa Isabel) (Igaratá) Arujá	(Santa Isabel) (Igaratá) Arujá
Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes	Mogi das Cruzes Itaquaquecetuba	Mogi das Cruzes Brás Cubas * (Biritiba Mirim) Itaquaquecetuba
	Suzano	Suzano	Suzano
	Poá	Poá	Poá
Cotia	Cotia	Ferraz de Vasconcelos Cotia	Ferraz de Vasconcelos Cotia Jandira
		Itapevi	Itapevi
Santo André	Santo André	Santo André Mauá	Santo André Mauá
		Ribeirão Pires	Ribeirão Pires
	São Caetano do Sul	São Caetano do Sul	Rio Grande da Serra São Caetano do Sul
	São Bernardo do Campo	São Bernardo do Campo Diadema	São Bernardo do Campo Diadema
Itapecerica	Itapecerica da Serra	Itapecerica da Serra	Itapecerica da Serra Embu Guaçu (Juquitiba)
		Taboão da Serra	Taboão da Serra
		Embu	Embu
Parnaíba	Santana do Parnaíba	Santana do Parnaíba (Pirapora do Bom Jesus) Cajamar	Santana do Parnaíba (Pirapora do Bom Jesus) Cajamar
	Barueri	Barueri	Barueri Carapicuíba
Jundiaí	Jundiaí	Jundiaí	Jundiaí (Itupeva) Campo Limpo Várzea Paulista
	(Vinhedo)	(Vinhedo)	(Vinhedo) (Louveira)

1º) - Um primeiro grupo com percentual de crescimento urbano acima dos 3.000% onde se tem: Itapevi (8.357%), Diadema (5.109%), Barueri (4.938%), Cotia (3.805%), Mauá (3.728%), Itaquaquecetuba (3.736%) e Guarulhos (3.243%). Centros urbanos, alguns muito antigos e acanhados, ex-aldeamentos como Itaquaquecetuba e Guarulhos, outros nascidos à beira do caminho como Cotia e Mauá, ou até "povoados-estação", tais como Itapevi e Barueri, todos eles conhecem hoje a influência direta do processo de industrialização.

2º) - Um outro grupo com índices de crescimento populacional acima dos 2.000% teve seu auge na década de 50 ou 60 mas hoje está relativamente limitado à especulação imobiliária, pelo preço que a terra atingiu, é representado por Itapeçerica da Serra (2.457%), São Bernardo do Campo (2.309%) e Francisco Morato (2.676%).

3º) - Neste item se agrupam os municípios com percentuais superiores a 1.000%: Jandira (1.883%), Taboão da Serra (1.358%), Embú (1.359%), Juquitiba (1.338%), Ribeirão Pires (1.735%), Suzano (1.221%), Biritiba Mirim (1.736%). Arujá (1.970%).

Nestes municípios o processo de urbanização não se faz sentir com tanta intensidade como nos anteriores quer devido à distância que existe até a Capital, quer e especialmente por possuírem outras formas de "uso do solo". São formas que existem também em função da Metrôpole, mas não aptas a criar malha urbana muito densa, como os casos analisados no item 1.

4º) - Finalmente, os que tem um índice de crescimento de população urbana alto, mas inferiores a 1.000%. Aqui devemos considerar municípios como Caieiras (926%), Poá (815%), Mogí das Cruzes (792%), Embú-Guaçú (746%), Mairiporã (667%), Franco da Rocha (634%), e outros com índices menores, como por exemplo, Santana do Parnaíba (21%). Este baixo índice de crescimento de Santana do Parnaíba se explica pela maior distância da Capital e um certo isolamento dos principais eixos de circulação. Acresce-se o fato de não possuir estrada de ferro. Em consequência permaneceu uma área com um alto percentual de população rural.

Nesta realidade toda que constitui a Grande São Paulo com uma densa aglomeração que alcança 10.778.061 habitantes segundo estimativas para 1977 (10), iremos isolar o município de Itaquaquecetuba, para analisar em detalhe o dinamismo do crescimento demográfico pelo qual passou. Trata-se do processo geral no qual e pelo qual a Metrôpole estende os seus tentáculos, de forma a aglutinar as novas áreas que a integram.

Aqui é interessante voltar novamente aos alarmismos de população urbana e rural de Itaquaquecetuba a partir de 1940, com o respectivo percentual de população urbana.

1940			1950		
Urbana	Rural	% p. u.	Urbana	Rural	% p. u.
576	2.381	19,5	1.048	4.076	20

1960			1970		
Urbana	Rural	% p. u.	Urbana	Rural	% p. u.
6.952	4.504	61	22.094	7.059	75

Da mesma forma que na maioria dos municípios já mencionados, a população rural praticamente está desaparecendo com o avanço do processo de urbanização, mercê da aglutinação densa comandada pela cidade de São Paulo que se comporta como instrumento da organização daquele espaço.

Analise-se outra vez o crescimento urbano de Itaquaquecetuba nos censos assinalados.

1940	1950	1960	1970	TOTAL
576	1.048 (82%)	6.952 (563%)	22.094 (218%)	3.736%

Entre os censos de 1940 e 1950 a população urbana teve um crescimento acelerado de 82%, 563% entre o de 1950 e 1960 e 218% entre o censo de 1960 e 1970, correspondendo a um total de 3.736% nos 30 anos considerados.

Para analisar os efeitos do processo de metropolização em Itaquaquecetuba foi feita uma pesquisa de campo, em fevereiro de 1979. Os questionários, num total de 213, o que abrange 1.092 pessoas, foram aplicados nos diferentes bairros que constituem a malha urbana de Itaquaquecetuba.

Por essa pesquisa empírica se procurou saber qual era a origem e mobilidade da população que alí reside atualmente, o tempo de residência e as causas que a levaram até esse município.

Observe-se que da mesma forma que em outros municípios da Grande São Paulo já estudados (Cotia, Embú, Barueri, Santana do Parnaíba, etc.), a maioria dos chefes de família provêm de Minas Gerais (24%) e Nordeste (26%), seguindo-se a Grande São Paulo (17%), e o Estado de São Paulo (13%) (tabela nº 19). Rosa Ester Rossini escreve:

"O Estado de Minas Gerais, continua sendo o que mais envia pessoas para São Paulo (32,3%). É natural que este fato ocorra, já que é contíguo a São Paulo e o crescimento e o crescimento de sua população não está sendo acompanhado pelo aumento da oferta de emprego" (11).

Quanto ao número elevado da Grande São Paulo, provavelmente são já filhos de migrantes que, na procura do lugar para construir sua moradia, foram residir em Itaquaquecetuba.

O número de estrangeiros é praticamente pouco significativo.

Como e porque essa população chegou a Itaquaquecetuba?

A possibilidade de adquirir a casa própria - prioridade de opção do migrante - levou a população a aceitar quaisquer condições de ocupação urbana, onde existisse, logicamente, um meio de transporte que é o "traço de união entre o habitat improvisado e a cidade, representada pelo trabalho" (12). Isso significa que a condição de dormitório, a possibilidade de se tornar proprietário foi um dos fatores



## TABELA Nº 19

## LOCAL DE NASCIMENTO

(Chefes de Família)

Minas Gerais	51	24%
Grande São Paulo	37	17%
Estado de São Paulo (*)	27	13%
Bahia	27	13%
Itaquaquetuba	17	8%
Pernambuco	15	7%
N.E.	13	6%
Outros Estados	7	3%
	<hr/>	<hr/>
	194	91%

## ESTRANGEIROS

Portugal	7	3,5%
Itália	2	1% (Total pesqui
Bolívia	1	0,5% sado 213 ques
	<hr/>	<hr/>
	10	5,0% tionários)
Sem informação	9	4,0%

(\*) - Exclusive os municípios da Grande São Paulo.

que levou essa população de migrantes a se instalar em Itaquaquecetuba.

"O forte desejo de propriedade, próprio da sociedade brasileira e as instabilidades da Lei de Inquilinato durante a fase aguda do processo de expansão da cidade, levaram os habitantes da Grande São Paulo a colocar a propriedade da casa como um fator prioritário de sua vida. Resultado: em São Paulo mais de 65% dos chefes de família são donos da casa onde moram e essa cifra alcança até os 80% em outras cidades da área metropolitana" (13).

A tabela 20 representa o fato: até 10 anos de residência 58% dos inqueridos; entre 11 e 20 anos, 28%; com mais de 20 anos, 14%.

Ao inquerir sobre o porque da escolha do local, a resposta era sempre semelhante: "aqui foi possível comprar e construir nossa casa".

Outras considerações foram catalogadas num quadro sobre "Tempo de residência nessa moradia" (nº 21) onde se verificou que 74% mora na mesma casa até 10 anos; 20% reside nela de 11 a 20 anos e apenas 6% permanece há mais de 20 anos na mesma residência.

Há uma predominância absoluta dos "novos" em Itaquaquecetuba e nos diversos bairros pesquisados. No começo da década de 60 Langenbuch escreve à respeito de Itaquaquecetuba "... lugar que apesar dos abundantes trens de subúrbio ainda não conheceu um desenvolvimento muito gran-

TABELA Nº 20

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

TEMPO DE RESIDÊNCIA EM ITAQUAQUECETUBA

- Chefes de Família -

		%
0 a 5 anos	73	34
6 a 10 anos	50	24
11 a 15 anos	35	16
16 a 20 anos	25	12
+ de 20 anos	30	14
<b>TOTAL</b>	<b>213</b>	<b>100</b>

TABELA Nº 21

TEMPO DE RESIDÊNCIA NESSA MORADIA

- Chefes de Família -

		%
0 a 5 anos	114	54
6 a 10 anos	43	20
11 a 15 anos	28	13
16 a 20 anos	15	7
+ de 20 anos	13	6
<b>TOTAL</b>	<b>213</b>	<b>100</b>

FONTE. 213 Questionários aplicados, fevereiro/1979.

de". Sem lugar a dúvidas a expulsão cada vez maior das populações menos favorecidas para a periferia, pelo valor exagerado que a terra adquiriu na cidade, valorizou Itaquaquecetuba em poucos anos, fazendo-a crescer aceleradamente. Por outra parte, deve-se considerar que está somente a 29 Km., por trem da Capital o que deve ter sido uma causa mais para a extravasão das populações da região Leste de São Paulo que vieram se instalar no Município.

Na tabela nº 22 analisamos justamente essa penúltima residência. Sob a denominação São Paulo (Capital) onde se encaixa 45% do total pesquisado encontramos justamente esses ex-moradores de São Miguel, Itaim, Itaquera, gente das pensões do Brás, Moóca, Belém, que conseguiram com suas economias, comprar seus lotes em Itaquaquecetuba.

Em segundo lugar de destaque vem Minas Gerais, com 13% do total, caindo portanto bastante a participação. As outras localidades não têm maior expressão no conjunto do papel desempenhado pela Capital.

Ao se intentar continuar a pesquisa nesta preocupação sobre a mobilidade da população foi feito um quadro (nº 23) analisando as pessoas que se ausentaram dos domicílios em forma definitiva. Separou-se os dados em sexo, motivo da ausência, lugar e tempo de abandono da residência.

Constatou-se que as mulheres (61%) se ausentaram mais que os homens (39%), principal motivo da ausência,

casamento (73%) e esse fato se deu nos últimos 5 anos onde a porcentagem representa 56%. Tal mudança nos parece um tanto natural, um desdobramento de domicílios por novas uniões. Outro motivo apontado é o trabalho, mas muito menos expressivo percentualmente que o primeiro assinalado. É de se notar que não se constata aqui, um fato que se sentiu em Cotia (14), por ocasião da pesquisa domiciliar: não houve um abandono numericamente representativo por um número de pessoas insatisfeitas pela falta de condições que oferecia o município 15 anos atrás. O percentual é bastante pequeno na relação total. Não chega a 10%.

O fato mais interessante nesta relação é que as mudanças observadas tiveram lugar predominantemente em Itaquaquecetuba e pelo motivo já assinalado - casamento - o que é normal nesta sociedade em que predomina a população jovem.

Na década de 60 o crescimento acelerado de Itaquaquecetuba é resultado de uma necessidade muito grande da força de trabalho encontrar lugar para residir. A respeito Langenbuch menciona uma série de "subúrbios especificamente residenciais": Itaquaquecetuba, Itaquera, Cidade São Mateus, Francisco Morato", onde a "função residencial passa a predominar ... nos quais a indústria é completamente desprezível" (15).

A partir de 1971 se localizam indústrias no município de Itaquaquecetuba, em áreas contíguas à Estrada Velha São Paulo-Rio. A razão de ali se estabelecerem é além

TABELA Nº 22

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

PENÚLTIMA RESIDÊNCIA

		§
SÃO PAULO (Capital)	97	45
GRANDE SÃO PAULO	23	11
ESTADO DE SÃO PAULO	21	10
MINAS GERAIS	28	13
NORDESTE	10	5
ITAQUAQUECETUBA	17	8
OUTROS	7	3
SEM INFORMAÇÃO	10	5
	213	100

FONTE. 213 Questionários aplicados.

TABELA Nº 23

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

Pessoas Ausentes do Domicílio

<b>Sexo</b>	<b>M</b>	<b>%</b>	<b>F</b>	<b>%</b>	<b>T</b>						
	29	39	46	61	75	100%					
<b>Motivo</b>	<b>Casamento</b>		<b>Trabalho</b>		<b>Acomodação</b>		<b>Outros</b>		<b>T</b>		
	55	68%	15	19%	7	9%	3	4%	80	100%	
<b>Lugar</b>	<b>São Paulo</b>		<b>Outros</b>		<b>T</b>						
	25	62,5%	15	37,5%	40	100%					
<b>Tempo</b>	<b>0 - 5 anos</b>		<b>6 a 10 anos</b>		<b>11 a 15 anos</b>		<b>15 a 20 anos</b>		<b>+ de 20 anos</b>		<b>T</b>
<b>Lugar</b>	42	56%	17	23%	9	12%	6	8%	1	1%	75 100%



do baixo preço da terra, o de encontrarem ali e nas zonas vizinhas, mão de obra abundante e barata. Este dinamismo a carretado pelas indústrias teria como corolário um aumento da população.

A presença desse pessoal novo na área despertou-nos o interesse de analisá-lo sob o aspecto demográfico. Com esse objetivo se fez a tabela nº 24 como também a pirâmide etária e por sexo resultante da pesquisa de campo (fig. 11).

A população total inquerida foi de 1.092 habitantes sendo 543 homens (51%) e 529 mulheres (49%).

Nesta pirâmide é importante destacar aqueles que em princípio podem participar da produção social. Essa parcela é denominada população válida (16): 391 (72%) masculinos e 380 (71%) femininos. Embora nas cidades seja mais difícil participar do processo de produção industrial ou de atividades comerciais e de prestação de serviço antes dos 14 ou 15 anos, de qualquer maneira se respeitará o critério de população válida.

Como o crescimento migratório e, decorrentemente, o vegetativo foi bastante elevado nestes últimos 15 anos em Itaquaquecetuba, observamos que as faixas etárias com maior número de pessoas são as de 16 a 20 anos e de 21 a 25 anos. Essas duas faixas dão um total de 106 homens (27%). Para as mulheres as faixas mais numerosas estão entre 11 a 20 anos somam 137 habitantes, 36% do total da população válida feminina.

TABELA N.º 24

## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## População

Homens		Mulheres	
0 - 5	71	0 - 5	62
6 - 10	66	6 - 10	76
11 - 15	84	11 - 15	72
16 - 20	55	16 - 20	65
21 - 25	51	21 - 25	49
26 - 30	48	26 - 30	53
31 - 35	41	31 - 35	48
36 - 40	34	36 - 40	27
41 - 45	23	41 - 45	29
46 - 50	31	46 - 50	21
51 - 55	12	51 - 55	8
56 - 60	12	56 - 60	8
61 - 70	12	61 - 70	6
71 - 80	3	71 - 80	5
+ de 80	0	+ de 80	0
	543		529
TOTAL - 1.092 Habitantes			

Fonte: 213 questionários. Fevereiro/1979.

TABELA Nº 24-A

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
Número de Pessoas por Domicílios

Ocorrência	Nº de domicílios	%	Nº de pessoas
1	9	4%	9
2	17	8%	34
3	27	13%	81
4	39	18%	156
5	40	19%	200
6	29	14%	174
7	20	9%	140
8	16	8%	128
9	7	3%	63
10	3	1%	30
11	-	-	-
12	4	2%	48
13	-	-	-
14	1	0,5%	14
15	1	0,5%	15
	213	100%	1.092

Média por domicílio - 5,13

Fonte: 213 Questionários. Fevereiro/1979.

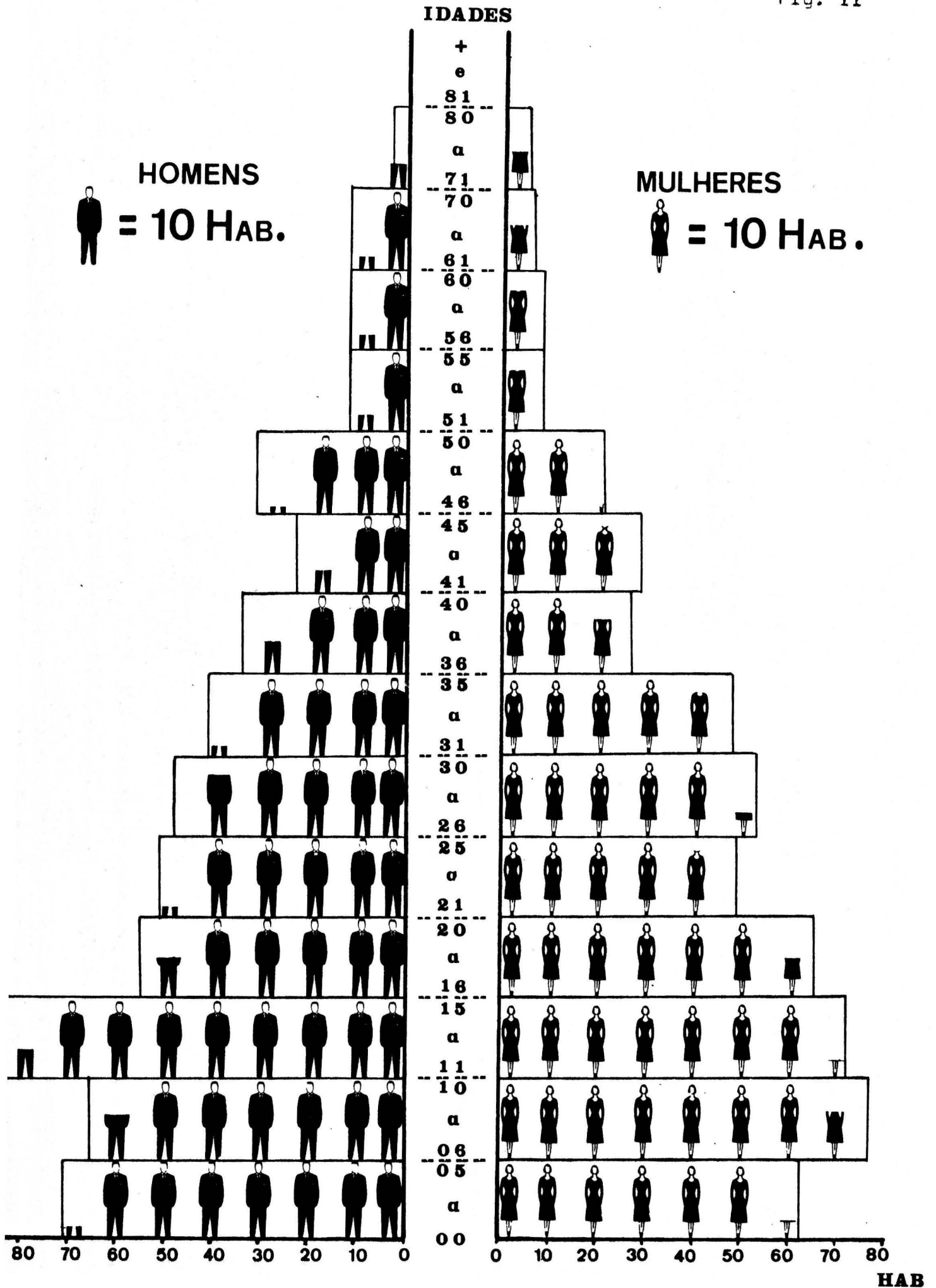
# MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA.

## POPULAÇÃO

FEV. 1979

FONTE: LEVANTAMENTO NO CAMPO (213 questionários).

Fig. 11



O fluxo migratório na Grande São Paulo foi de crescente segundo os diferentes censos (ver tabela nº 16); os índices de crescimento vegetativo estão sendo mais elevados; em consequência há uma proporção elevada de crianças na tabela mencionada: 137 meninos (25% da população total masculina) e 138 meninas (26% do total feminino).

Outro fato digno de ser destacado é o reduzido número de pessoas com mais de 60 anos: 15 homens (3%) e 11 mulheres (2%). Isto pode ser o resultado de uma grande presença de população migrante, pois sempre são os jovens os que saem em procura de novas oportunidades.

Considerando-se essa maioria de população jovem - característica da população brasileira em geral - teve-se o cuidado de fazer um quadro (nº 24-A) com o número de pessoas por domicílio. Verificou-se existir uma representação maior na faixa de 5 pessoas por domicílio (19%) seguido de 4 pessoas por domicílio (18%) e em terceiro lugar de 6 pessoas por domicílio (14%); dando em média 5,13 pessoas por domicílio. Essa média corresponde à família numerosa o que é também uma característica da Grande São Paulo, um remanescente de um modo de vida rural.

Complementando esta análise demográfica, baseada nos questionários, teríamos algumas considerações a fazer sobre o nível de instrução da população (tabela nº 25).

É de se notar não ser muito elevada a presença de analfabetos: apenas 7,4% para os homens e 8,4% para as mulheres.

TABELA Nº 25

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
Nível de Instrução

	H	%	M	%
Analfabetos	33	7,4	34	8,4
Primário Incompleto	193	43,2	172	42,5
Primário Completo	83	18,6	74	18,3
Ginásio Incompleto	56	12,5	71	17,5
Ginásio Completo	25	5,6	31	7,6
Colegial	20	4,5	11	2,7
Superior	22	4,9	8	2,0
Técnico	9	2,0	2	0,5
Mobral	6	1,3	2	0,5
TOTAL	447	100,0	405	100,0

Fonte: 213 Questionários. Fevereiro/1979.

Não devemos nos esquecer que a pirâmide etária é muito estreita no vértice e que a população mais jovem predominante no quadro demográfico de Itaquapecetuba tem mais oportunidade hoje de procurar instrução nas grandes cidades.

Por outro lado, tentou-se compreender o grande número dos que possuem o primário incompleto: 43,2% homens e 42,5% mulheres. Nesse item entram os que apenas sabem assinar seus nomes, ou mal conhecem algumas letras e que não podem ser denominados analfabetos mas que também não possuem maiores conhecimentos. Este fato visto sob o ponto de vista sócio-econômico é altamente negativo porque não é permitido a esses semi-analfabetos exigir nada além do que o mercado de trabalho possa oferecer.

Rosa Ester Rossini escreve: "Levando-se em conta que esses migrantes são analfabetos ou semi-analfabetos, sem qualificação profissional, portadores de doenças crônicas, fome endêmica, etc., conclui-se que certamente vem engrassar a população excedente urbana do Estado de São Paulo" (17).

O grau de instrução é, como já vimos, inversamente proporcional ao número de indivíduos colocados em diferentes níveis de educação.

Outra observação a fazer: na faixa do ginásio completo e incompleto há mais mulheres que homens: 7,6% de mulheres para 5,6% de homens no completo e 17,5 para 12,5%.

no incompleto. É a única faixa onde há um predomínio feminino.

Talvez as mesmas razões sobre o mercado de trabalho sejam válidas para explicar a diferença.

- A PENETRAÇÃO DA INDÚSTRIA

O crescimento demográfico é causa e ao mesmo tempo efeito do processo de aglutinação sofrido por Itaquaquetuba a partir da Metrôpole.

A população, como vimos, cresceu num ritmo acelerado nos últimos 15 anos, transformando Itaquaquetuba de um acanhado lugarejo que era para um movimentado município.

Essas mudanças radicais se efetivam a partir de 1970, coincidindo com a instalação da indústria na área estudada. A análise pormenorizada desse evento foi feita no capítulo I. Limitamo-nos aqui a estudar os efeitos ocorridos na população inquirida.

O processo de industrialização não se limita a algumas mudanças de técnicas de produção e, paralelamente, a uma maior diversificação de produtos. O fato mais relevante é a profunda transformação da divisão social do trabalho que acompanhou o processo "A aglomeração espacial da atividade industrial se deve à necessidade de utilização de uma mesma infra-estrutura de serviços especializados (energia, água, esgotos, transporte, comunicações, etc.) e às economias externas que decorrem da complementaridade entre os estabelecimentos industriais" (18). De outro lado, a instalação das indústrias se faz onde já existe uma certa expressão urbana e se torna um polo que tende a atrair popula



ções de áreas geralmente próximas. O crescimento demográfico da cidade é, assim mesmo, um elemento positivo de grande alcance para o próprio fato industrial.

A amostra, obtida por inquérito, da população que faz parte da Força de Trabalho, (19) num total dos 213 questionários que abrangeram as 1.092 pessoas foi feita para melhor compreendê-la, por setores de atividade. Assim procedemos por setor e lugar de trabalho, por setor e tipo de salários, tipo de salário e equipamento doméstico. Essa série de relações nos pareceu necessária para explicar o tipo de organização espacial que Itaquaquecetuba apresenta.

Para interpretar de maneira correta fez-se a distinção entre ocupados e desempregados; os que realmente participam na divisão social do trabalho e os que não encontram possibilidades de se inserir. Isolou-se também aquela faixa de população feminina que, por falta de uma infraestrutura de apoio que lhe possibilite engajar-se na atividade produtiva, não participa dessa divisão social. Talvez também, a inserção de grande parte das mulheres numa problemática de sociedade tradicional, em que o trabalho fora do lar é visto como pouco digno, seja um fator psicológico a se considerar.

A amostragem domiciliar acusou 391 homens e 380 mulheres (segundo pirâmide de população, fig. 11), que somam um total de 771 pessoas que formam a população válida ou seja potencialmente ativa.

Desse total de mulheres 380 (72%), 146 (38%) se declararam donas de casa ou possuidoras de "prendas domésticas", o que significa que 62% ou 234 pessoas participam do mercado de trabalho. Outro fato a considerar é que não se achou durante a pesquisa, mulheres que se considerem de sempregadas.

"É o desemprego, chamado "oculto" por não aparecer nas estatísticas, de enorme contingente de mulheres que não dispõem de emprego nem estudam, mas que, pró forma, desempenham atividade doméstica. É que a denominação de desempregado parece ser privilégio masculino em nossa sociedade. Mulher que não tem trabalho remunerado sempre arranja o que fazer em casa e, por isso, não se declara desocupada" (20).

Quanto aos 381 homens da população válida, devemos considerar 26 (6,6%) que estavam desempregados no momento da pesquisa, isto é, formavam parte do exército de reserva, ao qual o sistema econômico recorre quando acha necessário.

Aqui deve-se ter em conta também os aposenta-dos que representam 21 pessoas (5,4%) mas como o número de homens com mais de 60 anos é de 15 (3%), há 6 homens que, por problemas de saúde saíram da categoria de população vãlida e que representam 2%.

Quanto aos diferentes setores de Atividade e ao grau de participação da população residente em Itaquá -

quecetuba (segundo levantamento Pesquisa domiciliar), temos o que se segue:

SETOR PRIMÁRIO

I - Ligados à atividades primárias	nº	%	T	%
Agricultura	1	12,5		
Extração mineral	7	87,5	8	2,2

SETOR SECUNDÁRIO

II - Ligados à produção Industrial				
Operários sem qualificação	116	71		
Operários qualificados	47	29	163	45,3

SETOR TERCIÁRIO

III - Ligados ao Comércio	61	100	61	17,0
IV - Ligados à Prestação de Serviço				
Domésticas	10	45		
Enfermeiros e atendentes de hospital	3	14		
Serventes	6	27		
Outros	3	14	22	6,1
V - Ligados ao Transporte				
Motoristas	16	84		
Ferroviários e outros	6	16	19	5,3
VI . Ligados à gestão ou funcionalismo				
Funcionários públicos	12	70		
Professores	4	24		
Carteiros	1	6	17	4,7

	nº	%	T	%
VI - Ligados à atividade de administração				
Escriturários	20	87		
Bancários	3	13	23	6,4
VII - Ligados à Segurança				
Militares e Policiais	10	62		
Guardas e Vigias	6	38	16	4,4
VIII - Prestação de Serviços autônomos				
Pintores	9	33		
Mecânicos	3	11		
Técnicos eletricitistas e eletrônicos	4	15		
Cabelereiras e barbeiros	3	11		
Serralheiros	2	8		
Outros	6	22	27	7,5
IX - Outras Atividades	4	100	4	1,1
			360	100%
			TOTALS	

Nos dados antes expostos o setor primário não me rece maiores comentários. São as remanescentes que ficam das atividades tradicionais de Itaquaquecetuba: 1 agricultor, e os trabalhadores dos portos de areia ao longo do rio Tietê.

Quanto ao setor secundário, este realmente retrata as mudanças ocorridas no município. Embora a maioria da Fôrça de Trabalho não seja qualificada, não deixa ao menos de encontrar trabalho na sua área de residência. Mesmo

que as melhores oportunidades de emprego sejam criadas para os trabalhadores qualificados, a maior parte das empresas da Grande São Paulo apóia sua produção numa força de trabalho que não necessita aprendizagem demorada, mas apenas um adestramento rápido; Itaquaquecetuba não é exceção.

No setor terciário tem-se em primeiro lugar o pessoal que se acha ligado às atividades comerciais: comerciantes, comerciários, vendedores, balconistas, etc. que representam 17%.

Neste setor existe também um problema que poderia ser denominado de "desemprego oculto". Há uma porcentagem apreciável (que analisaremos numa outra tabela) de "trabalhadores de ocasião" (biscateiros), ambulantes de todo tipo (vendedores, reparadores) etc. (21) que praticam um comércio rudimentar mas que, no inquérito domiciliar se auto-denominam "comerciantes".

Quanto ao pessoal ligado a "Prestação de serviços" deve-se destacar em primeiro lugar as domésticas, com 53,0% seguido de enfermeiros e atendentes de hospital finalizando com serventes e outros, onde estão enquadradas atividades exercidas especialmente por homens: carregador, porteiro, garção, etc. 15,7%.

Outro serviço a destacar é o do pessoal ligado a atividade de administração onde há uma predominância de escriturários (87%) sobre os bancários (13%).

Também há uma boa parcela de pessoal empregado

nos transportes, motoristas, cobradores, maquinistas de trem, etc., que abrangem 12% do total do Terciário.

Foi destacada a "Prestação de Serviços Autônomos" porque é um pessoal que não mantém relações empregatícias; trabalha geralmente em seus próprios domicílios e tem uma expressão relativa dentro deste setor que se está analisando.

Na verdade o Terciário está mostrando o mesmo problema que o Secundário apresentou: uma predominância de atividades onde não se exija maior preparação, um nível de qualificação mais depurado. Isso também tem uma certa concordância com os dados já analisados na tabela do nível de instrução, na primeira parte deste capítulo.

Pode-se observar ainda que há uma inchação do terciário, uma terciarização da força de trabalho com subempregos que estão deturpando o fato real de uma população que ganha apenas para subsistir.

A tabela nº 26 permite analisar as possíveis mudanças ocorridas dentro dos diferentes setores de atividade. Inquiriu-se sobre a função que a população masculina desempenhava antes de chegar a Itaquaquecetuba e a que exerce agora. As mudanças não foram muito sensíveis. Na realidade, as únicas mais ou menos expressivas foram as alterações produzidas no setor primário, de 11 pessoas que havia (3,6%) a apenas 4 (1,3%) se conservam dentro desse setor. No setor secundário só 3 pessoas (1,0%) mudaram deste para o primário -

TABELA Nº 26

## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## - Mudança de Atividade -

	Masculino	%
Primário para primário	4	1,3
Primário para secundário	3	1,0
Primário para terciário	4	1,3
Secundário para primário	3	1,0
Secundário para secundário	100	32,6
Secundário para terciário	6	2,0
Terciário para primário	0	-
Terciário para secundário	6	2,0
Terciário para terciário	122	39,7
Sem atividade para primário	1	0,3
Sem atividade para secundário	17	5,5
Sem atividade para terciário	17	5,5
Primário para sem atividade	1	0,3
Secundário para sem atividade	8	2,6
Terciário para sem atividade	12	3,9
Pensionistas	3	1,0
	307	100,0
	Feminino	
Secundário para secundário	26	26,8
Secundário para terciário	1	1,0
Terciário para secundário	2	2,1
Terciário para terciário	32	33,0
Sem atividade para secundário	8	8,2
Sem atividade para terciário	12	12,4
Secundário para sem atividade	9	9,3
Terciário para sem atividade	4	4,1
Pensionistas	3	3,1
	97	100,0

FONTE: 213 Questionários aplicados. Fevereiro/1979.

rio. Trata-se de um pessoal que trabalha nos portos de areia, atividade já sem muita expressão em Itaquaquetuba.

Sob o rótulo "sem atividade para o primário, secundário e terciário" foram considerados aqueles elementos que estão entrando no mercado de trabalho. Da mesma forma, no ítem referente aos que passaram do primário, secundário ou terciário para os não ativos são colocados aqueles que deixaram de participar do processo produtivo.

Dentro da população feminina não houve grandes mudanças; o setor mais expressivo é o "terciário para terciário" 32 (33,0%) - da mesma forma que o masculino: 122 (39,7%).

Semelhantes aos índices assinalados para o setor masculino é o ítem classificado como "Sem atividade para o secundário ou Terciário" e ao ítem "Secundário ou Terciário para sem atividade produtiva" em que se enquadram as mulheres que tiveram que abandonar o trabalho por "exigência" do casamento.

Na tabela que se segue, de nº 27 faz-se uma relação Grupo de Atividade - Local de trabalho, de onde podemos extrair os comentários que se seguem:

1º) - É de destacar que a maioria quase absoluta 179, correspondendo a 49,5% trabalha na própria Itaquaquetuba, havendo um leve predomínio no setor terciário, (50,0%), seguido pelo secundário (45,5%) e depois o primário (4,5%). Dentro do terciário se destaca o grupo ligado



RELAÇÃO TIPO DE ATIVIDADE - LOCAL DE TRABALHO

Local						Local														
Atividade	Itaquaq.	%	S.P.	%	Gde.S.P.	%	Mogi	%	Outros	Atividade	Itaquaq.	%	S.P.	%	Gde.S.P.	%	Mogi	%	Outros	%
Primários	8	100								Terciários	90	100	79	100	11	100	6	100	3	100
Agricultura	1	12,5								Motorista	5	5,56	11	13,92	1	9,09				
Porto de Areia	7	87,5								Escriturários	13	14,45	5	6,31	2	18,18				
Secundários	80	100	63	100	19	100	1	100		Militar	1	1,11	5	6,31			3	50	1	33,33
Operário	60	75	46	73	10	52,64				Bancários	2	2,22	1	1,27			1	16,67	1	33,33
Mecânico	4	5	2	3,17	3	15,80				Comerciantes	10	11,11	6	7,59	1	9,09				
Marceneiro	4	5	0		1	5,26				Func. Público	9	10,00	3	3,80						
Carpinteiro										3	3,33			1	9,09					
Enc. Expedição										0	0			1	5,26					
Mestre (pad.)	0		1	1,59	1	5,26				Eletricista										
Polidor	0		1	1,59						Tec. Eletrônica	1	1,11	3	3,80						
Almoxarife	1	1,25	0							Mecânico	1	1,11	1	1,27	1	9,09				
Montador	0		1	1,59						Contador	2	2,22	1	1,27						
Costureira	1	1,25	3	4,76						Doméstica	4	4,44	5	6,31	1	9,09				
Soldador	0		1	1,59						Comerciante	10	11,11	17	21,52	1	9,09			1	33,33
Construtor	0		1	1,59						Maquinista										
Rebarbador	0		1	1,59						Cobrador	3	3,33	3	3,80						
Torneiro Mec.	2	2,5	1	1,59						Funileiro (Sabesp)			1	1,27						
Enc. Almoxarife	1	1,25	0							Polidor Autos	2	2,22	1	1,27						
Faturista	0		1	1,59						Artista			1	1,27						
Enc. Produção	0		1	1,59						Servente	3	3,33	3	3,80						
Fundidor	0		2	3,17						Vigilante							2	33,33		
Químico	0						1	100		Guarda Noturno	1	1,11	3	3,80						
Contra-Mestre	1	1,25								Sup. Hotel			1	1,27						
Técnico	1	1,25								Advogado	1	1,11								
Industrial	4	5,0								Encanador	1	1,11								
Fresador	0				1	5,26				Carteiro	1	1,11								
Prensista	0				1	5,26				Pintor	7	7,78	1	1,27						
Plainador	0		1	1,59						Sapateiro	1	1,11								
Tapeceiro	1	1,25			1	5,26				Office Boy			3	3,80						
										Atend. Hospital			2	2,53						
										Serralheiro	2	2,22								
										Carregador			1	1,27						
										Cabelereiro/Barb.	3	3,33								
										Porteiro	1	1,11								
										Carreteiro	2	2,22								
										Op. Cinema			1	1,27						
										Corret. Imóveis	1	1,11								
TOTAL	80	49,10	63	38,60	19	11,07	1	0,60			90	47,60	79	41,80	11	5,80	6	3,2	3	1,60

TOTAL GERAL 360

às atividades comerciais já assinaladas anteriormente. Em seguida vem a prestação de serviços em geral, que evidencia Itaquaquetuba inserida na realidade da Grande São Paulo. Igualmente, dentro do secundário há um maior número dos operários não qualificados, mostrando justamente o fato de que Itaquaquetuba se comporta como reservatório de força de trabalho, pouco preparada e, conseqüentemente, barata.

29) - O segundo lugar de destaque é para São Paulo - cidade. Isso significa dizer que se estende desde Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Guaianazes até Brás, Moóca, Tatuapé. Em outras palavras é o eixo servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil: uma população que se desloca em função do trem suburbano e que ainda se apega aos resquícios do "dormitório", herdado de uma década anterior. Neste caso há um predomínio do secundário, especialmente operários que trabalham nas indústrias remanescentes da Capital. Segue-se o pessoal ligado a um terciário sem muitas exigências: comerciários, prestação de serviços em geral.

39) - A influência de Mogí e da Grande São Paulo é realmente baixa (4% no total), o que significa o poder absoluto que exerce a Capital de São Paulo no município, provavelmente pela maior facilidade de comunicações.

Na tabela seguinte, (nº 28) relação setor de atividade - faixa salarial podemos fazer as verificações correspondentes:

TABELA Nº 28

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
 RELAÇÃO FAIXAS SALARIAIS - TIPOS DE ATIVIDADE

Classes de salários	Primário Agric., Pecuária, Silvíc. Extrat. Ligados a atividade primária			Secundário Ligados a atividade Industrial			Terciário Ligados ao comércio de merc.			Terciário Ligados a atividade Adm. e Financeiras			Terciário Ligados a prestação de Serviços			Terciário Transporte, Comu- nicação			Terciário Adm. Pública justiça e segurança			Terciário Profissões Liberais.			Terciário Autônomos			Condição Inativos Aposentados e Pensionistas				
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T		
menos de 1 salário				5 100%		5 3,1%	2 22,2%	7 77,8%	9 14,7%	2 100%		2 8,7%	4 66,7%	2 33,3%	6 14,3%	1 100%			1 4%										7 53,8%	6 46,2%	13 39,4%	
1 salário	1 100%	—	1 12,5%	41 75%	14 25%	55 33,8%	2 50%	2 50%	4 6,6%	1 100%		1 4,3%					1 100%			1 4%										4 100%		4 12,1%
Até 2 salários	5 100%	—	5 62,5%	33 65%	18 35%	51 31,3%	10 66,7%	5 33,3%	15 24,6%	6 50%	6 50%	12 52,2%	12 48%	13 52%	25 59,5%	5 100%			5 20%	3 100%		3 12%				1 100%	1 3,0%	4 44,4%	5 55,6%	9 27,3%		
De 2 até 3 salários	2 100%	—	2 25%	7 64%	4 36%	11 6,7%	2 50%	2 50%	4 6,6%	1 100%	1 4,3%	4 100%			4 9,5%	6 100%			6 24%	2 66,7%	1 33,3%	3 12%				1 50%	1 50%	2 18,2%	3 100%		3 9,1%	
De 3 a 4 salários				21 100%		21 12,9%	5 100%	—	5 8,2%	2 100%		2 8,7%	3 75%	1 25%	4 9,5%	4 100%			4 16%	2 50%	2 50%	4 16%				3 100%		3 27,3%	2 100%		2 6,1%	
De 4 a 5 salários				5 100%		5 3,1%	2 100%	—	2 3,3%				1 100%		1 2,4%	1 100%			1 4%	2 100%		2 8%										
De 5 a 7 salários				11 100%		11 6,7%	3 100%	—	3 4,9%	3 100%	3 13,1%	2 100%			2 4,8%	2 100%			2 8%	9 100%		9 36%	1 100%	1 50%	3 100%	3 27,3%		1 100%		1 3,0%		
De 7 a 10 salários				1 100%		1 0,6%	8 80%	2 20%	10 16,4%							3 100%			3 12%	—	1 100%	1 4%							1 100%		1 3,0%	
Mais de 10 salários				3 100%		3 1,8%	8 88,9%	1 11,1%	9 14,7%	2 100%	2 8,7%				2 100%				2 8%	3 100%		3 12%	1 100%		1 50%	2 100%		2 18,2%				
			8 100%			163 100%			61 100%		23 100%			42 100%			25 100%			25 100%			2 100%			11 100%			33 100%			

Fonte: 213 Questionários aplicados em fevereiro de 1979.

I - No setor primário há só 8 pessoas, 1 homem (12,5%) dedicado à lavoura e 7 (87,5%) homens na atividade extrativa. Do ponto de vista salarial, nenhum deles ganha acima dos 3 salários mínimos (22). Estas são atividades que têm uma remuneração muito baixa.

II - No setor secundário, 41 homens ligados à atividade industrial (75%) e 14 mulheres (25%) percebem um salário mínimo. Até 2 salários temos 33 homens (65%) e 18 mulheres (35%), sendo que a partir dos 3 salários já não há mais representação do sexo feminino. Em relação ao sexo masculino também, seu número vai diminuindo de tal forma, que a partir da faixa de 7 salários só há 1 e acima de 10 salários mínimos 3 do total das 161 pessoas que trabalham neste setor de atividades. Esses dados apresentam uma realidade bastante crua: por um lado o baixo nível de qualificação operária já comentado; por outro, nessa força humana de trabalho, a mulher ainda ocupa os lugares de rendimentos inferiores. É muito raro (quase nenhum caso na pesquisa) que mulheres ocupem lugares de chefia ou mais especializados. Mesmo na indústria têxtil, considerada como o reduto das mulheres operárias, o cargo mais alto atingido é o de escriturária, portanto na parte administrativa e não técnica da empresa.

III - Com relação ao setor terciário pode-se ter os seguintes comentários:

No comércio de mercadorias também há uma predominância de pessoas até a faixa de 2 salários, formada por

aqueles "comerciantes" a domicílio (vendedores de roupa, de verduras), e comerciários que em geral são balconistas, ou ajudantes de bar, ou de outros tipos de comércio "menor". Nessa faixa em que está 24,6% do total do pessoal ligado ao comércio, os homens constituem 66,7% e as mulheres 33,3%. On de as mulheres formam o maior número dentro de todo o setor comercial é na faixa de menos de um salário, que representa 14,7% do total. E ali elas perfazem 77,8% desse total.

Na medida que aumentam os salários a presença fe minina diminui até se ausentar por completo nas faixas de 3 a 4 até 7 a 10 salários, onde reaparece com uma participação de 20% e 11,1% na de rendimentos maiores a 10 salários. A participação maior do sexo masculino nestas faixas se deve aos comerciantes e esse tipo de atividade geralmente está nas mãos dos homens. As poucas mulheres aqui enquadradas foram as que assumiram os negócios por viuvez ou entram em co-participação com os maridos. Também entraram nesta classificação alguns representantes de firmas comerciais de São Paulo ou vendedores atacadistas.

Dentro do terciário outra categoria da grande re apresentação é a "Ligados à Prestação de Serviços". Nesta se fez divisão entre a "Prestação de Serviços Autônomos" e as que mantêm relações de trabalho. Nesta segunda há maior participação da população inquirida em Itaquaquecetuba. Cons tatamos 42 pessoas sendo que as mulheres formam 38% do setor cabendo aos homens os restantes 62%. Aqui também os sa

lários são muito baixos, chegando o máximo até a faixa de 5 a 7 salários mínimos, com 4,8% do total representado por garçons e outros empregados de hotéis.

O grosso da população (59,5%) está inserida na faixa de até dois salários sendo 48% de homens e 52% de mulheres. É nessa faixa que se localizam os faxineiros de prédios, como os de escritórios, carregadores, porteiros, e as domésticas em geral. Os da faixa salarial com menos de um salário mínimo - 14,3% do total - em geral são empregados domésticos ou de firmas, menores de idade.

Na "Prestação de Serviço Autônomo" 11 pessoas há também uma marcada presença masculina (82%) e os níveis de rendimento são um pouco superiores aos já relacionados. Na tabela, esse pessoal se coloca entre os de 4 salários e até mais de 10. Nos ligados ao "Transporte e Comunicação" há um total de 25 pessoas. Nesta categoria enquadram-se os que trabalham na Estrada de Ferro Central do Brasil e o pessoal que é motorista ou cobrador de ônibus em São Paulo ou Grande São Paulo. Aqui também o maior número se encontra entre as faixas de até 2 salários - 20%; de 2 a 3 - 24% e de 3 a 4 - 16%. Não haveria necessidade de dizer que é uma atividade exclusivamente masculina.

Os que trabalham na "Administração Pública, Jurídica e Segurança" representam 25 pessoas, também com predomínio do elemento masculino (84%) sobre o feminino (16%). As mulheres são as professoras, tanto primárias como secundárias e estão nas faixas de 3 a 10 salários mínimos. Só faz exce -

ção a auxiliar de Assistência Social que trabalha na Prefeitura.

Para os homens, os salários maiores correspondem aos níveis superiores da Prefeitura e os inferiores ao pessoal que trabalha ligado à gestão pública, em São Paulo ou na própria Itaquaquecetuba. Também aqui enquadram-se os ligados à segurança particular e os militares, estando estes últimos entre 7 e 10 salários mínimos e os primeiros, entre 2 e 3 salários.

Finalmente, algumas considerações gerais para os dois setores, Secundário e Terciário que são os realmente significativos:

Com o desenvolvimento da economia, criaram-se os empregos qualificados, mas a nossa característica espelha outra realidade: é a mão de obra de baixa qualificação a que prevalece "... fruto de uma tecnologia e de uma organização do trabalho que requerem, principalmente, gestos repetitivos, atenção concentrada e dispêndio de força física". (23).

Os empregos "destinados" às mulheres são em geral menos remunerados e com predomínio no setor terciário: serviço doméstico, enfermagem, ensino primário, trabalho de escritório, etc., classificados de forma geral, na prestação de serviço. No setor secundário elas constituem parte da força de trabalho nas indústrias menos sofisticadas e com tecnologia mais pobre.

"Verifica-se por outra parte que, quando as mulheres vão conquistando lugares de trabalho em determinada atividade, esta vai-se tornando "feminina", com a consequente expulsão dos homens ... É como se os homens não pudessem suportar a competição feminina, desertando do campo, tão logo um grupo numeroso de mulheres nêle firma o pé" (24). Na verdade o que existe é uma incapacidade masculina de subsistir com os baixos salários pagos à mão-de-obra feminina.

Por último, na análise da tabela nº 28, não se pode deixar de considerar as pessoas catalogadas sob "Condições Inativas, Aposentados e Pensionistas". Na pesquisa elas constituíam um grupo de 33 pessoas, sendo 11 mulheres (33%) e 22 homens (67%). O maior número está na faixa de até 1 salário com 39,4% do total, seguido de até 2 salários, com 27,3%. Na medida que as faixas de rendimento aumentam, o número de indivíduos que possam atingí-las diminui abruptamente para 3,0% (acima de 7 salários).

Não se pode imaginar que essa população se retirou da vida ativa e consegue viver com os valores acima mencionados, mesmo porque é difícil para a grande maioria dos trabalhadores acumular economias necessárias para a velhice. Além do mais, engrossa as filas dessa categoria pessoal que, por acidentes de trabalho ou por problemas de saúde se retirou muito jovem da atividade produtiva. Esse é um outro problema que existe num país como o nosso, com excedente de força de trabalho onde não se poupa os indivíduos. Bem ao



contrário se usa abusivamente dela, porque existe uma grande quantidade de população jovem para substituí-la, com pequenas exigências econômicas.

A distribuição da população no espaço imprime nele a condição sócio-econômica de seus habitantes. As diferentes maneiras de como essa população se adapta à organização do território na Metrôpole estão ligadas às formas de produção e à distribuição da riqueza. A grande maioria da população da "periferia" de São Paulo - entre ela Itaquaquecetuba - está constituída de trabalhadores assalariados e seus familiares. Para esse pessoal - majoritariamente migrante de outros Estados ou das áreas rurais - a cidade é uma experiência cheia de perplexidade, "uma aventura cotidiana incompreendida" (25).

Para que atinjam o tão ambicionado estilo de vida "metropolitano", os sacrifícios alí deixados não têm limite: perda de uma série ilimitada de valores que possuíam e a que tiveram que renunciar em prol de se tornarem cidadãos. Sacrificam-se horas e horas no deslocamento, em distâncias cada vez maiores, para atingir o trabalho; sacrificam a saúde, sacrificam a alimentação, sacrificam o pouco que possuem para conseguir morar na Metrôpole. Esse impacto "atinge não somente os recém-chegados ... mas também as faixas populacionais de renda mais baixa, esta a questão designada por "Cultura da Pobreza": estilos de vida que decorrem de níveis econômicos precários e de padrões sociais deficientes, para enfrentar os desafios da cidade" (26).

Itaquaquecetuba não foge ao contexto da periferia da Grande São Paulo. Da constatação "in situ" por meio dos inquéritos realizados pudemos obter os seguintes dados:

Níveis de Salário	Total de pessoas	%
Baixos (até 2 salários mínimos)	227	58%
Médios (até 5 salários mínimos)	92	23%
Altos (mais de 5 salários mínimos)	73	19%
TOTAL	392	100%(27)

O total da pesquisa abrangeu 1.092 pessoas e o salário mínimo da época era Cr\$ 1.560,00.

Considerando que mais da metade dos pesquisados percebe uma renda que chega até 2 salários e 81% até 5 salários, pode-se considerar Itaquaquecetuba um município com uma população de pobres. Uma população de operários e trabalhadores que mal ganha para subsistir.

Como a primeira e maior preocupação do migrante é onde morar e sua receita mensal não lhe permite pensar muito em pensões nem aluguéis, ele é expulso para a periferia onde os preços dos terrenos podem lhe ser mais acessíveis. Assim, ele chega à Itaquaquecetuba como chegou antes a São Bernardo ou à Diadema ou à Cotia ou a qualquer município da Grande São Paulo "... distante dos locais de trabalho, avolumam-se conjuntos de barracos e casas precárias, verdadeiros acampamentos desprovidos do mínimo de infra-estrutura" (28). Essas "casas próprias" da periferia, mal acabadas e

apenas com as mínimas condições de habitabilidade consti - tuem a forma que conseguiu a "lógica especulativa dos lotea - mentos" para fixar a grande parte da população trabalhadora.

Nesse sentido a pesquisa permitiu chegar aos se - guintes dados:

Níveis de renda familiar	casa própria	% relação ao total da Pesquisa	% total dos proprietários
Baixos (até 2 salários mínimos)	40	18,77	26,0
Médios (até 5 salários mínimos)	64	30,00	40,8
Altos (mais de 5 salários mínimos)	52	24,00	33,2
TOTAL	157	73,77	100,0

Total da pesquisa: 213 questionários.

Do total de 213 domicílios, os 157 proprietários representam 73,77%, dos quais 40,8% são constituídos pelos de níveis de renda familiar de 2 até 5 salários mínimos. Os denominados "Altos" estão com uma porcentagem de 33,2% e os "Baixos", 26,0%. Tem-se a impressão de que nos níveis mais altos não há tanta preocupação de moradia e essa aspiração é substituída por outros elementos da sociedade de consumo, na qual eles se sentem mais inseridos.

Na tabela nº 29, há uma relação de níveis de sa - lário familiar - equipamento doméstico.

Esta classificação em baixos, médios e altos é puramente ilustrativa, não tendo qualquer base teórica re -

## MUNICÍPIO DE ITAQUASEMA

LA Nº 29

## NÍVEIS SALARIAIS – EQUIPAMENTOS ELETRODOMÉSTICOS

	FOGÃO	%	FERRO	%	RÁDIO	%	TV	%	GELADEIRA	%	VITROLA	%	CARRO	%	OUTROS	%	TELEFONE	%
salários mínimos)	54	27%	40	22%	38	22%	36	21%	27	19%	3	6%	–		25	20%	–	
salários mínimos)	82	42%	76	43%	72	41%	74	43%	59	41%	16	30%	7	18%	52	40%	3	12%
5 salários mínimos)	62	31%	62	35%	64	37%	62	36%	57	40%	34	64%	32	82%	53	40%	23	81%
	198	100%	180	100%	174	100%	172	100%	143	100%	53	100%	39	100%	130	100%	26	100%

questionários aplicados em fevereiro de 1979.

ferente à divisão em classes sociais. É fruto da experiência adquirida no campo da pesquisa. A tabela construída mostra como há uma certa mudança nos hábitos da população. Até as camadas mais pobres já introduziram certos equipamentos eletro-eletrônicos em seu acervo de uso diário, embora a custa de sacrifícios da ordem de alimentos ou vestuário. A TV e a geladeira na categoria denominada de "baixos" são elementos que dão a idéia de como já constituem parte das "necessidades" da população. Isso é tanto mais válido quanto mais aumentam os níveis salariais.

Nas categorias "médios" e "altos" aparecem o carro e o telefone, além de aparelhos incluídos na categoria de "outros", alguns mais simples como liquidificadores, batedeira, máquina de costura, até mais sofisticados como "secador de cabelo", barbeador elétrico, dando o significado da total integração na sociedade que os circunda.

Numa pesquisa feita pela Prefeitura de São Paulo, sobre a "Distribuição dos Gastos Familiares" (Periferia de São Paulo) obteve-se a seguinte relação:

PORCENTAGEM DE INFORMANTES

	De Renda Baixa	De renda média baixa
Alimentação	83,5%	82,9%
Moradia	5,7%	5,3%
Remédios	6,5%	1,8%
Transporte	0,3%	0,6%
Outros	4,0%	9,4%
	<hr/>	<hr/>
	100,0%	100,0%

Na Grande São Paulo, a situação apresenta sintomas piores. Embora essa população gaste a maior porcentagem de seu ordenado na alimentação, ainda assim consegue adquirir aparelhos eletrodomésticos. Isso porque sacrifica um pouco mais os itens discriminados acima. A sociedade de consumo encontra mais uma maneira de explorá-los, em "suaves prestações mensais".

Na verdade, do ponto de vista individual, a cidade representa uma série de oportunidades que podem trazer melhoria nas condições de vida. Visto sob o ponto de vista coletivo, o desenvolvimento econômico de São Paulo vem significando uma perpetuação das desigualdades existentes. "Para o capital a cidade é fonte de lucro; para os trabalhadores, é uma forma de existência" (29).

NOTAS DO CAPÍTULO III

- (1) - DENIS, Pierre: "O Brasil no século XX", Lisboa, Antiga Casa Bertrand - José Bastos e C.<sup>a</sup> Editores, s/d., p. 146.
- (2) - SINGER, P.: "Urbanização e Desenvolvimento: O caso de São Paulo", Brasiliense - CEBRAP, São Paulo, 1975, p. 121.
- (3) - LANGENBUCH, Op. cit., p. 178.
- (4) - Idem, p. 180.
- (5) - VIOTTI, Emilia Costa - "Cotia e Itapeçerica da Serra, Subúrbios Agrícolas". Em: "A Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana", Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1958, Tomo IV, p. 137.
- (6) - AZEVEDO, A.: "Itaquera e Poá, subúrbios residenciais", Em: "A Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana, p. 156. A.G.B., Editora Nacional, São Paulo, Vol. IV.
- (7) - AZEVEDO, A.: Op. cit., p. 155.
- (8) - AZEVEDO, A.: Op. cit., p. 161.
- (9) - SINGER, P.: "Urbanização e Desenvolvimento... p. 129.

- (10) - Estimativa dada no SUMÁRIO DE DADOS DA GRANDE SÃO PAULO, 78, Secretaria dos Negócios Metropolitanos - EMPLASA, São Paulo, 1979.
- (11) - ROSSINI, Rosa Ester: "Contribuição ao Estudo do Êxodo Rural no Estado de São Paulo". Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H. da U.S.P., São Paulo, 1975, ex. mimeografado, p. 10.
- (12) - Secretaria de Economia e Planejamento GEGRAN, "Recursos Humanos na Grande São Paulo, p. 9.
- (13) - Idem, pág. 8.
- (14) - LEMOS, Amália Inês Geraiges de: "Cotia, e sua participação na faixa periférica da Metrôpole Paulista".
- (15) - LANGENBUCH, Op. cit., p. 270.
- (16) - Conceito utilizado por SINGER, Paul em "Recursos Humanos da Grande São Paulo", p. 132, é equivalente a População Ativa, critério adotado pelo IBGE a partir de 1950 e que foi tomado das Nações Unidas. Estes conceitos confundem-se com o de força-de-trabalho. Os Censos Brasileiros consideram população válida a partir dos 10 anos.
- (17) - ROSSINI, R.E.: Op. cit., p. 110.



- (18) - SINGER, P.: Op. cit., pg. 32.
- (19) - Fôrça de Trabalho: "aquela parte da população valida que realmente tem disponibilidade para participar da produção social". SINGER, P. e outros: "Força de trabalho e emprego". in: Recursos Humanos da Grande São Paulo ...
- (20) - CAMARGO, C.P.F.: "São Paulo, 1975, Crescimento e Pobreza, Edições Loyola, São Paulo, p. 81.
- (21) - SINGER, P.\_ "Migrações internas: considerações teori cas sobre o seu estudo". Em: Economia Política da Urbanização, CEBRAP, Brasiliense, São Paulo, 1975,p. 58.
- (22) - Na época da pesquisa Cr\$. 1.560,00, fevereiro de 1979.
- (23) - CAMARGO, C.P.F. de, e outros: "São Paulo, 1975, Crescimento e Pobreza" ..., pág. 94.
- (24) - Idem, p. 87.
- (25) - SINGER, P.: "Recursos Humanos, ... p. 3.
- (26) - Idem, idem.
- (27) - A distribuição da renda na Grande São Paulo é a seguinte:

até 1 salário mínimo	19,05%	FONTE: PNAD-Regiões Metropolitanas, 4º trimestre, 1971-72, Rio de Janeiro, IBGE.
de 1 a 2 salários mínimos	35,63%	
de 2 a 5 salários mínimos	30,28%	
mais de 5 salários mínimos	15,05%	

(28) - CAMARGO, C.P.F. de e outros: São Paulo, 1975, Crescimento e Pobreza, p. 39.

(29) - Idem, p. 61.

ITAQUAQUECETUBA ENTRA NO SISTEMA DE ACUMULAÇÃO

## CAPÍTULO IV

### ITAQUAQUECETUBA ENTRA NO SISTEMA DE ACUMULAÇÃO

#### - SATÉLITE DE UM SISTEMA MAIS AMPLO DA ECONOMIA DE MERCADO

A formação de um mercado nacional após 1930, iniciou um processo que ainda não está terminado. A instala - ção de uma "zona de produção a menores custos" permitiu que as indústrias originadas em São Paulo e Rio, não só se afir - massen como dessem ainda margem "à crescente concentraçãoin - dustrial naquela zona" (1). Isso equivale a dizer, que as indústrias paulistas e cariocas tomam impulso também pela absorção da produção pelo resto do país, e não estão limita - das somente a seu mercado regional.

Em linhas gerais, quase que paralelamente houve um crescimento urbano muito grande acompanhando o desenvol - vimento industrial, especialmente a partir de 1940.

Juarez Brandão, assim se manifesta: "É que se está constituindo, com o mercado nacional, um sistema indus - trial, tornando não só intimamente solidárias as mais dis - persas partes da sociedade, como também irradiando por tôda ela um modo de vida urbano criado nas metrópoles ..." (2).

Esse processo de urbanizaçãø acelerado foi a resposta da população ao crescimento da economia brasileira

onde ela mais se concentra: as Metrôpoles do Sudeste. É evidente que a oferta de mão-de-obra se desloque para onde mais necessidade dela exista. Os fluxos migratórios demandavam portanto São Paulo e Rio, que passaram a concentrar o capital e a força de trabalho.

Eva Blay se expressa: "Enquanto emergem cidades absorvedoras de capital e trabalho, saturam-se outras, a maioria pela acumulação de força de trabalho sem uma concomitante geração de novas formas de produção ou de ampla distribuição de renda. A urbanização é feita à custa do baixo preço pago pela força de trabalho e conseqüente crescimento do capital ampliado" (3).

São Paulo, por uma série de fatores, entre os quais deve ser considerado o papel desempenhado pela cultura cafeeira se torna o centro de acumulação do Brasil, em detrimento de outras áreas do país.

"Ao lado da transferência direta de recursos para investimentos, uma outra fonte de concentração é proporcionada pela própria posição privilegiada da economia paulista na divisão regional do trabalho" (4). A localização em São Paulo das maiores empresas do País e que tendem a crescer cada vez mais, acumulam sem cessar mais recursos em São Paulo.

A concentração num determinado espaço de atividades industriais e comerciais, assim como a de toda classe de "serviços", é altamente vantajosa para o sistema econômi

co, uma vez que diminua os custos de produção. A esse propósito escreve Milton Santos "... No que diz respeito aos países sub-desenvolvidos são exatamente as grandes empresas mesmo recentes, que para serem rentáveis, devem instalar-se nas regiões metropolitanas onde, ao lado das infra-estruturas econômicas e sociais das economias de escala e das facilidades de comunicação à distância e interpessoal, a presença de uma mão-de-obra barata é um encorajamento a mais"(5)

É de se notar, entretanto que se as cidades, especialmente as metrópoles, possuem maiores condições de acumular e reproduzir o capital, elas não usufruem da total vantagem que este processo possa acarretar. Comportam-se apenas como bacias de drenagem para um nível superior de metrópoles internacionais, das quais dependem.

Num outro trabalho de Milton Santos, ele faz a seguinte reflexão: "Se a cidade tem sempre um poder de atração sobre o excedente engendrado no conjunto do território, ela não o faz por sua própria conta, nem para o reter, mas funciona antes de tudo como um elo do sistema econômico e financeiro mundial" (6). Isso significa que a Metrôpole, em última instância, retém aquilo que lhe permite atuar como "elo".

Em decorrência então, a organização do espaço da área metropolitana se faz, levando em consideração todos os processos do modo de produção dominante: a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo.

O processo de metropolização de São Paulo, implica numa série de episódios que justamente ressaltam esses diversos momentos do modo de produção, valorizando áreas que lhe interessam em diferentes etapas desse processo.

"A metropolização - escreve Lysia Bernardes - implica uma retração nos usos e nas formas de produção tradicionais e a expansão de outros usos - residenciais, industriais e de lazer - que geram nas áreas periféricas das grandes aglomerações nova estrutura de produção e novos fluxos, de capitais, bens e pessoas, traduzindo a integração econômica com o núcleo central" (7).

O processo de valorização dessas áreas periféricas da Grande São Paulo se dá como consequência da localização de uma série de "usos do solo" que o núcleo central da cidade não é mais capaz de comportar. Nessa "expulsão" de atividades, o centro metropolitano concentra um feixe complexo de serviços - tanto de controle, como religiosos, financeiros, sindicais, de informação, de necessidades da população, etc., - deixando para a periferia a localização do processo industrial e outras formas de uso que a acompanham.

Uma série de fatores fazem impossível a instalação dessas "formas de uso": (a localização industrial e bairros operários). Penteado destaca "o aumento dos impostos territoriais, o aumento da população da Capital e o aumento e desenvolvimento do parque industrial paulista" (8). Acrescentaria que, com o valor adquirido pela terra na cida

de, essa massa de população que demandava São Paulo não teve outra alternativa para se localizar que a periferia da Metrópole. Embora alí a especulação imobiliária seja altamente explodora e abusiva, o poder aquisitivo dessa gente de menores recursos ainda permite instalar-se nessas áreas.

As indústrias também precisam terrenos extensos e baratos, assim como força de trabalho, e é na periferia que essa conjugação se realiza com mais largueza.

A partir da década de 20, e principalmente com maior intensidade na de 30, os arredores paulistanos conhecem uma nova forma de uso do solo: o da agricultura comercial. É a expulsão do "cinturão de chácaras" para a periferia da Metrópole.

Com a penetração de uma agricultura comercial, em domínios de um modo de produção caipira convivem, por um determinado tempo, sem maiores relacionamentos entre si dois modos de produção diferentes.

Constata-se aqui o que diz Milton Santos: "... Os primeiros movimentos de capitais e de homens que acompanham a instalação da nova atividade desencadeiam uma série de outros movimentos que conduzem a uma redistribuição da população e dos capitais disponíveis em espaços mais amplos, que se tornam desde então solidários" (9).

Esse processo definido por Santos, se produz nos arredores de São Paulo ao se concretizar a agricultura comercial, anulando as formas de agricultura caipira.



Do ponto de vista da organização do espaço a presença dos imigrantes nos arredores da organização de São Paulo, e, em especial, dos japoneses, acarretou uma mudança radical porque retalhou o espaço produtivo caboclo em pequenas unidades de produção familiar com uma alta productividade.

Eddy de F. Crissiuma escreve em 1935: "Os arrendatários (japoneses) da vizinhança de São Paulo, dedicando-se à pequenas culturas, chegaram em bem pouco tempo a resultados surpreendentes, não somente quanto ao valor da produção que hoje substitui produtos que éramos obrigados a importar, como também quanto à mudança radical de extensa zona que, há bem pouco tempo era completamente inculta e selvagem e hoje é cultivada com esmero" (10).

No entanto à medida que o processo de metropolização avança com outros "usos do solo" tais indústrias ou loteamentos residenciais, a especulação imobiliária que este processo gera produz uma redução das áreas agrícolas e, até uma interrupção das mesmas. Deixa-se a exploração agricola da terra ante a possibilidade de aliená-la para outros fins; é um pousio social a espera de nova valorização. Como consequência, há a expulsão da mão de obra que a explorava.

Por outra parte há que considerar que como os arredores de São Paulo pertencem a um país em vias de desenvolvimento existe uma valorização muito grande da terra, e os proprietários rurais cedem facilmente à especula-

ção imobiliária, porque também o valor da produção agrícola não acompanha os preços da terra. Decepcionados e com esperanças de entrar eles próprios numa atividade mais especulativa, se desprendem de suas terras para que elas entrem em novas formas de uso e valorização, sempre comandados pelos interesses da Metrôpole.

Concomitantemente à penetração da agricultura comercial nos municípios que constituem a Metrôpole paulista há uma outra forma de ocupação do espaço: os loteamentos para moradias e residências de fim de semana.

Penteado escrevia na década de 50 "Todavia o principal fator de crescimento da população da área em estudo (Os Subúrbios de São Paulo) foi a própria expansão da Capital paulista, que fez ali surgir zonas puramente residenciais (em que se localizam os que não suportaram o alto custo de vida da Metrôpole) e estimulou o estabelecimento de pequenos agricultores; que se dedicam a produzir para a população paulistana" (11). Continua, no mesmo trabalho, chamando a atenção para os "sucessivos loteamentos" ao longo da linha-tronco da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Todos os autores que escreveram sobre os subúrbios de São Paulo, a partir da década de 40, chamam repetidas vezes a atenção para estes fatos da organização territorial dos arredores de São Paulo.

Relembramos que tanto em direção à Santos-Jundiaí, como à Estrada de Ferro Central do Brasil, se fixaram os eixos de atração desses núcleos polarizados pela Capital.

"Para Leste, acompanhando os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil, alinham-se numerosos pequenos aglomerados suburbanos, uns pertencentes ao município da Capital, outros no gôzo da cobiçada mas um tanto ilusória autonomia político-administrativa: Itaquera, Guaianas, Poá, Itaquaquetuba e Suzano além de outros menores" (12).

"Através da via-férrea, escrevia Aroldo de Azevedo, na década de 40, desloca-se diariamente um número elevado de pessoas que vão trabalhar nas fábricas da Capital ou da região de São Miguel e nos estabelecimentos comerciais do centro urbano, demonstrando assim que, se outros laços não existissem, bastariam esses para prendê-los à Capital de São Paulo" (13).

Podemos afirmar que é uma característica do próprio processo de metropolização a expansão das áreas residenciais na periferia da cidade-núcleo. Isto também é uma decorrência do sistema econômico, onde a localização e distribuição do território da cidade se faz segundo as condições econômico-sociais dos seus habitantes. Esse crescimento de São Paulo (migratório e vegetativo) tem um significado especial no que concerne ao parcelamento e loteamento da terra porque, em última instância, é o responsável pela aglutinação de núcleos que foram isolados num outro momento e hoje já pertencem à malha urbana da Metrôpole. Isto já foi analisado e tratado no capítulo I deste como também pode ser observado nas cartas n<sup>o</sup>s. 5 e 7.

Como acompanhamos o processo de metropolização em Itaquaquecetuba podemos dizer que, cada vez mais, há uma expulsão dos pequenos sítios e chácaras para os limites com os municípios de Mogi das Cruzes e Arujá, dando lugar a uma verdadeira febre de loteamentos, retalhados em pequenas unidades. Há uma dispersa ocupação efetiva - consequência talvez do baixo poder aquisitivo de seus futuros moradores, de um lado e por outro, devido à falta total de infraestrutura de serviços nos loteamentos. Isso não estimula os interessados a sacrificar-se um pouco mais para conseguir pagá-los. São efeitos também de uma longa problemática de especulação imobiliária, que faz com que nem sempre esses lotes estejam livres de impedimentos judiciais e permitam a construção da vivenda.

"Cabe referir ainda os conjuntos ou vilas operárias que foram construídos por ocasião da instalação de grandes indústrias na periferia metropolitana" (14). Isto realmente aconteceu nos começos da instalação das indústrias nos municípios da Grande São Paulo. Essas "vilas operárias" eram contíguas às fábricas e, as casas, alugadas ou vendidas aos empregados. Na realidade essas moradias se destinavam, em especial, à mão-de-obra qualificada e não muito abundante. Era uma maneira de fixar a força de trabalho à fábrica para assegurar-se seus serviços. O valor dos terrenos e das construções permitia esse "luxo" por parte da empresa.

Assim, em Itaquaquetuba existe ao redor de uma indústria textil instalada na década de 40 e à pouca distância da estação ferroviária, um bairro feito pela indústria e que, ainda hoje, pertence a ela. Nas casas reside um pessoal com 30 a 35 anos de instalação nesse lugar.

Uma outra "variante" da especulação imobiliária, dirigida também pela Metrôpole são os sítios, chácaras e residências de fim de semana que, a partir da década de 50, começam a se intensificar nos arredores de São Paulo.

Langenbuch escreve a propósito: "Um fato a destacar é a grande especulação imobiliária que esta atividade ensejou, sobretudo durante a década de 1950. Loteamentos de chácaras recreativas surgiram por toda parte, alicerçados em hábeis campanhas publicitárias" (16).

Nas estradas municipais de Itaquaquetuba que são de velha ocupação como a do Corredor, a do Mandí, do Quebra-Rabicho, a do Bonsucesso, encontramos tal ocupação do solo entremeado com as chácaras e hortas de agricultura comercial. O contraste que marcam no uso do solo é em geral, muito grande, dado o luxo das casas, com piscinas, etc., enquanto nas vizinhanças observa-se a simplicidade, e até certo ponto a pobreza, das moradias dos agricultores japoneses e brasileiros. Aroldo de Azevedo descreve justamente esse contraste: "Constituem exceções as grandes residências com maior conforto, quase sempre de propriedade de moradores abastados que residem normalmente na Capital e as mantêm para os descansos de "week-end" (17).

Novas formas de especulação imobiliária foram também criadas pelas empresas, em forma de associação de loteamento de chácaras recreativas, organizadas como clubes de campo. É o caso do conjunto "Arujázinho", entre Arujá e Itaquaquetuba.

Todas estas formas de "uso do solo", decorrentes do sistema econômico e da acumulação de recursos na Metrópole, se inscreveram como uma importante característica dos arredores de São Paulo.

Atualmente a febre da valorização e especulação imobiliária está deixando de lado essas formas de organização de alto poder aquisitivo, em favor de loteamentos mais modestos da terra, para fins de moradia. Isso pode ser observado em Itaquaquetuba e se explica pelo fato de que o lucro revertido para a companhia de loteamentos é maior com residências operárias, em função de menores gastos de inversões em equipamentos, infraestrutura, propaganda, etc.

"Como acumulação e especulação andam juntas, a localização da classe trabalhadora segue os fluxos dos interesses imobiliários" (18).

Finalmente, nos anos 70, um novo fator de organização e transformação territorial vai se somar aos já mencionados em Itaquaquetuba, concretizando-se ainda mais o processo de metropolização - é quando se inicia no município o processo de industrialização.

A partir de São Paulo e, em "decorrência da ex pansão centrífuga" (19) da cidade, os capitais paulistas e estrangeiros se localizam em Itaquaquecetuba. Conforme Langenbuch, "... nunca houve na porção mais típica dos arre dores paulistanos uma concentração de capitais ou de con - tingentes humanos suficientemente significativa para gerar um desenvolvimento local endógeno". E prossegue, um pouco mais adiante. "Assim sendo, quando nas porções mais tí pi cas dos arredores paulistanos um aglomerado começa a se povoar ou se industrializar, isto se relaciona diretamente com São Paulo (20).

Há 2 elementos primordiais em Itaquaquecetuba que norteiam as indústrias expulsas da cidade de São Paulo:

19) - Terrenos extensos e baratos à disposição das empresas;

29) - Mão-de-obra também abundante e barata para as indústrias menos exigentes de especialização.

Entre 1973 a 1976, a Prefeitura de Itaquaquecetuba havia desapropriado enormes glebas de terrenos improdutivos e aberto concorrência pública para as indústrias se candidatarem a eles.

Juntavam-se assim, por feliz coincidência, dois elementos de máximo interêsse para as empresas. "As condi ções que elas assumem a nível de localização são as que de terminam o menor custo de produção e a máxima garantia de lucro. Nesse sentido, as escolhas de lô calização não são

as mais "racionais" mas as mais "eficientes\*", do ponto de vista do capital" (21).

É assim que as indústrias têxteis, de artigos de plásticos, de artigos de borracha, com grande necessidade de mão-de-obra não especializada, vão se localizar às margens da estrada velha São Paulo-Rio, onde os terrenos são extensos e baratos. É esse um eixo de comunicação que as põe em relação não só na força de trabalho de Itaquaquecetuba, como também dos municípios vizinhos e dos bairros de São Paulo.

As indústrias mais especializadas e com grande necessidade de terrenos, onde a mão-de-obra é, quase em sua totalidade, não residente em Itaquaquecetuba, se instalam em áreas de antigo domínio de atividades agrárias. Há uma penetração, um efeito de domínio sobre os pequenos chácaras que ou convivem em simbiose com a atividade industrial, ou vendem suas terras, cedendo às pressões da especulação imobiliária, tanto para instalação industrial como para bairros operários.

Outro fato a destacar é que, do expressivo número de indústrias que buscaram Itaquaquecetuba para se instalar (total de 104) não são todas elas grandes estabelecimentos fabrís. As de porte médio predominam assim como pequenas empresas que, favorecidas pelo transporte rodoviário conseguem intensificar seu relacionamento com o mercado consumidor.



Outrossim como o crescimento industrial acelera o processo de urbanização e vice-versa, houve em Itaquaquecetuba uma continuação do crescimento demográfico que a partir de 1950, e especialmente 1960, atinge o município, segundo dados já analisados no capítulo anterior.

"Do ponto de vista das empresas, o importante era contar com uma força de trabalho abundante e barata, que permitisse produção de um excedente elevado. A aceleração do fluxo migratório iria permitir a formação de um excedente de força de trabalho na cidade..." (22).

Outro elemento capital a se destacar, dentro do processo de metropolização em que se acha inserida Itaquaquecetuba, é que todos os fatos que, de algum modo, influem no poder de decisão, de comando, de gestão, de serviços, emanam da cidade Capital. Assim, todas as indústrias por nós entrevistadas e que foram tratadas no Capítulo I, têm seus escritórios centrais em São Paulo de onde se maneja a produção e a comercialização, e até mesmo o transporte, em algumas. Em síntese, o capital e as decisões sobre o seu emprego, partem da Metrôpole. Mesmo a produção do cinturão hor-ti-fruti-granjeiro, como também a de flores e plantas ornamentais possui sua comercialização a partir de São Paulo - ou para o próprio mercado ou para a Metrôpole carioca.

Assumimos aqui as palavras de Lysia C. Bernardes, que diz: "O fluxo que melhor expressa a integração metropolitana dada a sua intensidade e as consequências que

acarreta na vida do conjunto metropolitano e na sua organização espacial, é o fluxo de pessoas que se deslocam regularmente entre a periferia da aglomeração e o núcleo central, ou vice-versa, seja para alcançar seu local de trabalho, seja para outros fins como estudo, compras e, também, lazer. Esse importante movimento da população, que implica em deslocamentos de ida e volta, os chamados movimentos pendulares, exprime a um tempo, a integração econômica e social do conjunto" (23).

Na pesquisa de campo que realizamos em fevereiro de 1979 procuramos "medir" a intensidade dos deslocamentos temporários da população de Itaquaquecetuba.

Observamos um predomínio de homens para trabalhar diariamente na cidade de São Paulo, tanto seja em trem como em onibus que praticamente não apresentam maiores diferenças, segundo tabela nº 30.

Em segundo lugar aparecem as "compras" que são feitas tanto em São Paulo como nos municípios vizinhos à Itaquaquecetuba, ou seja Poá, Suzano e Mogi das Cruzes. Isso mostra a falta de um comércio mais especializado no município, fazendo com que a população tenha que se deslocar para obter o que necessita.

No que se refere ao trabalho, a população que reside no centro velho e nas áreas mais antigas de Itaquaquecetuba ainda se encontra fortemente ligada a São Paulo, remanescentes do período em que Itaquaquecetuba era consi-

TABELA Nº 30

## MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA

## Deslocamentos Temporários

<b>Sexo</b>	<b>M</b>	<b>%</b>	<b>F</b>	<b>%</b>	<b>T</b>	<b>%</b>			
	240	65	132	35	372	100			
<b>Motivo</b>	<b>Trabalho</b>		<b>Compras</b>		<b>Passeio</b>		<b>Estudo</b>		<b>T</b>
	200	52%	95	25%	60	16%	27	7%	382 100%
<b>Local</b>	<b>São Paulo</b>		<b>Itaq. (Centro)</b>		<b>Munic. viz.</b>		<b>Outros</b>		<b>T</b>
	209	58%	39	11%	76	21%	36	10%	360 100%
<b>Transporte</b>	<b>Trem</b>		<b>Ônibus</b>		<b>Carro</b>		<b>Outros</b>		<b>T</b>
	157	140%	160	41%	72	18%	6	1%	395 100%
<b>Frequência</b>	<b>Diária</b>		<b>Semanal</b>		<b>Outros</b>		<b>T</b>		
	204	57%	84	23%	71	20%	359	100%	

Fonte: 213 Questionários aplicados na área do Município de Itaquaquecetuba.

derada "subúrbio-dormitório". As mulheres (35%), tanto se ja dos bairros novos como dos mais antigos vão trabalhar no comércio dos bairros Leste da Metrôpole e também nas indústrias de confecção, localizadas nos arredores da estação ferroviária da Luz e Roosevelt.

Também nos interessamos por saber onde se abastecia e que artigos a população inquerida em Itaquaquecetuba procurava fora dela, dando as conclusões na tabela nº 31.

Itaquaquecetuba aparece em primeiro lugar em "alimentos" (60%) sejam estes adquiridos nas feiras livres ou nos supermercados ou vendas dos diferentes bairros. As respostas variam com as faixas salariais do pessoal pesquisado.

Quando o produto comprado exige um maior investimento ou "melhores" condições de compras, já aparece São Paulo e seus bairros limítrofes a Itaquaquecetuba, em primeiro lugar. O destaque maior realmente para "vestuário" (51%) e "eletrodomésticos" (55%) é para a Capital. De pois nenhum outro município, nem sequer um da importância de Mogí das Cruzes, adquire maior expressão.

Finalmente, também pesquisamos onde o morador de Itaquaquecetuba procurava os serviços de saúde, já que o município não conta com hospital. O único pronto-socorro particular que possui não tem atendimento permanente, servindo só em casos de extrema urgência. Dentista é o único

TABELA Nº 31

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
Abastecimento

	Alimentos	%	Vestuário	%	Eletrodom.	%	Outros	%
Itaquaquetuba	142	60%	44	18%	19	9%	34	21%
<u>São Paulo</u>	23	10%	122	51%	118	55%	76	48%
Itaim	31	13%	8	4%	9	4%	6	4%
São Miguel	19	8%	31	13%	28	13%	17	10%
Poá	14	6%	3	1%	7	3%	9	6%
Mogi das Cruzes	2	1%	20	8%	18	8%	9	6%
Outros	4	2%	11	5%	18	8%	8	5%
Totais	235	100%	239	100%	217	100%	159	100%

FONTE: 213 Questionários aplicados em fevereiro de 1979.

Os dados expressam mais de uma resposta.

TABELA Nº 32

MUNICÍPIO DE ITAQUAQUECETUBA  
Serviços de Saúde

Localidades	Dentistas	%	Médicos	%	Hospitais	%
São Paulo	125	66,1	105	50,3	112	52,6
Mogi das Cruzes	10	5,3	40	19,1	44	20,7
Suzano	15	7,9	36	17,2	44	20,7
Itaguá	22	11,7	13	6,2	—	
Poá	11	5,8	7	3,4	1	0,5
Outros Munic. vizinhos	6	3,2	8	3,8	12	5,5
Totais	189 <sup>(1)</sup>	100,0	209 <sup>(1)</sup>	100,0	213*	100,0

FONTE: 213 Questionários aplicados na área urbana de Itaquaquetuba em fevereiro de 1979.

\* Os dados expressam mais de uma resposta.

(1) Vários não consultam.

serviço que Itaquaquecetuba possui, embora não esteja ao al-  
cance de toda a população, por razões econômicas. Uma popu-  
lação de tão baixo poder aquisitivo não pode sequer pensar  
na possibilidade de atendimento dentário particular.

São Paulo aparece na tabela nº 32 com percentu-  
ais superiores para mais da metade da população pesquisa-  
da: 66,1% nos dentistas, 50,3% para médicos e 52,6% nos ser-  
viços hospitalares. É conveniente mencionar aqui que gran-  
de parte dos inqueridos se beneficia dos convênios das in-  
dústrias e dos serviços do I.N.P.S.. É justamente São Pau-  
lo-Capital que tem maiores condições de dar atendimento.

Mogi das Cruzes ocupa o segundo lugar, 19,1% pa-  
ra médicos e 20,7% para hospitais, pelas mesmas razões an-  
tes expostas.

Em relação aos outros municípios destacados de-  
vemos dizer que é motivado ou por relacionamento com o pro-  
fissional, no caso Dentistas de Suzano e Poá, ou por força  
dos convênios das empresas onde o pessoal pesquisado traba-  
lha, no que se refere a médicos e Hospitais. Por outra par-  
te, por ser Itaquaquecetuba um município "novo" de instala-  
ção industrial, as empresas particulares de assistência mé-  
dica (convênios) ainda ai não se localizaram obrigando os  
seus associados a deslocar-se a outros municípios aonde os  
serviços existem.

A mobilidade muito expressiva que há no interior  
da área metropolitana, propiciada pela expansão dos trans-  
portes, não deixa de refletir um certo desequilíbrio nas

condições de vida desses arredores. Um dos sintomas desse desequilíbrio é a necessidade que tem a população ativa mais qualificada de procurar trabalho em São Paulo ou em Mogi das Cruzes. São problemas decorrentes dos baixos níveis salariais e que se refletem na circulação inter-municipal.

Tais problemas apontados até aqui não são pertinentes só em Itaquaquecetuba. Pode-se portanto estender a toda a periferia de São Paulo, uma série de reflexões comuns, visíveis a nós na região Leste.

O grande fluxo industrial que está recebendo o município de Itaquaquecetuba não trouxe melhorias econômicas para a força de trabalho, mas deu a possibilidade à população ali residente ou que para lá foi atraída pelo trabalho, a comodidade de conciliar trabalho e residência.

Não fugindo à regra para os arredores de São Paulo, o município é palco de uma desmedida especulação imobiliária, especialmente no que se refere aos loteamentos residenciais para operários. Em consequência disso há uma falta total de serviços e de recursos de qualquer classe, uma vez que a própria característica da especulação é repartir os recursos de acordo com o poder aquisitivo da população. A periferia de São Paulo - na qual está inserida Itaquaquecetuba - só possui os mínimos serviços que essa massa de população pode pagar: luz elétrica. Os outros serviços como água, coleta de lixo, telefone só os usufruem uma pequena parcela de população, localizada no núcleo velho do municí-

pio de Itaquaquecetuba; isso para aqueles que possuem maior poder aquisitivo.

As condições de vida desta população dependem de uma série de questões ligadas às formas de produção e à distribuição da renda no país.

Sendo São Paulo a Metrôpole do país, é também o maior centro de acumulação econômica, em contraste, é onde se exacerba o deslquilibrium entre a acumulação do núcleo central e a pobreza da periferia.

A análise dos fluxos de relações sócio-econômicas que tentamos fazer dentro das condições em que foi realizada nossa pesquisa e nossa formação científica, nos parece ter atingido os objetivos de mostrar a integração de Itaquaquecetuba à Metrôpole, como parte do processo geral que estruturou a Grande São Paulo.

Fechando o nosso raciocínio poderíamos concluir dizendo que: O processo de metropolização está capturando e organizando o espaço do município de Itaquaquecetuba na medida que o processo de produção, e o processo de consumo que ai se instala não é mais que uma parcela de um sistema maior dirigido pelo centro de decisões que é a Capital Paulista.



NOTAS DO CAPÍTULO IV

- (1) - BRANDÃO LOPES, Juarez R.: "Desenvolvimento e Mudança Social", Cia. Editôra Nacional, EDUSP, São Paulo, 1968, p. 6.
- (2) - Idem, Op. cit., p. 19.
- (3) - BLAY, Eva, A.: \*Crise Urbana ou Crise de Reprodução do Capital", em: "A Luta pelo Espaço", Vozes, Petrólis, 1978, p. 14.
- (4) - CAMARGO, C.P.F. de e outros: "São Paulo, 1975", Crescimento e Pobreza, Ed. Loyola, 1976, Cap. I, p. 16.
- (5) - SANTOS, Milton, "Por uma Geografia Nova", HUCITEC, EDUSP, São Paulo, 1978, Cap. XII, p. 133.
- (6) - SANTOS, Milton: "Espaço e Dominação", in: Seleção de Textos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, nº 4, junho, 1978, p. 11.
- (7) - BERNARDES, Lysia M.C.: "Sobre o processo de Metropolização no Brasil", in: "Revista Geográfica", nº 71, dezembro 1969, p. 115 e segs.
- (8) - PENTEADO, A.R.: "Contribuição ao Estudo da Região Suburbana de São Paulo", in: Anais da A.G.B., São Paulo, 1957, Vol. IX, Tomo I, 1954-55, p. 211.

- (9) - SANTOS, Milton: "Espaço e Dominação", ... p. 5.
- (10) - CRISSIUMA, Eddy, de F.: "Concentração japonesa em São Paulo", in "Geografia", Ano I, nº 1, São Paulo, 1935, p. 113.
- (11) - PENTEADO, A.R.: "Os Subúrbios de São Paulo e suas funções", em: "A Cidade de São Paulo", Estudos de Geografia Urbana, A.G.B., C.N.G., São Paulo, Vol.IV, p.38.
- (12) - PENTEADO, A.R.: Op. cit., p. 48.
- (13) - AZEVEDO, A.: "Subúrbios Orientais de São Paulo", p.136.
- (14) - BERNARDES, Lysia, Op. cit., p. 118.
- (15) - LANGENBUCH, J.: Op. cit., p. 247.
- (16) - AZEVEDO, A.: "Itaquera e Poá...", p. 156.
- (17) - WILHEIM, J.: "São Paulo Metrôpole 65. São Paulo, D.E. do Livro, 1965, citado por CAMARGO, C.P.F. de e outros: São Paulo, 1975, Crescimento e Pobreza, p.26.
- (18) - LANGENBUCH, J.: Op. cit. p. 210.
- (19) - Idem.
- (20) - CALABI, D. e INDOVINA, F.: Op. cit., p. 4.
- (21) - FERREIRA DE CAMARGO, C. e outros, São Paulo, 1975, p. 25.
- (22) - BERNARDES, L.: Op. cit., p. 121.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SABER, Aziz N.: "A Região de Santa Isabel", em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, Vol. V. Tomo I, (1950-51)  
1953
- 1954 "A Geomorfologia do Estado de São Paulo". em: Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante, Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística, C.N.G., Rio de Janeiro.
- 1958 "O sítio urbano de São Paulo", em: A Cidade de São Paulo, Companhia Editora Nacional, Tomo I, São Paulo.
- AB'SABER, Aziz, N. e BERNARDES, N.: "Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo", Guia de Excursão nº 4, C.N.G.  
1958
- 1969 "O Quaternário na Bacia de São Paulo. Estado Atual dos Conhecimentos", em: Geomorfologia, Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, nº 8.
- ABRAMS, Charles: "O Uso da Terra nas Cidades", em: Cidades, A Urbanização da Humanidade, Zahar, Editores, Rio de Janeiro.  
1972
- ALMANACH DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO - Administrativo, industrial e commercial (fundado e organizado por JORGE SECKLER), São Paulo, Edt. Proprietários, Jorge Seckler e comp.  
1887

- AZEVEDO, Aroldo: "São Paulo da Vila Quinhentista à Metrôpole Regional", em: Boletim Paulista de Geografia, A.G.B. São Paulo, nº 39.  
1958
- ALMEIDA, Fernando F.M.: "O planalto Paulistano", em: A Cidade de São Paulo, Cia. Editôra Nacional, São Paulo, Tomo I.  
1958
- 1974 "Fundamentos Geográficos do Relêvo Paulista", Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Série Teses e Monografias nº 14.
- ANDERSON, James: "Ideologia em Geografia", em: Seleção de Textos nº 3, A.G.B., São Paulo, set.  
1977
- ARAÚJO Filho, José Ribeiro: "Alguns Aspectos da População da Cidade de São Paulo", em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, A.G.B. São Paulo, Vol. IX, Tomo I, (1954-55).  
1957
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE SÃO PAULO, Relatório apresentado pelo Presidente da Província Exmo. Snr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, São Paulo, TYPOGRAFIA A VAPOR de Jorge Seckler, e com.,  
1888
- AZEVEDO, Aroldo: "Subúrbios Orientais de São Paulo", F.F.C. e L., U.S.P., São Paulo.  
1945
- 1957 "Vilas e Cidades do Brasil Colonial" (Ensaio de Geografia retrospectiva), em: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, vol. IX, Tomo I, (1954-55).
- 1957 "Embriões de Cidades Brasileiras", em: Boletim Paulista de Geografia, A.G.B., São Paulo, nº 25.

- AZEVEDO, Aroldo e outros: "A Cidade de São Paulo", estudos  
1958 de Geografia Urbana, Companhia Editôra Na  
cional, São Paulo,
- AZEVEDO, Aroldo: "Itaquera e Poá, Subúrbios residenciais",  
1958 em: "A Cidade de São Paulo, Estudos de  
Geografia Urbana", Associação dos Geógra  
fos Brasileiros". Cia. Editôra Nacional,  
São Paulo, Vol. IV.
- 1959 "Aldeias e Aldeamentos de Índios", em: Bo  
letim Paulista de Geografia, Associação  
dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, nº 33,  
Outubro.
- 1960 "São Paulo, Metrôpole do Planalto", em:  
Guia de Excursão nº 3, XVIII Congresso In  
ternacional de Geografia, C.N.G., Rio de  
Janeiro.
- BERNARDES, Lysia M.C.: "Sobre o processo de Metrôpolização  
1969 no Brasil", em: Revista Geográfica, I.P.G.H.,  
Rio de Janeiro, dez., nº 71.
- BLAY, Eva Alterman e outros: "A Luta pelo Espaço". Vozes,  
1978 Petrópolis.
- BLUMENFELD, Hans: "A Metrôpole Moderna", em: Cidades, a Urba  
1972 nização da Humanidade, Zahar, Rio de Ja  
neiro.
- BORBA, Francisco A. Pacheco: "Anel Ferroviário será Eixo de  
1967 Sustentação", em: "Grande São Paulo o de  
safio do ano 2000" (Suplemento especial da  
Folha de São Paulo), caderno nº 3, São Pau  
lo.

- BRANDÃO LOPES, Juarez Rubens: "Desenvolvimento e Mudança Social", Cia. Editôra Nacional, EDUSP, São Paulo.  
1968
- BRUNO, Ernani Silva: "História e tradições da Cidade de São Paulo", Rio de Janeiro, José Olympio, 3 volumes.  
1953
- 1967 "Esboço da História do Povoamento de São Paulo", em: São Paulo, Terra e Povo, Editora Globo, Porto Alegre.
- BUNGE, Mário: "La Ciência, su Método y su Filosofía", Ediciones Siglo Veinte, Buenos Aires.  
1963
- CALABI, Donatella e INDOVINA F.: "Sobre o Uso Capitalista do Território", trad. de Lílíana Laganá Fernandes e Moacyr Marques, em: Archivio di Studi Urbani e Regionali, ano IV, nº 2, junho, p. 3-20, mimeografado.  
1973
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de e outros: "São Paulo 1975, - Crescimento e Pobreza", Edições Loyola, São Paulo.  
1975
- 1952 "Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos", F.F.C.L., da U.S.P., São Paulo, 3 volumes.
- CAMPOS, Francisco Cândido Malte: "Visão Metropolitana e o que ainda falta", em: Grande São Paulo, de safio do ano 2000 (Suplemento Especial da Folha de São Paulo), Caderno nº 3, São Paulo.  
1967
- CANABRAVA, Alice Piffer: "As Chácaras Paulistanas", in: Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. IV, Tomo I, (1949-50), São Paulo.  
1953

- CANABRAVA, Alice Piffer: "Esboço da História Econômica de São Paulo", em: São Paulo, Terra e Povo, Editôra Globo, Porto Alegre.  
1967
- CANO, Wilson: "São Paulo: Um caso típico de concentração industrial" em: Grande São Paulo, o desafio do ano 2000, (Suplemento Especial da Folha de São Paulo, Caderno nº 4, São Paulo.  
1967
- CARLOS, Maria Rodrigues: "Santana de Parnaíba son rôle dans la zone suburbaine de São Paulo (Brésil). Memoire présentê pour l'Obtention du Diplôme de Maitrise en Géographie, Inst. des Hautes Études de L'Amérique Latine, Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, (ex, mimeografado).  
1973
- CASAL, Manuel Aires de: "Corografia Brasilica ou Relação Histórico-Geográfico do Reino do Brasil", Edições Cultura, São Paulo.  
1943
- CASTELLS, Manuel: "Problemas de Investigaçãõ em Sociologia Urbana" Ed. Presença, Lisboa.  
1977
- 1975 "La Question Urbaine", Maspero, Paris.
- 1977 "A Questão Urbana", (posfácio), em: Seleção de Textos, nº 3, A.G.B., São Paulo.
- s/d "Imperialismo y Urbanizaciõn en América Latina". Edit. Guatavo Gili S.A., Barcelona, s/d.
- CAVALCANTE, Tércia Correia: "Barueri e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana". Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H. da U.S.P., (ex. mimeografado).  
1979

- CORRAGIO, José L.: "Consideraciones Teórico-Metodológicas sobre las s/d Formas Sociales de Organización del Espacio y sus Tendências en América Latina", em: Revista Latino Americana de Estudios Urbanos Regionales, nº 197.
- CORREA DA SILVA, Armando: "Ciência e Valor em Geografia", Métodos 1971 em Questão nº 2, Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo.
- COSTA, Emilia Viotti: "Cotia e Itapeverica da Serra, Subúrbios A- 1958 grícolas", em: A Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana. Cia. Edit.Nacional, São Paulo, Vol. IV.
- CRISSIUMA, Eddy de F.: "Concentração japonesa em São Paulo", em: Geo- 1935 grafia, Ano I, nº 1, São Paulo.
- DALMASSO, E.GUGLIELMO, R. et ROCHEFORT, M.: "Elements de Scien- 1969 ce Economique e l'usage des geographer", Tomo I, Les mecanismes économiques F. Hathan, Paris.
- DAVIDOVICH, Fany: "Tipos de Cidades Brasileiras", em: Revista Geo- 1964 gráfica, (IPGH), Rio de Janeiro, nº 60.
- DEFFONTAINES, P.: "Como se constituiu no Brasil a Rede das 1944 Cidades", em: Boletim Geográfico, C.N.G., Ano II, nº 14-15.
- DE LA CORTE, Nelson: "A Estrutura da Indústria no Estado de 1973 São Paulo. Uma proposição de uso da Cartografia como método de Pesquisa. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente - Presidente Prudente (São Paulo) (ex. mimeografado).
- DENIS, Pierre: "O Brasil no Século XX", Lisboa, Antiga 1973 Casa Bertrand/José Bastos e Cia. Editores, s/d.



- DOBB, Maurice: "A Evolução do Capitalismo", Zahar, Rio de Janeiro.  
1977
- DOWIDAR, Mohamed: "Les Concepts: Du Mode de Production à la Région", em: Espace e Societé, s/d, s/n.
- EGAS, Eugenio: "A Cidade de São Paulo", em: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo (Vol. XIV).  
1909
- 1925 "Os Municípios Paulistas", Publicação Oficial, São Paulo.
- 1930 "Diccionario Geográfico do Estado de São Paulo", Escolas Profissionais do Lyceu Co<sub>o</sub>ração de Jesus, 2a. Edição.
- ELLIS, Myriam: "Contribuição ao Estudo do Abastecimento das Áreas Mineradoras do Brasil no Século XVIII", em: Os Cadernos de Cultura, MEC, nº 124, s/d.  
s/d
- 1963 "As Bandeiras na Expansão Geográfica do Brasil", em: História Geral da Civilização Brasileira". Direção de Sérgio Buarque de Holanda, Dif. Européia do Livro, São Paulo, Tomo I.
- EMPRESA METROPOLITANA DE PLANEJAMENTO DA GRANDE SÃO PAULO(EMPLASA) Pesquisa origem-destino/77. Resultados Básicos, São Paulo.  
1978
- ENCARTE TÉCNICO, "Desenvolvimento e Zoneamento Industrial da Grande São Paulo", nº 36, EEMPLASA, São Paulo.  
1978
- FERREIRA, Emílio A.: "Mogy das Cruzes, Dados Históricos e notas diversas", Livraria Liberdade, São Paulo.  
1935

- FRANÇA, Ary: "A marcha do café e as frentes Pioneiras".  
1962 XVIII Congresso Internacional de Geografia,  
Guia de Excursão, nº 3, C.N.G., Rio de Ja-  
neiro.
- FRANÇA, Maria Cecília: "Pequenos Centros Paulistas de Fun-  
1975 ção Religiosa". Instituto de Geografia, USP,  
2 Vol. (Tese de Doutorado).
- FREITAS, Affonso de: "Dicionário Histórico, Topographico, Et-  
1928 nográfico Ilustrado do Município de São  
Paulo", Gráfica Paulista, São Paulo, Tomo I.
- 1906 "Geografia do Estado de São Paulo", Esco -  
las Profissionais Salesianas, São Paulo.
- FRANCESCONI, Léa: "A Mão de Obra Ocupada na Atividade In-  
1978 dustrial de São José dos Campos e Jacareí  
Movimentos Migratórios e Movimentos Pendu-  
lares". Dissertação de Mestrado. Departa -  
mento de Geografia da F.F.L.C.H., U.S.P.,  
São Paulo, (ex. mimeografado).
- FROMM, Erich: "Conceito Marxista do Homem", Zahar Editores,  
1975 Rio de Janeiro, Trad. Octávio Alves Velho.
- FURTADO, Celso: "Formação Econômica do Brasil", Fundo de  
1959 Cultura, Rio de Janeiro.
- FURTADO, Celso e outros: "Brasil, Tempos Modernos", Paz e  
1977 Terra, Rio de Janeiro.
- GEIGER, Pedro Pinchas: "Evolução da Rede Urbana Brasileira",  
1963 Instituto Nac. de Estudos Pedagógicos, Rio  
de Janeiro.
- GEORGE, Pierre: "Crítica geográfica do desenvolvimento ur-  
bano", em: Geografia Ativa. Difusão Euro -  
péia do Livro e U.S.P., p. 257.

- GEORGE, P.: "Conferencias no Brasil". I.B.G.E., Guanabara.  
1970
- GIST, Noel P. e HALBERT, L.A.: "A Cidade e o Homem".Ed. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1a. Parte.  
1959
- GODOY, Joaquim Floriano: "A Província de São Paulo - Diário do Rio de Janeiro", Rio de Janeiro.  
1875
- GOLDENSTEIN, Léa: "A Industrialização da Baixada Santista - Estudo de um Centro Industrial Satélite". Instituto de Geografia, U.S.P., (Tese de Doutoramento).  
1972
- GOTTMANN, Jean: "A Dinâmica das Grandes Cidades", em: Boletim Geográfico, I.B.G.E., ano 34, nº 251, out-dez.,  
1976
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento da Grande São Paulo. "Recursos Humanos na Grande São Paulo", São Paulo, V. I.  
1971
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Secretaria de Economia e Planejamento - Departamento de Estatística "Conheça seu Município", Vol. V.Tomo I.  
1974
- GRINBERG, Isaac: "Mogi das Cruzes de antigamente", Saraiva, São Paulo.  
1954
- GUIDUCCI, Roberto: "La Città dei Cittadini". Un'urbanistica per tutti. Rizzoli, Milano.  
1976
- HARVEY, David: "Social Justice and the City", Baltimore, The John Hopkins University.  
1955
- HEIMANN, Eduard: "História das Doutrinas Econômicas", Zahar, Rio de Janeiro.  
1965

- HOLLANDA, Sérgio Buarque de: "Raízes do Brasil", 3a. ed., revista e ampliada. Col. Documentos Históricos Brasileiros, José Olympio Ed., Rio de Janeiro.  
1956
- 1957 "Caminhos e Fronteiras", Col. Documentos Brasileiros, José Olympio Edit. Rio de Janeiro.
- HUBERMAN, Leo: "História da Riqueza do Homem", Zahar, Rio de Janeiro.  
1973
- KAUFMANN, Felix: "Metodologia das Ciências Sociais", Francisco Alves Ed., Rio de Janeiro.  
1977
- KOURGANOFF, V.: "La Investigación Científica", Cuadernos de Eudeba, Ed. Universidade de Buenos Aires, Buenos aires, nº 5.  
1974
- LACEY, Hugh A.: "Natureza e Desenvolvimento de Teorias Científicas : Um Conflito de Perspectiva", em: Ciência e Cultura, Departamento de Filosofia, U.S.P., São Paulo.  
1971
- LANGENBUCH, Juergen R.: "A estruturação da Grande São Paulo", Fundação I.B.G.E., Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro.  
1971
- LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre: "A Cidade de Salesópolis e suas relações com a Metrôpole". Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, U.S.P., São Paulo (ex. mimeografado).  
1978
- LEFREBvre, Henri: "O Direito à Cidade". Trad. R.C.Netto. Documentos, São Paulo.  
1968
- LEMOS, Amalia Inês Geraiges de: "Cotia e sua participação no Conjunto da faixa Periférica da Metrôpole"  
1972

- Paulistana". Dissertação de Mestrado apresentada no Departamento de Geografia da F.F.L.C.H., U.S.P., São Paulo (ex. mimeo - grafado).
- MAGEE, Bryan: "As Ideias de Popper", trad. de L. Hegenberg e O. Silveira da Mota, Cultrix, e Ed. da U.S.P., São Paulo.  
1974
- MARQUES, Manoel Eufrazio de Azevedo: "Apontamentos Históricos, Geographicos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo". Laemmert, Rio de Janeiro.  
1879
- MATTOS, Dirceu Lino de: "O Parque Industrial Paulistano", em: A Cidade de São Paulo, C.E.N., São Paulo, Vol. III, cap. I.  
1958
- MELLO, Astrogildo Rodrigues: "Imigração e Colonização", em: Geografia, Ano I, nº 4, São Paulo.  
1935
- MENDES, Renato Silveira: "As Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo". em: Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, C.N.G., Rio de Janeiro, Vol. IV.  
1944
- MOISÉS, José Alvaro e outros: "Contradições Urbanas e Movimentos Sociais", CEDEC, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro.  
1977
- MONBEIG, Pierre: "Aspectos geográficos do crescimento da Cidade de São Paulo", em: Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira, Difusão Européia do Livro, São Paulo.  
1957
- MONTEIRO, Carlos A. de F.: "Teoria e Clima Urbano", Instituto de Geografia, U.S.P., São Paulo.  
1976

- MONTEIRO, Carlos A. de F.: "Apontamentos para uma avaliação da Geografia do Brasil (1934-1977). (Um apelo à Filosofia da Ciência para esclarecer o papel do Método na solução de uma crise de identidade epistemológica" - Terceiro Encontro Nacional de Geografia, São Paulo, Simpósio: Metodologia na Geografia - Associação dos Geógrafos Brasileiros.  
1978
- MORAIS, Rubens Borba de: "Contribuições para a História do Povoamento em São Paulo, até fins do século XVIII", em: Boletim Geográfico, C.N.G., I.B.G.E., Rio de Janeiro, Ano III, set., nº 30,  
1945
- MULLER, Daniel P., "Ensaio d'un Quadro Estatístico da Província de São Paulo", O Estado de São Paulo, São Paulo.  
1923
- NAGEL, Ernest: "La Estructure de la Ciencia". Problemas de la lógica de la Investigación científica. Paidós, S.A., I.C.F., Buenos Aires.  
1968
- OLIVEIRA, Ariovaldo U.: "A lógica da Especulação Imobiliária", Bol. Paulista de Geografia, A.G.B., São Paulo, nov., nº 55.  
1978
- OLIVEIRA, Francisco de: "O terciário e a divisão social do trabalho", em: Estudos CEBRAP, nº 24, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, s/d.  
1977
- OLIVEIRA, José Joaquim Machado: "Noticia relacionada sobre as aldeias dos Índios da Província de São Paulo, desde seu começo até a actualidade". Rev. do Inst. Hist. e Geográfico Brasileiro, 2as. série, nº 2, Rio de Janeiro 2º trimestre.  
1846

- OLIVEIRA, Maria Niédja Leite de: "Embú e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana". Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H., da U.S.P., São Paulo (ex. mimeografado).  
1972
- PALEN, John: "O Mundo Urbano", Forense Universitária, Rio de Janeiro.  
1975
- PALHETA, Irani Gomes de Vasconcelos: "O Uso da Terra em Tauá Vigia, Estado do Pará". Tese de Doutorado, U.S.P., São Paulo (ex. mimeografado).  
1978
- PENTEADO, Antonio Rocha: "Contribuição ao estudo da região de São Paulo", em: Anais da A.G.B., Vol. IX, Tomo I (1954-55).  
1957
- 1958 "Os Subúrbios de São Paulo e Suas Funções"; em: "A Cidade de São Paulo, Estudo de Geografia Urbana". Cia. Editôra Nacional, São Paulo, Vol. IV.
- 1960 "A área suburbana de São Paulo e sua caracterização, em: Anais da A.G.B., São Paulo, Vol. XII, (1958-59).
- 1968 "O efetivo Humano e a Marcha do Povoamento", em: São Paulo, Espírito, Povo, Instituições. Pioneira, São Paulo.
- PETRONE, Pasquale: "As indústrias paulistas e os fatores de sua expansão". em: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 14.  
1953
- 1965 "O Povoamento Antigo e a Circulação", em: A Baixada Santista, aspectos Geográficos, V. II.

- PETRONE, Pasquale: "Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil",  
1960 em: Anais A.G.B., São Paulo, Vol. XII, (1958-59).
- 1964 "Os aldeamentos Paulistas e sua função na  
valorização da Região Paulistana". Estudo  
de Geografia Histórica. Tese de Livre-Docên-  
cia, apresentada a Cadeira de Geografia Hu-  
mana da F.F.L.C.H., da U.S.P., São Paulo (ex.  
mimeografado).
- PONTUSCHKA, Nidia Nacib: "Suzano e o impacto da industrializa-  
ção". Dissertação de Mestrado apresentada ao  
1979 Departamento de Geografia da F.F.L.C.H., da  
U.S.P., São Paulo (ex. mimeografado).
- POPPER, Karl: "A Lógica da Pesquisa Científica", trad. de  
1974 L. Hegenberg e O. Silveira da Mota, Cultrix  
e Ed. da Universidade de São Paulo.
- PRADO, Caio Junior: "Distribuição da Propriedade Fundiária Ru-  
1935 ral no Estado de São Paulo", em: Geografia,  
Ano I, nº 1, São Paulo.
- 1957 "Contribuição para Geografia Urbana da Cida-  
de de São Paulo", em: Evolução Política do  
Brasil e outros estudos. Brasiliense, São  
Paulo, 2a. edição.
- 1957 "O fator geográfico na formação e no Desen-  
volvimento da Cidade de São Paulo", em: Evo-  
lução Política do Brasil e outros estudos.  
Brasiliense, São Paulo (2a. edição) (ante -  
riormente publicado em Geografia, nº 3, São  
Paulo, 1935).
- 1972 "História Econômica do Brasil". Brasiliense.
- QUAINI, Massimo: "Marxismo e Geografia", trad. Liliana Laga-  
1979 nã Fernandes, Ed. Paz e Terra, Rio de Janei-  
ro.



RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, Anos: 1920, 1940, 1950, 1960  
1970.

SAITO, Hiroshi: "O japonês no Brasil - Estudo e Mobilidade e Fixação". Edit. Sociologia e Política, São Paulo.  
1961

SANTOS, Elina O.: "Tietê, o rio de São Paulo", em: A Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana. Cia. Editôra Nacional, São Paulo, Vol. I.  
1958

SANTOS, Milton: "Espace et Domination: Une Approche Marxiste", em: Revue Internationale des Sciences Sociales, Revue trimestrielle, Unesco, Paris, Vol. XXVII, nº 2.  
1975

1976 "Relações Espaço-Temporais no mundo Subdesenvolvido", em: Seleção de Textos nº. 1, A.G.B., São Paulo dez.

1977 "Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método", Boletim Paulista de Geografia, A.G.B., nº 54, São Paulo, junho,

1978 "Por uma Geografia Nova", Hucitec, EDUSP, São Paulo.

SAMPAIO, Theodoro: "São Paulo de Piratininga no fim do século XVI": Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. IV (1898 - 1899), São Paulo, s/d.

SAINT-HILAIRE, Augusto de: "Viagem a Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil. Província Cisplatina e Missões do Paraguai", trad. do original francês por Rubens Borba de Moraes. Martins, São Paulo.  
1948

- SAINT-HILAIRE, Augusto de: "Segunda Viagem a São Paulo e  
1953 Quadro Histórico de São Paulo". Biblioteca  
Histórica Paulista, Martins Editôra, São  
Paulo.
- SEABRA, Manoel: "Vargem Grande: Organização e transforma -  
1971 ções de um setor do Cinturão Verde Paulis  
tano". I.G. (USP), Série Teses e Monogra  
fias, nº 4.
- SEGADAS SOARES, M.T. de: "Critérios de delimitação de áreas  
1968 metropolitanas e as possibilidades de sua  
aplicação ao Brasil", em: Simpósio de Geo  
grafia Urbana, I.P.G.H., Rio de Janeiro.
- SILVEIRA, João Dias da: "Estudos sobre a evolução da repar  
1944 tição das densidades humanas no Estado de  
São Paulo", em: Anais do IXº Congresso Bra  
sileiro de Geografia, III, Rio de Janeiro.
- SINGER, Paul: "Desenvolvimento Econômico e Evolução Ur  
1968 bana". C.E.N., U.S.P.,
- 1975 "Economia Política da Urbanização", Brasi  
liense, São Paulo.
- 1975 "Curso de Introdução e Economia Política",  
Forense Universitária, Rio de Janeiro.
- 1977 "Desenvolvimento Econômico e Evolução Ur  
bana", Ed. Nacional, São Paulo.
- "A Economia dos Serviços", em: Estudos CE  
BRAP, nº 24, Ed. Vozes, Rio de Janei -  
ro s/d.

- SOMOZA, Paulino Ares: "El Materialismo Histórico". Uma Sociologia del Marxismo, Edit. Universitária de Buenos Aires, Buenos Aires.  
1970
- SCHMIKT, Carlos Borges: "Tropas e tropeiros", em: Boletim Paulista de Geografia, nº 32, São Paulo.  
1959
- VALLIM, Pedro E.: "Álbum dos Municípios do Estado de São Paulo", Gráfica da Revista dos Tribunais.  
1940
- WARTOFISKY, M.: "Introducción a la Filosofia de La Ciencia", EUDEBA, Buenos Aires.  
1972
- YUJNOVSKY, Oscar: "Notas sobre la investigación de la Configuración espacial interna y las políticas de uso del suelo urbano en América Latina" em: Revista Interamericana de Planificación, Buenos Aires, Vol. I, X, número 35, set.  
1975
- ZALUAR, Augusto Emilio: "Peregrinação pela Província de São Paulo" (1860-61), Martins, São Paulo.  
1953

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

